

NEUSA FALCADE

CORAÇÃO DE JESUS: HISTÓRIA, CULTURA E TEOLOGIA EM
TORNO DE UMA DEVOÇÃO RELIGIOSA

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Professor Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre
2010

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo Dom da vida e pela oportunidade do estudo e pesquisa em Teologia.

À Congregação das Irmãs Filhas do Sagrado Coração de Jesus, de forma especial a Província Nossa Senhora Aparecida, que proporcionou tempo e condições para o estudo e pesquisa.

Às comunidades das Irmãs do Colégio D. Hermeto de Três de Maio, Hospital Banco de Olhos de Porto Alegre e, especialmente, pelas Irmãs e Formandas da Comunidade Santa Margarida Maria da Vila Farrapos de Porto Alegre, comunidades onde tive o privilégio de conviver durante o período de estudo. Agradeço pelo apoio e compreensão.

À minha família pelo apoio, compreensão e incentivo.

Ao Professor Dr. Leomar Brustolin, Coordenador do Curso de Pós Graduação, pelo profissionalismo e dedicação.

Aos Professores do Programa de Pós Graduação da PUCRS pela partilha do saber.

Aos funcionários da secretaria, especialmente Monica Severo da Silva, pela dedicação e pelos serviços prestados.

Aos colegas da turma pelo companheirismo e, sobretudo, pela vida partilhada.

E, com muito carinho, agradecer ao Professor Orientador, Dr. Luiz Carlos Susin, pela riqueza de sua sabedoria partilhada e pela incansável orientação e ajuda no processo de pesquisa e sistematização da dissertação.

Resumo:

A presente dissertação apresenta uma visão histórica da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, desde seu nascimento na França, os conflitos enfrentados pela Igreja diante da aurora do mundo moderno e em meio aos desafios a presença de propagadores da devoção. Outro aspecto que mereceu atenção foi a introdução da devoção no Brasil, tendo presente que, antes do Coração de Jesus, já havia entre o povo brasileiro a devoção ao Senhor Bom Jesus com seus traços marcantes que respondiam à realidade de vida e de fé do povo. A segunda parte da pesquisa aprofunda o Coração na visão bíblica, como símbolo do amor humano e divino de Jesus, que deu a vida por amor à humanidade a ponto de ser transpassado seu Coração. E, por fim, elementos para atualizar a Teologia do Coração de Jesus, a partir do princípio misericórdia e da compaixão com o povo sofrido. A reação diante de um mundo de vítimas é o exercício da misericórdia, tendo presente um Deus que não suporta a maldade e as injustiças, especialmente com os mais empobrecidos.

Palavras – chaves: História, Devoção, Coração, Amor, Compaixão, Misericórdia,

Abstract:

This dissertation presents a historical overview of devotion to the Sacred Heart of Jesus, from his birth in France, the conflicts faced by the Church before the dawn of the modern world, and through the challenges the presence of propagators of the devotion. Another aspect that received attention was the coming of devotion to Brazil, being in mind that before the Heart of Jesus, already had among the Brazilian people's devotion to Our Lord Jesus with their characteristic features that correspond with the reality of life and faith of the people. The second part of the research deepens the Heart in Biblical view as a symbol of human and divine Jesus, who gave his life for the love of humanity and because of this he had pierced his heart. Finally, elements to update the Theology of the Heart of Jesus, from the principle of mercy and compassion to the suffering people. The reaction to a world of victims is the exercise of mercy, and this one God that does not support the evil and injustice, especially with the most impoverished.

Key Words - Devotion, Heart, Love, Cross, Compassion, Depleted, Mercy

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 DO SENHOR BOM JESUS AO CORAÇÃO DE JESUS	08
1.1 Trajetória histórica da devoção ao SCJ	09
1.2 Confrontação com o mundo moderno e com o protestantismo	22
1.3 A vinda do Coração de Jesus para o Brasil	29
1.3.1 O Bom Jesus antes do Coração de Jesus	30
1.3.2 Chegada do Coração de Jesus	36
1.3.3 A devoção reparadora	39
1.3.4 Cristo Rei do universo	41
2 PERSPECTIVA BÍBLICA	48
2.1 A linguagem simbólica do coração	49
2.2 O sentido bíblico do Coração	50
2. 2.1 Coração símbolo do amor humano e divino de Jesus	53
2.2. 2 Jesus manso e humilde de Coração	60
2.2. 3 O Coração transpassado do Filho e a Misericórdia do Pai	66
3 ELEMENTOS PARA UMA TEOLOGIA ATUALIZADA DO CORAÇÃO DE JESUS	73
3.1 Tenho compaixão desse povo: os transpassados de hoje	73
3.2 O princípio Misericórdia e o círculo da Compaixão	85
3.3 A Misericórdia e a “Ira” do Coração de Jesus	93
CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

INTRODUÇÃO

“Eu te louvo ó Pai porque revelastes estas coisas aos simples e pequeninos” (Mt 11, 25). É com júbilo que apresento essa dissertação como fruto de meu estudo e pesquisa.

Estudar o Coração de Jesus é estudar o que tem de mais precioso, pois o coração é símbolo da totalidade e profundidade do ser humano, nele contém o germe da vida e da missão. O Coração de Cristo é a plena revelação do mistério de Deus que continuamente se inclina compassivo e misericordioso sobre a humanidade.

A vida e a missão de Jesus de Nazaré a partir de seu coração foram pautadas pela compaixão e misericórdia, especialmente com os pobres e necessitados. Na dinâmica do coração o voltar-se para o outro é uma atitude essencial, e, com ele restabelecer sua dignidade de pessoa humana amada por Deus.

A prática misericordiosa implica em sentir com o outro, interiorizar seus sofrimentos. É poder entrar no coração, nos sentimentos e no íntimo de quem sofre e deixar-se tocar pela dor, sendo capaz de escutar as palavras não pronunciadas verbalmente e como Jesus, oferecer ajuda, seja de qualquer espécie. Quem está comovido com o outro é incapaz de aumentar seu sofrimento, portanto, não agride. A pessoa misericordiosa ama, e seu amor se traduz em atos que buscam recuperar a vida e a dignidade.

Deixar-se sensibilizar por quem está ferido, modifica a própria pessoa que experimenta este gesto como fidelidade a si mesma. A solidariedade humana adquire uma dimensão ainda mais profunda numa perspectiva de fé. Vemos então, o sofrimento com os olhos de Deus e nos compadecemos com o coração de Deus.

A solidariedade é pressuposto para que aconteça a misericórdia. É aliança que envolve o profundo do ser de quem oferece no ser de quem recebe, acontece uma humanização mútua. Deus se fez humano para que o ser humano se divinize, e, somente se diviniza o que é profundamente humano. Solidariedade é uma nova forma de relacionar-se, implica numa atitude humanitária continuada e comprometida.

O objeto da misericórdia não está no próprio eu, mas na pessoa do outro, sobretudo daqueles que sofrem ou passam necessidades. Há um consciente descentramento de si mesmo

em direção ao próximo ferido no caminho, com gestos de acolhida, respeito e empatia. O olhar é benigno e o coração cheio de ternura. Intui-se o que acontece no próximo num gesto solidário.

Como cristãos somos portadores da imagem de Deus. Seremos, de fato, ícones de seu amor infinitamente misericordioso na medida em que nos transformarmos interiormente, segundo o espírito de Deus. O amor é a expressão típica da misericórdia. Constitui uma caridade-em-ação perante o sofrimento. O processo para uma prática misericordiosa começa sempre pelo ver e ouvir. É o sentir com o coração que impele para a ação.

Na V Conferência dos Bispos em Aparecida foi reassumida a opção pelos pobres e excluídos e os Bispos assim se manifestaram: “Comprometemo-nos a trabalhar para que a nossa Igreja Latinoamericana e Caribenha continue sendo, com maior afinco, companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio (...). A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos” (DA n. 396).

Portanto, a Teologia do Coração de Jesus continua sendo uma proposta relevante para os dias atuais, pois, aponta caminhos para uma releitura da simbologia do coração como revelador da encarnação de Deus no mundo.

1 DO SENHOR BOM JESUS AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Para fazer um estudo aprofundado sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, sua influência no mundo católico e sua atualização para a Igreja, e para o mundo hoje, foi preciso perpassar a trajetória histórica da espiritualidade e teologia do coração que marcaram profundamente as raízes da devoção ao Coração de Jesus.

O período contemplado por esta dissertação é precedido por uma longa história que tem a ver praticamente com os dois mil anos de cristianismo. No primeiro milênio o acento cristológico mais positivo estava centrado no Mistério Pascal de Cristo. No final daquele milênio este Mistério estava absorvido pela divindade simbolizada no *pantocrator*. Por isso, se entende a reação de recuperação da humanidade de Jesus exemplificada nos escritos de São Bernardo e de São Boaventura em torno dos mistérios da vida de Jesus. A espiritualidade de São Francisco de Assis também influenciou fortemente a contemplação da humanidade de Jesus. Por outro lado, a teoria da satisfação vicária centrada na morte expiatória de Jesus iria se popularizar na centralização cada vez maior da paixão e morte de cruz. É necessário um aprofundamento desse quadro prévio sintetizado pela devoção ao Senhor Bom Jesus para depois entender a devoção ao Coração de Jesus.

Usarei como enfoque para o tema do Senhor Bom Jesus de forma especial o pensamento de Riolando Azzi¹ com a contribuição de outros autores. De início, lançarei um olhar sobre a devoção ao “Senhor Bom Jesus”, introduzida desde os primórdios do período colonial. Em seguida, uma trajetória histórica da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, os movimentos místicos que sustentaram essa devoção, bem como o confronto da Igreja Católica com o mundo moderno e o protestantismo.

E por fim, a devoção reparadora em que a Igreja, diante das influências do mundo moderno, convocava o povo a reparar os pecados cometidos contra o Coração de Jesus e, de certa forma, contra a própria Igreja. Era o período que se caracterizava por uma devoção de responsabilidades individuais. A partir dos anos 20 do século passado, o enfoque passava a ser dado sobre o Reinado de Cristo.

¹AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo Libertador. *Perspectiva Teológica*. Ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. 215-233

Toda essa trajetória servirá como iluminação para perceber a presença da Igreja na vida do mundo, mesmo que em situações adversas não tenha correspondido com as necessidades do povo, especialmente dos mais pobres, mas o Espírito de Deus que faz novas todas as coisas, oportunizou à Igreja momentos para manter vivo o profetismo e partir sempre de novo da proposta de Jesus de Nazaré e seu Coração Misericordioso.

1.1 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Para compreender a devoção ao Sagrado Coração de Jesus faz-se necessário um olhar sobre a realidade que perpassou a Europa a partir do século XVII, uma crise que assinalava uma virada importante no Ocidente europeu. A França foi sacudida por uma forte crise econômica, social e política.

Após ter conhecido momentos de crescimento e de riqueza, a França passou por uma longa crise econômica. A maioria do povo, com famílias numerosas, vivia no campo, onde 2/5 das terras eram improdutivas, com uma agricultura de subsistência. Com escassez de alimentos, também crescia a mortalidade. A média de vida era baixíssima: entre 20 e 25 anos. A alimentação era à base de pão de centeio. A saúde era precária, as doenças como: tifo, varíola, cólera, febre bubônica e outras antecipavam as mortes. “A curva ascendente, que o capitalismo traçara no século anterior tem uma inflexão, indo retomar sua força depois de 1730”.²

A França estava sob o comando dos “Luíses” absolutistas. A segunda metade do século XVII foi comandada por Luis XIV, o rei-sol, que reinou de 1643-1715 e a partir de 1677 no esplendoroso palácio de Versailles, no qual vivera uma corte ociosa, mundana e dispendiosa, divertindo-se às custas de pesados tributos impostos ao povo. Por sua vez, o povo vivia dias difíceis e os mais pobres experimentavam a dureza da miséria. Na tentativa de melhorar suas

² LIBANIO, João Batista. *O amor misericordioso do Coração de Cristo e a libertação integral do homem*. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 85

vidas organizava revoltas e manifestações campestres e urbanas. O contraste e a desigualdade entre o fulgor da corte e a situação de miséria do povo desencadeava conflitos sociais.³

No final do século XVII e início do século XVIII, houve uma profunda crise de valores que regiam a sociedade até então como: hierarquia, disciplina, ordem e autoridade. Uma consciência considerada cristã se tornava anti-cristã. Em lugar do direito divino, afirmava-se o direito natural; passava-se de uma sociedade dividida em ordens diferentes para o sonho de igualdade.

Neste período, desencadeava-se uma crise de sensibilidade religiosa. O mundo das regras e das medidas fora rompido pelo gosto da liberdade, com o surto do irracional e do contraditório. Perpassava na arte o misticismo, o sobrenatural, o emotivo, os encantos da natureza, da comunicação com as forças profundas do universo.⁴

Outras duas forças movimentaram o século XVII na França: O jansenismo e os libertinos. Para os jansenistas, a grandeza e a justiça divina estavam frontalmente contrapostas com a miséria e a fraqueza humana. Pregavam um Deus terrível capaz de enviar decretos incompreensíveis à história humana; “segundo os jansenistas, a criatura humana, ferida pelo pecado original, era indigna de comungar, de aproximar-se do Sacramento da Eucaristia”.⁵

No momento em que o jansenismo proclamava os rigores da justiça divina, a devoção ao Coração de Jesus foi um antídoto para suscitar nos fiéis o amor ao Senhor e a confiança na sua infinita misericórdia; por isso, “o que o rigorismo jansenista roubava com uma mão, o Coração de Jesus devolvia com a outra, devolvendo, sobretudo, a paz de coração diante da inquietude provocada pelos escrúpulos religiosos”.⁶

Nesse contexto de confronto entre jansenistas e a devoção ao Coração de Jesus, Luiz Carlos Susin afirma:

³LIBÂNIO, João Batista. O amor misericordioso do Coração de Cristo e a libertação integral do homem. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 85

⁴LIBÂNIO, João Batista. O amor misericordioso do Coração de Cristo e a libertação integral do homem. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 86

⁵SCHNEIDER, Roque. *A Espiritualidade do Coração de Jesus: Ontem e hoje*. .S. Paulo: Loyola, 2000, p. 17

⁶SUSIN, Luiz Carlos. *Viver, contar e pensar*. Porto Alegre: ESTEF, 2009, p. 21

“Diante dos exageros do jansenismo, o devoto do Coração de Jesus é convidado a uma ascese moderada, a se centrar decididamente no amor e na misericórdia infinita do Coração de Cristo. O sofrimento e a ascese se integram no amor, e a resposta de amor vem precedida de uma abundância imensa de amor por parte do coração de Deus. A comunhão frequente rompe as obsessões jansenistas, as nove primeiras sextas-feiras do mês revelam que a salvação está mais na união com Cristo do que no esforço da ascese e tornam mais confiante a salvação por iniciativa do amor de Deus. A centralidade do amor de Cristo pela humanidade faz respirar um clima positivo a respeito da condição humana, objeto de tanto amor. É um humanismo”.⁷

Os libertinos estavam em pólo oposto ao jansenismo, comungavam com alguns pressupostos, mas tiravam suas próprias conclusões. Adotavam um teor pagão de vida. Se de um lado se afastavam da Igreja, sob o pretexto da decadência moral do clero, das controvérsias religiosas e, sobretudo, das guerras de religião, doutro lado professavam uma teoria e uma prática de vida que serviam para aumentar a crise espiritual do século. Ambos, jansenistas e libertinos agravaram visivelmente a crise espiritual do século XVII.

Libânio situa a devoção moderna ao Coração de Jesus como um fenômeno que se deu, em parte, à margem da crise sociopolítica do século XVII. A Vida Religiosa, como instituição, vivia certo isolamento espiritual com relação ao mundo e se alimentava mais das correntes espirituais que dos conflitos da sociedade. Mais especificamente ainda, a vida contemplativa guardava distância e recuo do mundo, emergindo no universo das tradições religiosas. Entretanto, o fenômeno dessa devoção foi resposta para o momento cultural, por isso, propagou-se com velocidade acelerada.⁸

Os grandes promotores da devoção ao Coração de Jesus foram os membros da Companhia de Jesus. São João Eudes e Santa Margarida Maria Alacoque também muito contribuíram na divulgação e propagação desta devoção. Graças a São João Eudes, a devoção deixou de ser exclusivamente privada e tornou-se pública e oficial. Santa Margarida Maria a partir da experiência das revelações falava ao mundo que Deus, através de Seu Filho Jesus, queria estar mais presente na vida de seus filhos e filhas.

Por toda parte criaram-se associações religiosas em honra ao Coração de Jesus. Em 1698, eram 18; no ano seguinte, 28, e, logo depois, mais de 100. A festa do Sagrado Coração de

⁷SUSIN, Luiz Carlos. Introdução: “Coração de Jesus” uma obra de síntese com sabor patrístico. In: GILLONNAY, B. *O humano em Cristo*. Porto Alegre: EST Edições, 1996, p. 11-12

⁸LIBÂNIO, João Batista. O amor misericordioso do Coração de Cristo e a libertação integral do homem. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 87

Jesus já estava sendo celebrada em diversas dioceses da França e por decreto de 23 de agosto de 1856, firmado por Pio IX foi estendida como festa à Igreja Universal. Segundo a Encíclica *Haurietis Aquas*, “esse fato merece ser recomendado à lembrança perene dos fiéis, pois, como vemos escrito na própria liturgia da festa, desde então o culto do Sacratíssimo Coração de Jesus, semelhante a um rio que transborda, superou todos os obstáculos e difundiu-se pelo mundo todo” (HA n. 54).

Com a Revolução Francesa ficou limitado o poder político da Igreja na sociedade, e, com isso, a Instituição Eclesiástica fortaleceu sua doutrina defensiva e sua organização interna. Para a Igreja não se tratava de fugir do mundo, mas defender-se do mundo mau. Como bons cristãos eram considerados os que estavam sob a influência da Igreja e os que ficavam fora do controle eclesial eram vistos com reservas e restrições.

Para Libânio, a devoção moderna ao Sagrado Coração de Jesus surgiu da confluência de duas correntes espirituais e que alimentavam a vida interior católica francesa durante a primeira metade do século XVII, como verdadeira síntese entre elas.⁹

A primeira corrente estava ligada a uma longa tradição cristã, que acentuava a devoção à pessoa do Verbo Encarnado. Foi desenvolvida de modo especial pelo Oratório, tendo o Cardeal de Bérulle como principal figura. Chamada de escola francesa, ela procurava honrar a humanidade de Cristo, através do culto, da adoração, da reverência, da imitação e realização de suas virtudes.

Outra corrente espiritual da época era o humanismo devoto de São Francisco de Sales, com suas famosas obras da *Introdução à Vida Devota e Tratado do Amor Divino*. Deslocava o acento ainda mais para a dimensão do amor. Suavizava os traços mais fortes da escola francesa. Valorizava a bondade do ser humano, do mundo, a maravilha da criação, como reflexos da divina infinitude. Retomava traços do franciscanismo, com tons mais ternos, acessíveis ao povo.

Essas duas correntes espirituais, acima citadas, contribuíram para o crescimento da devoção moderna ao Sagrado Coração de Jesus, que encontrou por sua vez, duas vertentes simultâneas, mas com autonomia. Uma delas foi São João Eudes, já mencionado. Antes

⁹LIBÂNIO, João Batista. O amor misericordioso do coração de Cristo e a libertação integral do homem. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 88-89

mesmo que em Paray-le-Monial começasse o ciclo de revelações do S. Coração a Margarida Maria, São João Eudes já havia difundido a devoção sob diversas formas, inclusive, conseguido aprovação para celebrar a festa do Sagrado Coração de Jesus em algumas dioceses.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus apresentada pela escola eudiana tinha, em relação à de Paray-le-Monial, um caráter mais nobre, menos popular. Dirigia-se às pessoas consideradas mais trabalhadas espiritualmente. Era de cunho mais teológico e teocêntrico, acentuava o amor de Jesus ao Pai, com traço contemplativo. Salientava a união mística pela adesão de toda pessoa ao amor, em adoração íntima, silenciosa, unindo no culto o divino coração, o amor e a veneração.¹⁰

A escola de Paray-le-Monial, salientava a devoção ao coração-amor. Não apenas o coração como símbolo dos dons, virtudes, graças, mas o coração de carne do Homem-Deus. Coração como lugar das afeições, centro das dores interiores, um coração transpassado na cruz. Cultivava uma devoção a Jesus que revelava o que tem de mais profundo: o amor gratuito ao ser humano. Doutro lado, insistia no amor humano como resposta ao apelo do amor. Segundo a escola de Paray-le-Monial, uma devoção menos especulativa, simples, popular e mais ativa.

Do foco irradiador da França do século XVII, a devoção ao S. Coração vai conhecer diversas tendências ao longo dos séculos seguintes. Nas próprias revelações de Paray-le-Monial, encontravam-se as raízes dessas tendências:

Tendência de cunho reparador e dolorista. Para os jansenistas o mundo estava marcado pelo pecado e para os libertinos confirmavam a modernidade sempre mais contrária à religião e de modo especial à Igreja Católica. Diante da crescente hostilidade à Igreja, vista na perspectiva do pecado e ofensa a Deus, a devoção ao Sagrado Coração apresentava a pessoa de Jesus que sofria pelos pecados do mundo. Segundo o autor, “é o drama da reparação que

¹⁰LIBÂNIO, João Batista. O amor misericordioso do Coração de Cristo e a libertação integral do homem. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 89

súditos, rebeldes e ingratos, ameaçados de castigo, da cólera e da justiça do soberano, são chamados à reparação”.¹¹

Tendência devocional intimista: Como a modernidade valorizava a subjetividade através da racionalidade fria e calculista, por isso a devoção reagiu e houve uma valorização dos sentimentos íntimos e pessoais. A imagem do coração tornou-se o símbolo da intimidade, do centro da pessoa, da sede do amor.

Tendência milenarista: Apesar de à primeira vista parecer ser uma devoção voltada para a intimidade, sem nenhuma irradiação políticossocial, desde seu início, teve conotações sociais. A dimensão social da devoção foi interpretada numa dupla compreensão política: conservadora e progressista. A devoção na ótica conservadora desencadeava movimentos de salvação temporal e espiritual na França, buscava sua regeneração depois de períodos, considerados de decadência espiritual e moral. Na compreensão progressista a devoção proporcionava uma aproximação do mundo dos trabalhadores, estimulava a criação de associações beneficentes, corporativas e sindicais ao lado de obras de educação popular. Importante salientar que a “devoção ao Sagrado Coração de Jesus se associava a um sentimento de oposição ao laicismo, ao racionalismo, ao cientificismo, à francmaçonaria, à burguesia capitalista e aos traços desumanos da sociedade moderna”.¹²

Na visão religiosa da época, o mundo necessitava ser reparado do mal que sofria. Os hereges eram considerados os protestantes e espíritas, e os maus cristãos os que se deixavam influenciar pelas idéias liberais. Ao difundir-se no Brasil a devoção assumiu uma conotação bem específica: “a imagem do Coração de Jesus ultrajada era a transfiguração da própria Igreja Romana, cujos territórios na época eram progressivamente anexados ao reino da Itália, sob a influência da nova ideologia liberal e revolucionária”.¹³

A Igreja afirmava que é no Sacramento do altar que a unidade salvífica acontecia e se expressava. Por isso, diante da realidade atingida pela liberdade de ação espiritual e de uma

¹¹LIBÂNIO, João Batista. O amor misericordioso do Coração de Cristo e a libertação integral do homem. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 90

¹² LIBÂNIO, João Batista. O amor misericordioso do Coração de Cristo e a libertação integral do homem. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 95

¹³AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo Libertador. *Perspectiva Teológica*. Ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. 230

compreensão de sociedade onde as idéias de progresso, liberdade e de direitos humanos eram importantes, fazia-se necessário atos de reparação e desagravo por parte dos bons cristãos para compensar as atitudes dos que se opõem ao poder eclesiástico. Na compreensão da época, ofender o Coração de Jesus era ofender a Igreja.

A verdadeira fé católica se expressava na nova devoção sacramental, celebrada no recolhimento e silêncio dos templos. É aí que se manifestava a presença salvífica do Cristo. As práticas devocionais encontravam ampla receptividade entre os clérigos, os religiosos e as mulheres. Segundo Azzi: “os homens, por sua vez, passavam a dar prestígio à Hora Santa, devoção introduzida posteriormente, na qual passavam a noite em vigília, em adoração ao Santíssimo Sacramento, como forma de desagravo ao Coração de Jesus pelas ofensas recebidas”.¹⁴

A devoção ao Coração de Jesus, por centralizar-se na Eucaristia, mantinha uma acentuada dependência do clero. A devoção “Eucarística” do Coração de Jesus era apresentada como um divisor de águas: de um lado se encontravam os devotos, que se reuniam no templo, onde recebiam as graças de Deus. E de outro, as pessoas que permaneciam fora da Igreja, mantendo apenas uma vida religiosa externa e superficial.¹⁵

No período anterior, barroco e, no caso do Brasil, colonial, a visão teológica era alimentada pela devoção ao Senhor Bom Jesus, de caráter social e leiga, enquanto que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus é própria da teologia conhecida como ultramontana do século XIX, valorizada pelo clero e por pessoas e grupos vinculadas diretamente ao poder institucional da Igreja. Nesta nova perspectiva teológica, fazia-se uma distinção explícita entre corpo e alma, entre os interesses políticos e religiosos, entre uma visão natural e sobrenatural da existência. “Sendo assim, o devoto do Coração de Jesus é aquele que se dedicava aos interesses da Igreja institucional, pois a ela atribuía-se a competência de definir os interesses da humanidade”.¹⁶

¹⁴AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo Libertador. *Perspectiva Teológica* Ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. 228

¹⁵AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo Libertador. *Perspectiva Teológica* Ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. p. 227

¹⁶AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo Libertador. *Perspectiva Teológica* Ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p.229

Em 1773 foi supressa a Companhia de Jesus por Clemente XIV. Os inimigos da Igreja e os jansenistas acreditavam que a devoção ao Coração de Jesus tivesse recebido um golpe de morte. Pelo contrário, ficava ainda mais forte, mesmo sofrendo ameaças de guilhotinas, nos esconderijos dos perseguidos e nos campos de batalhas napoleônicas, milhões de imagens do Coração de Jesus foram espalhadas por toda a parte, convidando o povo a rezar, a fazer adoração, reparação e consagrar-se ao Coração de Jesus.¹⁷

Em plena Revolução Francesa fundaram-se Congregações Religiosas para suprir a falta dos Jesuítas. Foram fundadas, entre outras, a Sociedade do Coração de Jesus, na França; A Sociedade dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, na Alemanha; As Damas do Sagrado Coração de Jesus e as Damas de Santa Sofia Barat e a Congregação dos Sagrados Corações da Adoração Perpétua.

Em 1814, Pio VII retornava à França e restaurava a Companhia de Jesus, por considerá-la de vital importância para a restauração da Igreja, ameaçada pelo iluminismo com seu racionalismo, e por uma questão de justiça. Os jesuítas com o consentimento do Sumo Pontífice, reassumiram com um novo entusiasmo e disposição a propagação do culto ao Coração de Jesus.

Em 1844, nasceu o Apostolado da Oração, em Vals, na França, fundado por Gautrelet, Padre da Companhia de Jesus. Rapidamente atingiu todas as classes da sociedade. Reorganizado pelo Pe. Henrique Ramière espalhava-se por todo o mundo católico, atingindo de 30 a 40 milhões de associados. O segredo de tanta vitalidade estava na simplicidade fundamentada na devoção ao Coração Divino: oferecimento do dia ao Coração de Jesus com um sentido missionário; a comunhão pelo menos mensal e principalmente na primeira sexta feira do mês; a reza do terço ou ao menos uma dezena. “Essas práticas não eram uma simples devoção, eram uma vivência de amor, de reparação, de consagração à causa da fé, um apostolado através da oração”.¹⁸ Surgia nesta época também a revista *O Mensageiro do Coração de Jesus*, como forma de difundir ainda mais a devoção do Coração de Jesus, presente no mundo inteiro.

¹⁷SCHNEIDER, Roque. *A Espiritualidade do Coração de Jesus: Ontem e hoje*. .S. Paulo: Loyola, 2000, p. 26

¹⁸CARDOSO, Eugênio A. *Evolução histórica da Espiritualidade do Sagrado Coração nos ensinamentos da Igreja*. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 29

No ano de 1899, o Papa Leão XIII, concedeu direito litúrgico de Missa Solene em honra ao Sagrado Coração de Jesus, em todas as primeiras sextas feiras do mês. Nesse mesmo ano foram aprovadas a Ladainha do Coração de Jesus e, em 11 de junho do mesmo ano, o Papa Leão XIII consagrava o gênero humano ao Coração de Jesus.¹⁹

No período da Reforma Católica (1840-1920), uma das preocupações da Igreja, baseada em Trento, estava em construir um modelo hierárquico de Igreja. Apresentavam-se duas sociedades distintas: de um lado a sociedade civil e do outro a sociedade eclesiástica. Segundo a Igreja, era dever do Estado cuidar dos aspectos políticos e socioeconômicos; à Igreja cabia a missão de ocupar-se dos aspectos religiosos e da vida espiritual das pessoas.

Nesse contexto, a Igreja buscava defender sua liberdade e a plena autonomia frente ao Estado que vinha tomando os espaços anteriormente administrados pela Igreja. Diante do espírito mercantilista, resultado da Revolução Comercial, a Igreja difundia a Teologia do mérito, como resposta à mentalidade burguesa do capitalismo mercantil. Afirmava fortemente que existiam duas realidades no mundo: o efêmero de significado político e econômico e o espiritual, de valor eterno, ou seja, os méritos para o céu.

Com a perda dos Estados Pontifícios, acentuava-se uma visão de tipo maniqueísta entre Igreja e o mundo. Jesus passava a ser considerado um prisioneiro do Sacrário e se acentuava a necessidade de reparação frente ao mal do mundo, insistindo na responsabilidade pessoal de cada cristão diante do desígnio salvífico de Deus e ao mesmo tempo a necessidade de reparar com obras espirituais os pecados cometidos pelos maus cristãos e hereges.²⁰

Após a Primeira Guerra Mundial, em 1920, Papa Bento XV canonizou a Venerável Margarida Maria Alacoque, ocasião em que se rogava ao Coração de Cristo pela paz no mundo e o estímulo para que em todas as famílias tivessem uma imagem do Coração de Jesus.

Em 1928, Pio XI escreveu a Encíclica *Miserentissimus Redemptor* na qual convocava todos para a reparação e o desagravo ao Coração de Jesus, afirmando seu culto como uma síntese de toda a religião e regra de vida mais perfeita. Em 1956, centenário da extensão da festa do Coração de Jesus, o Papa Pio XII quis recordar o acontecimento com a Encíclica

¹⁹SCHNEIDER, Roque. *A Espiritualidade do Coração de Jesus: Ontem e hoje*. .S. Paulo: Loyola, 2000, p. 28

²⁰FERRARO, Benedito. *Cristologia*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 25-26

Haurietis Aquas propondo um estudo sobre a espiritualidade do culto ao Coração de Jesus e seu desenvolvimento histórico. O Papa João Paulo II em suas duas Encíclicas *Redemptor Hominis* e *Dives in Misericordia* pouco usou a expressão “Coração de Jesus”, porém, vê-se a espiritualidade perpassando as Encíclicas.²¹ No entanto, o Papa polonês provinha de outra tradição.

Luiz Carlos Susin destaca que na Europa, o Coração de Jesus se configurava em meio a um mundo em processo de secularização. A cultura dominante se tornava cada vez mais racional e científica, e a cultura moderna menos sacramental, menos eclesial, mais individual, mas o coração foi capaz de reunir os católicos pela confissão e pela comunhão nas primeiras sextas feiras de cada mês, pela oração e sofrimento reparador. “Na Europa, a contrarreforma católica encontrou no Coração de Jesus um amparo contra a erosão sacramental e sacerdotal produzida pelo protestantismo e, sobretudo, uma “recentralização” religiosa contra o iluminismo e a autonomia da modernidade”.²²

Durante o período da Idade Moderna muitos místicos contribuíram para o crescimento da devoção e seu desenvolvimento. Homens e mulheres na grandeza do espírito aprofundaram o mistério do Coração de Jesus.

São João Eudes (1601-1680), enérgico adversário do Jansenismo na França, estudou com os Padres da Companhia de Jesus e em 1623 ingressou no Oratório do Cardeal de Bérulle, cuja espiritualidade se fundamentava na contemplação do Verbo Encarnado. Em 1643, deixou o Oratório e fundou a Congregação de Jesus e Maria, uma Congregação de Sacerdotes dedicados ao Sagrado Coração de Jesus e ao Coração de Maria. Antes dessa data já havia fundado uma Congregação de Religiosas, introduzindo em ambas Congregações também a festa do Santíssimo Coração de Maria.²³

São João Eudes foi considerado um dos principais pioneiros da devoção popular ao Coração de Jesus e de sua expressão litúrgica. Era também um fervoroso devoto mariano. Não

²¹CARDOSO, Eugênio A. Evolução histórica da Espiritualidade do Sagrado Coração nos ensinamentos da Igreja. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p 31-33

²²SUSIN, Luiz Carlos. *Viver, contar, pensar*. Porto Alegre: ESTEF, 2009, p. 21

²³BOVENMARS, Eugênio. O ressurgir de uma devoção ou renascimento de uma espiritualidade. In: *A espiritualidade do coração*. São Paulo, Vozes, 1988, p. 38

se cansava de repetir: “O caminho mais curto e eficaz para aproximar os pecadores do Coração de Cristo é o coração de sua Mãe Santíssima”. Compôs uma Missa e Ofício em honra dos Corações de Jesus e Maria, de imediato aprovados pelo episcopado francês e, posteriormente, pelo Papa Clemente X, em 1674.

São Claudio de la Colombière (1641-1682), sacerdote Jesuíta, conhecido como o apóstolo do Sagrado Coração de Jesus. Contemporâneo de Santa Margarida Maria, compreendeu-a de imediato, buscando ajudá-la diante das incompreensões e dificuldades interiores e exteriores, para levar em frente a missão que o Senhor lhe confiara. Depois da morte de Claudio, Margarida Maria começou seu apostolado entre as Irmãs Visitandinas e nos mais de 150 conventos de sua Ordem.

Santa Margarida Maria de Alacoque (1647-1690), em 1671, entrou para a Ordem da Visitação, em Paray-le-Monial, na França. O noviciado foi marcado como época rica de abundantes graças. Escolhida por Deus para revelar ao mundo a devoção ao Coração de Jesus: o amor não-correspondido que pedia reparação de todos os fiéis. Tinha uma sede extraordinária em sofrer por Nosso Senhor e este lhe mandou muitos sofrimentos, de todos os tipos, tanto corpóreos como espirituais.

Entre os anos de 1673 e 1675, um pouco depois de sua Consagração Religiosa, Margarida Maria afirmava que o Senhor lhe aparecera em várias ocasiões. A primeira revelação ocorreu na festa de São João Apóstolo no dia 27 de dezembro de 1673, Jesus mostrou-lhe seu coração e as maravilhas de seu amor e os segredos conservados até aquela data.

As revelações de Jesus a Margarida Maria chamavam atenção para o “interior” de Jesus. A imagem do Coração deixava transparecer a chaga, cercado por uma coroa de espinhos. O Coração é uma alegoria da intimidade, do centro da pessoa, da sede do amor. Estava em jogo o essencial, o fundamental, manifestando assim o segredo da pessoa, a fonte escondida de suas atitudes e gestos. Para Libânio, “tudo o que vem do coração já é revelação”.²⁴

A devoção, a partir das revelações de Jesus a Santa Margarida Maria, foi assumindo características de cunho popular. Esta devoção foi orientada pela Igreja, garantindo assim sua legitimidade. Ao mesmo tempo, manteve um forte vínculo com o culto Eucarístico. A prática

²⁴LIBÂNIO, João Batista. O amor misericordioso do Coração de Cristo e a libertação integral do homem. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 92

mais enfatizada era a devoção da comunhão reparadora nas nove primeiras sextas feiras de cada mês. Como não podiam comungar sem antes confessar-se, desde o dia anterior, multiplicavam-se filas diante do confessional, em busca da absolvição Sacramental da Penitência. Grande parte da observância popular buscava garantia da salvação prometida nas aparições.

Por dez anos as revelações permaneceram em segredo. Somente em 1685, Margarida Maria conseguiu levar sua comunidade e os diretores espirituais a participarem da propagação do culto ao Coração de Jesus. Para Santa Margarida Maria a devoção ao Sagrado Coração de Jesus teve um significado muito importante, conforme o autor:

“significava uma vida de união com o coração amoroso e ferido de Jesus; significava sentir o que Ele sentiu, querer o que Ele quis, amar o que Ele amou. Uma vida de amor, de união e de amorosa reparação. Ter o seu amor e responder a ele; eis a significação fundamental da devoção para ela”.²⁵

Na sua quarta visão, Santa Margarida Maria assumiu o compromisso de instituir a Festa ao Sagrado Coração de Jesus. Os teólogos e a Congregação dos Ritos²⁶ questionaram: o que exatamente homenagear e por que? A primeira Teologia do Sagrado Coração, embora devesse ser uma reflexão desse misticismo de amor, transformou-se num campo de batalha. O que é exatamente o “Sagrado Coração” de Jesus? E qual a relação existente entre o Sagrado Coração e o seu amor?²⁷

Em 1675, no dia 16 de junho durante a oitava da Festa de *Corpus Christi* aconteceu a mais célebre das aparições. Margarida Maria estava diante do Sacrário, Jesus lhe apareceu e “queixou-se” nestes termos:

²⁵BOVENMARS, Eugênio. O ressurgir de uma devoção ou renascimento de uma espiritualidade. In: *A espiritualidade do coração*. São Paulo, Vozes, 1988, p. 44

²⁶Hoje, Sagrada Congregação para o Culto Divino.

²⁷BOVENMARS, Eugênio. O ressurgir de uma devoção ou renascimento de uma espiritualidade. In: *A espiritualidade do coração*. São Paulo, Vozes, 1988, p.45

“Eis o Coração que tanto amou os homens, que nada poupou até se exaurir e consumir para testemunhar-lhes seu amor, e por resposta não recebo da maioria senão ingratidões, irreverências e sacrilégios, friezas e desprezos, com que me tratam neste Sacramento de amor. Mas o que mais me sensibiliza é que há corações consagrados que assim procedem. É por isso que te peço que a Primeira Sexta Feira após a oitava do Santíssimo Sacramento seja dedicada a uma festa particular para honrar meu coração, comungando nesse dia e dando-lhe justa reparação por um reconhecimento público, para pagar as indignidades que tem recebido durante o tempo em que esteve exposto sobre os altares”.²⁸

Ao descrever a revelação que teve das cinco chagas, diante do Santíssimo Sacramento exposto num ostensório em forma de sol, Margarida Maria enfatizava que as chagas se apresentavam como cinco sóis. Também a coroa de espinhos que circundava o Coração de Jesus brilhava como raios de sol. Os raios de sol chamavam atenção para o reinado de Luis XIV, considerado o rei-sol e sua influência no mundo francês. Era a realidade política e social da França afetando uma devoção que, à primeira vista, parecia voltar-se inteiramente para o espaço da intimidade.²⁹

O Papa Inocêncio XII, dois anos após a morte de Margarida Maria Alacoque, concedeu indulgências plenárias a quem comungasse na sexta feira depois da oitava do Santíssimo Sacramento, em alguma Igreja da Visitação. E, foi somente em 1765, portanto, 75 anos após a morte de Santa Margarida Maria, que se encontrou uma interpretação Teológica aceitável pela Congregação dos Ritos. Segundo Bovenmars:

“O Coração corpóreo de Jesus é o “símbolo” de seu amor. O Coração humano de Jesus participa da adorabilidade de sua pessoa por causa do mistério da união hipostática, mas, na devoção abordada, veneramos o seu coração humano como símbolo de seus sentimentos, especialmente de seu amor”.³⁰

Durante a caminhada da Igreja sempre existiram pessoas como Margarida Maria, João Eudes, os Padres da Companhia de Jesus e tantos outros que viveram a contemplação do Coração de Jesus, inseridos plenamente na Igreja, com fortes doses de audácia e criatividade

²⁸CARDOSO, Eugênio A. *Evolução histórica da Espiritualidade do Sagrado Coração nos ensinamentos da Igreja*. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p.25

²⁹SCHNEIDER, Roque. *A Espiritualidade do Coração de Jesus: Ontem e hoje*. .S. Paulo: Loyola, 2000, p. 24

³⁰BOVENMARS, John. *O ressurgir de uma devoção ou renascimento de uma espiritualidade*. In: *A espiritualidade do coração*. São Paulo, Vozes, 1988, p 46

missionária. Com sabedoria harmonizavam oração e ação, silêncio e anúncio. Os caminhos novos que se abriram eram profundamente ativos e profundamente contemplativos.

Segundo Marcial Maçaneiro:

“A espiritualidade do Coração de Jesus teve historicamente um berço místico. Situou-se na esfera do mistério e da contemplação, antes de estar presente na devoção popular e receber uma explicação ou fundamentação da Teologia e do Magistério. Uma Teologia do Coração de Jesus seria totalmente vazia sem essa experiência de amor e de ser amado à maneira de Jesus de Nazaré, tendo sempre presente o Deus-Abbá com sua ternura e sentindo-se interpelado a viver esse amor mediante relações de fraternidade. Nenhum discurso teológico, por mais belo que seja, pode substituir esse dom e esse empenho. Aqui a experiência antecede a palavra”.³¹

Num mundo mergulhado no indiferentismo religioso, no secularismo, na injustiça e violência frente ao ser humano, poderá haver um distanciamento da pessoa de Jesus de Nazaré. O Coração de Jesus quer levar novamente o ser humano à fonte, à origem da revelação, de que Ele próprio é a memória viva. Revela a lógica da encarnação: o amor divino se fez carne a ponto do Coração do Redentor ser transpassado pela lança. A grandeza dessa devoção exprime para o ser humano, o sentido do amor misericordioso revelado a partir do Coração de Cristo.

1.2. CONFRONTAÇÃO COM O MUNDO MODERNO E COM O PROTESTANTISMO

Os Jesuítas tanto em Portugal como na colônia luso-brasileira, tiveram influência neste período na elaboração do pensamento católico. “Talvez o aspecto que mais coloque em evidência o movimento da contra-reforma no reino luso seja a hegemonia da Companhia de Jesus na esfera cultural”.³²

³¹MAÇANEIRO, Marcial. Oblação e solidariedade como Mística do coração. *Revista Grande Sinal*. Petrópolis, ano 51, p. 269-289, Maio/Junho, 1997

³²AZZI, Riolando. *A Cristandade colonial: Um projeto autoritário*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 38

A Companhia de Jesus expandiu-se numa época em que se afirmava o movimento da reforma tridentina, visando o fortalecimento da moral da Igreja contra a influência da mentalidade moderna e o restabelecimento do espírito de autoridade sacudida pelo movimento protestante. Os Jesuítas, além do domínio na área cultural, exerceram grande influência política junto à Coroa. Desse modo, o pensamento católico serviu com frequência de amparo, direto ou indiretamente, aos interesses políticos e econômicos da metrópole.³³

Com a modernidade, a Igreja Católica foi fortemente atingida, segundo Luiz Carlos Susin:

“desde o início da modernidade, estava ferida pela exagerada mundanização do renascimento que misturou elementos gregos aos bíblicos na volta às fontes e instaurou um modo mundano e ambíguo de vida no topo da hierarquia eclesiástica e da sociedade. Desde a Alemanha, a Igreja estava sendo dilacerada por uma necessidade imperiosa de reforma que acabou dividindo, até com guerras, toda a Europa”.³⁴

Conforme Comby, após a Revolução, surgiu um mundo que se constituía fora dos limites da Igreja: a sociedade industrial e urbana, as novas filosofias, as ciências naturais e históricas. Esse mundo estranho à Igreja combatia as tradições por ela transmitidas há séculos. Ao mesmo tempo, o catolicismo deveria conviver com as outras confissões cristãs às quais outrora poderiam recusar o reconhecimento oficial da Igreja Católica. Durante muito tempo os responsáveis religiosos ergueram barreiras contra as ameaças desse mundo exterior.³⁵

Diante dessa realidade, a Igreja mantinha a consciência que estava necessitando de reformas no seu interior. Nos Concílios, várias vezes se propuseram a fazer uma renovação interna, mas, em vez de eliminar as causas que geravam indisciplinas e heresias, a Igreja se limitava a combater os considerados hereges e fanáticos.

Na Igreja, a idéia de reforma é anterior a Lutero. Já havia o pressentimento entre as classes da sociedade e elites, porém, de forma obscura, que a “velha” Igreja deveria se retomar, não somente no sentido de uma correção dos abusos, mas, sobretudo para um retorno

³³AZZI, Riolando. *A Cristandade colonial: Um projeto autoritário*. São Paulo: Paulinas, 1987, p p. 39

³⁴SUSIN, Luiz Carlos. Introdução: “Coração de Jesus” uma obra de síntese com sabor patrístico. In: GILLONNAY, B. *O humano em Cristo*. Porto Alegre: EST Edições, 1996, p. 10

³⁵COMBY, J. *Para ler a História da Igreja II. Do século XV ao século XX*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 166

ao espírito evangélico, à Sagrada Escritura como alimento substancial, bem como para uma renovação espiritual de todos os cristãos.

O século XVI marcara a origem do mundo moderno, esse mundo que passava a questionar tudo, a começar pela unidade do Ocidente. Antes tudo parecia equilibrado, as disciplinas do espírito eram transcendidas na Teologia, o conhecimento de Deus, a arte simples, mas muito bela. Em torno da liturgia romana e do Papa, organizara-se uma sociedade, cujo latim era a língua única. Reis e o próprio imperador integravam-se numa hierarquia que nada deste mundo parecia poder desfazer.

Segundo Azzi:

“A necessidade de fortalecer o prestígio da Santa Sé mediante a união das forças católicas era decorrência da situação crítica pelo qual passava a Instituição Eclesiástica, em virtude do avanço progressivo das idéias liberais nos Estados e na sociedade. Esse grito de união espalhou-se pelo mundo católico, sobretudo quando o movimento da Unificação Italiana se corporificava através da anexação sucessiva dos territórios pontifícios ao Reino da Itália. Mediante o fortalecimento do poder religioso, procurava a Igreja compensar de algum modo a diminuição de sua ascendência política”.³⁶

Nesse contexto, a Santa Sé perdia gradativamente a influência e seu poder sobre a sociedade, por outro lado, cresceram no âmbito interno da Igreja, o prestígio e autoridade, fortalecendo a Instituição Eclesiástica como tal. No Brasil, clérigos ultramontanos e leigos juntaram-se ao movimento de apoio absoluto às diretrizes da Sé Romana. “A adesão à Santa Sé significava, portanto, fidelidade irrestrita à ortodoxia religiosa decorrente das diretrizes romanas”.³⁷

Como a preocupação principal da Igreja nesse período era a luta contra o avanço liberal, a Teologia era estruturalmente conservadora, do ponto de vista social. Os Padres ao término da Teologia e ao deixar o Seminário, possuíam uma visão religiosa mais forte, porém, demonstravam desinteresse pelas questões políticas e sociais de forma significativa. Essa

³⁶AZZI, Riolando. *O altar unido ao trono*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 120

³⁷AZZI, Riolando. *O altar unido ao trono*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 122

indiferença, não significava neutralidade, cada vez mais o clero era orientado pelas diretrizes da Santa Sé, marcadamente conservadora, quando não reacionária.

Os clérigos liberais, sob a inspiração da filosofia das luzes, procuravam defender na Assembléia Constituinte de 1823, a liberdade de consciência. A Sé Apostólica em nome da Ortodoxia e da exclusividade da fé católica reagiu com firmeza contra essa doutrina. O Papa Gregório XVI, com a Encíclica *Mirari Vos*, de 1832, condenou “a loucura da liberdade de consciência”, como “erro pestilento” que se espalhava cada vez mais e do qual nasceu a sociedade liberal.³⁸

Para a filosofia e a teologia neoescolástica, o ser humano era livre para seguir o caminho da verdade revelado por Deus, através da Igreja, e mencionado pelo magistério eclesiástico. Porém, desviar-se desse caminho sugerido pela Igreja, constituía abuso de liberdade.

Lutero tornou públicas suas ideias, que poderiam ter sido mais um desabafo de suas angústias e questionamentos interiores do que um projeto de reforma da Igreja. O que mais pesou contra a Igreja Católica foi a questão das indulgências, Lutero acusou a Igreja de estar vendendo indulgências. Diante das divergências criadas com Lutero, deu-se início a Reforma Protestante. Ao invés de reformar a Igreja, Lutero iniciou uma nova Igreja. Com a acusação de Lutero sobre a “venda de indulgências” pelo Papa, conseguiu jogar a Igreja católica contra os revoltosos, especialmente reis e príncipes, pois estes andavam descontentes ao ver tanto dinheiro sair de seus países e ir para Roma. Lutero conseguiu abalar a credibilidade da Igreja. Por essa razão, a Reforma ganhava apoio de príncipes e imperadores.

Para a Igreja Católica, a indulgência era considerada como um dom ou graça oferecida em nome de Deus Pai, pelos méritos de Cristo Redentor. Para alcançar uma indulgência eram necessárias disposições interiores e obras externas. As disposições interiores poderiam ser consideradas: a conversão do coração, a abertura para o Espírito do Senhor, a reconciliação com Deus e com os irmãos. As obras externas eram consideradas sinais e meios para a renovação da fé, na caridade e na vida em Deus. O Papa Julio II, em 1507, concedeu indulgência plenária a todas as pessoas que, tendo confessado e comungado, ajudassem na

³⁸AZZI, Riolando. *O altar unido ao trono*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 129

construção da nova Basílica de São Pedro, em Roma. Essa concessão foi renovada em 1514 pelo Papa Leão X.³⁹

Condições consideradas pela Igreja para lucrar indulgências:

“realizar obras de caridade com humildade; receber os Sacramentos da Confissão e da Eucaristia (dentro do período de 20 dias antes ou depois do dia estabelecido para a indulgência); realizar peregrinação em grupos ou individualmente, visitando santuários indicados, rezando o terço ou viassacra ou outras orações. As obras externas, naquele tempo, eram também: ajudar a construir orfanatos, hospitais, casas de caridade, igrejas, dar esmolas, ajudar as Cruzadas”.⁴⁰

Para Lutero não havia nenhuma relação entre salvação e “boas obras”. Para ele a salvação dependia somente da fé, como obra exclusiva de Deus e não dependia de nenhuma obra. Sua doutrina fundamentava-se nas palavras de São Paulo aos Romanos: “O justo vive da fé” (Rm 1,17). Seria inútil o ser humano fazer alguma coisa para salvar-se, suas obras não lhes dão nenhum merecimento de salvação. Somos salvos unicamente pelos merecimentos de Jesus. Lutero sustentava a ideia de que o ser humano nunca é justificado internamente. É como se Deus não visse os pecados ou fechasse os olhos diante das maldades humanas. No processo de salvação, o ser humano precisava crer e confiar em Deus. E a única fonte de fé era a Bíblia, desconsiderando e rejeitando a Tradição da Igreja.

Com a Reforma Luterana deu-se início a uma nova fase da história. Nascia não só uma Igreja, mas uma nova política, uma economia e uma sociedade nova. A salvação pela fé trazia um desprezo pelas instituições e uma independência do cristão frente ao Papa e aos bispos. Os príncipes ficavam mais fortalecidos e autônomos. Começavam as lutas entre príncipes católicos e luteranos. A Alemanha dividiu-se, Carlos V ficou com os Católicos e Frederico III, da Saxônia, com os Protestantes.

Lutero gastou sua vida no estudo e na pregação do Evangelho. Extraordinária era sua força de vontade, tinha consciência de sua capacidade. Sonhava com uma Igreja pura e santa.

³⁹CECHINATO Luiz. *Os 20 séculos de caminhada da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 242

⁴⁰CECHINATO Luiz. *Os 20 séculos de caminhada da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 242

Tratava seus adversários com ironia. “Seu erro não estava no fato de lutar por uma reforma religiosa, mas na forma como implantou essa Reforma, separando-se da Igreja”.⁴¹

Conforme Susin, nesse contexto de reformas,

“a Palavra de Deus na Bíblia estava no centro da reforma como *norma normans non normata*, autoridade por cima da autoridade hierárquica da Igreja, inspiração de um novo modo de ser cristão desde uma autoridade sem misturas com política e mundanidade”.⁴²

No ano de 1530, numa tentativa de evitar a multiplicação de confissões religiosas, Lutero promoveu a famosa Confissão de Augsburgo, que foi uma profissão de fé organizada por seu discípulo Melanchton. A primeira parte do documento expõe a doutrina evangélica com vinte e um artigos e a segunda trata das questões litúrgicas e das instituições e contém sete artigos.

Na encruzilhada da reforma e da contrarreforma estava o Concílio de Trento. Naturalmente, os participantes do Concílio de Trento que teve seu início no dia 13/12/1545, tomavam posições perante o protestantismo, opondo-se à Confissão de Augsburgo, com definições canônicas sobre três pontos essenciais: a Escritura, o papel da fé e das obras e os Sacramentos.

Contra Lutero, o Concílio afirmava que a justificação não era obtida somente pela fé nem pela convicção de estar justificado, mas também pelo compromisso com as obras. Quanto aos Sete Sacramentos, o Concilio considerava que eles não são simples alimentos da fé dos fiéis, nem simples sinais, eles contém realmente a graça. O próprio Lutero em 1518 e depois em 1520 havia apelado à Organização de um Concílio “cristão e livre”, ou seja, não convocado pelo Papa, no qual Padres e leigos tivessem a voz deliberativa.⁴³

Nesse período de 1520 em diante, a Igreja reforçava sua vinculação com Roma. Com a separação entre Igreja e Estado, o Vaticano teve liberdade para interferir nas instituições católicas. Após o Concílio Vaticano I (1869-1870) esse processo se intensificou, pois

⁴¹CECHINATO Luiz. *Os 20 séculos de caminhada da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 253

⁴²SUSIN, Luiz Carlos. Introdução: “Coração de Jesus” uma obra de síntese com sabor patrístico. In: GILLONNAY, B. *O humano em Cristo*. Porto Alegre: EST Edições, 1996, p. 10

⁴³CECHINATO, Luiz. *Os 20 séculos de caminhada da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 184

favoreceu para uma interferência ainda mais direta da Santa Sé nos rumos da reforma da Igreja. Seguindo o pensamento de Aldino Segala, a Igreja se distinguiu pela:

“reorganização eclesiástica, formação do clero, combate ao liberalismo, a maçonaria, o protestantismo, o cientificismo e o socialismo, rejeição da modernidade, centralização do governo da Igreja católica em Roma, expansão das Ordens e Congregações Religiosas, desenvolvimento de novas devoções religiosas europeias, desenvolvimento de um ensino católico paralelo ao oficial, como parte de projeto pastoral de formar também elite católica. Essas transformações já estavam em curso desde a Revolução Francesa, porém ganharam forma no papado de Pio IX (1846-1878) e foram implementadas com os Papas Leão XIII (1878-1903) e Pio X (1903-1914). Transformando-se internamente, o catolicismo descobriu novas mudanças sociais e novas formas de hegemonia social”.⁴⁴

Em meados do século XVI, quando os Jesuítas chegaram ao Brasil, circulava em Portugal o movimento da contrarreforma. Como a presença de luteranos ou calvinistas era insignificante no reino lusitano, o movimento reforçava a posição da Coroa contra os novos cristãos, em parte responsáveis pela ascensão da burguesia, bem como estimulava uma atitude negativa com relação às posições literárias, científicas e filosóficas do Humanismo. Conforme Azzi: “Foi exatamente a tendência progressiva para transformar o homem no eixo das reflexões sobre a realidade, anteriormente centrada ao redor de Deus, que motivou uma reação católica de cunho nitidamente conservador”.⁴⁵

E, no início do século XVII, estabeleceu-se no Brasil uma cristandade contrarreformista, da qual os Padres da Companhia de Jesus foram os principais responsáveis e defensores. Marques de Pombal considerava a expulsão dos Jesuítas de Portugal e das colônias como uma condição para a modernização do Estado, dentro dos novos padrões impostos pela burguesia europeia. Em terras brasileiras, porém, durante o período em que tinham atuado na colônia, os Padres da Companhia de Jesus eram fiéis ao Trono.

À medida que a classe burguesa era tomada pelo entusiasmo do progresso, pela confiança na racionalidade e otimismo com relação à natureza humana, os pensadores ultramontanos

⁴⁴SEGALA, Aldino. A Igreja Católica no Rio Grande do Sul: da separação do Estado às vésperas do Vaticano II. In: BERNARDI, José (org) *História e missão da Igreja no RS*. Porto Alegre: EST edições, 2007, p. 52

⁴⁵AZZI, Riolando. *A Cristandade Colonial*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 38

reforçavam a visão negativa com relação ao ser humano e ao mundo. Segundo Azzi, essas atitudes traziam efeitos no Brasil:

“O modelo de Igreja que se procura implantar no país, dentro dos moldes do Concílio de Trento e, em seguida, também sob a influência do Concílio Vaticano I, corresponde a uma sociedade marcadamente hierárquica, onde a parte de chefias, de doutrinação e de exercício do culto passa cada vez mais a ser direito exclusivo dos clérigos”.⁴⁶

A Igreja Católica, apesar de todas as crises e dificuldades, manteve a esperança de um novo nascimento. Rejeitando o pesado fardo que a “civilização cristã” lhe havia imposto e reconhecendo suas falhas, suas deficiências, limitações e faltas, procurava encontrar meios adequados para transmitir e levar à vida a mensagem de acordo com o projeto evangélico.

Na vida da Igreja e do mundo moderno, a “devoção” ao Coração de Jesus contribuiu para corrigir os exageros do jansenismo, fazendo frente aos aspectos reducionistas do iluminismo e do protestantismo, renovando a presença católica, o clero, os sacramentos, a vida de oração e da ação. Partindo da intimidade mística, invadindo todos os âmbitos da Igreja, tomando uma dimensão pública como Rei e Redentor.⁴⁷

1.3 A VINDA DO CORAÇÃO DE JESUS PARA O BRASIL

A devoção ao Coração de Jesus ao chegar no Brasil, encontrou amplamente difundido a devoção ao Senhor Bom Jesus, que estava presente na vida e na história do povo brasileiro. Por isso, é importante destacar essa fé popular antes de falar do Coração de Jesus.

⁴⁶AZZI, Riolando. *O altar unido ao trono*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 127

⁴⁷SUSIN, Luiz Carlos. Introdução: “Coração de Jesus” uma obra de síntese com sabor patrístico. In: GILLONNAY, B. *O humano em Cristo*. Porto Alegre: EST Edições, 1996, p. 10

1.3.1 O Bom Jesus antes do Coração de Jesus

Durante o período medieval a devoção ao Senhor Bom Jesus, originária de Portugal ocupava um lugar de muita importância na religiosidade popular. Sua origem estava vinculada a um período em que a Igreja se identificava com a sociedade sob o modelo de Cristandade. A implantação do catolicismo no Brasil se fez sob o regime do Padroado Régio. Desse modo, a fé católica chegava ao Brasil inserida no projeto colonizador.⁴⁸

O Brasil vivia sob o regime colonial e, para as famílias trazidas de Portugal, era uma terra estranha considerada lugar de sofrimento e exílio. Preocupadas em garantir amparo e proteção, buscavam no Senhor Bom Jesus a força para continuar trabalhando e lutando.

A característica fundamental da devoção popular ao Senhor Bom Jesus estava no aspecto leigo e social. Devido à escassez do clero nas zonas rurais do país, os leigos se organizavam para a manifestação de suas crenças e devoções, dirigindo-se diretamente ao Santo protetor sem a necessidade da mediação clerical. A vila tornava-se o ponto de encontro para as festas do Natal, Padroeiro, Festa Junina e especialmente nas celebrações de cunho penitencial como a Semana Santa.

Neste período, o Senhor Bom Jesus era venerado e cultuado em oratórios domésticos, cruzeiros e viassacras, lugares de destaque perto ou dentro de vilas e cidades coloniais. A devoção era incrementada através de confrarias e irmandades, cujos membros se encarregavam da construção da capela, cuidavam de sua manutenção e do sucesso das festas. Nesse tipo de organização religiosa atuavam principalmente os homens e, aos poucos, as mulheres foram abrindo espaço para a sua participação.⁴⁹

A devoção ao Senhor Bom Jesus estava centrada no mistério da Paixão e Morte de Cristo. O povo via nos sofrimentos de Jesus seus próprios sofrimentos. Para a religiosidade popular a segunda sexta-feira da quaresma era considerada um dia especial, celebravam a procissão do Senhor dos Passos, servindo como preparação para a Semana Santa. A Irmandade dos Passos

⁴⁸AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. 21

⁴⁹AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*. ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. 217

era encarregada da divulgação e promoção da devoção. A primeira procissão foi realizada em São Paulo, no ano de 1681, refazendo os passos da viassacra: sua flagelação, a cruz às costas, passando pela queda e o encontro com Maria e Verônica.

Segundo Azzi, o Cristo Sofredor simbolizava o sofrimento de diversas formas: O Senhor coroado de espinhos, era o Bom Jesus da Cana Verde, tendo nas mãos um madeiro, simbolizando seu cetro. O Senhor dos Passos trazia a cruz às costas, dolorosamente inclinado para frente, com um joelho em terra, atitude de quem estava oprimido pelo peso do madeiro. O Senhor do Bom Fim, era o Cristo no alto do Calvário. E por fim, o Senhor Morto, sua imagem colocada em posição horizontal sobre um caixão, tendo ao seu lado a Virgem das Dores, conhecida também como Nossa Senhora da Soledade ou Compadecida, cujo coração apresentava-se transpassado por uma lança. Para o povo devoto todas as imagens que representavam o drama da Paixão eram consideradas vivas, pois eram portadoras de graças, vida e saúde para os fiéis.

A procissão do Senhor Morto ou do Enterro era uma das mais antigas procissões da Semana Santa. Riolando Azzi relata como era conduzida a procissão e a celebração com o Senhor Morto no Rio de Janeiro:

“no Rio, a celebração era solene: sob um luxuoso pálio, cercado de curiais com tochas de cera roxa, vinha o esquife de prata, transportando a imagem do Senhor Morto, semi-coberto por um manto violeta com franjas de ouro. Os varais do caixão assentavam sobre os ombros de clérigos tonsurados. Concluído o itinerário, o cortejo se recolhia ao templo e a multidão se precipitava para ouvir o sermão das Lágrimas ou de Nossa Senhora da Soledade, sempre a cargo de um orador de fama”.⁵⁰

No Brasil multiplicaram-se os locais onde o Senhor Bom Jesus era venerado e da mesma forma sua Mãe, a Senhora das Dores. Em Salvador, na Bahia, a devoção ao Senhor do Bom Fim teve seu início em 1745 por Teodósio Rodrigues de Faria, então capitão da Marinha. E, no final do século XVII, na Bahia, foi promovida por Francisco de Mendonça Mar a devoção ao Bom Jesus da Lapa e, no início do século XVIII, o culto estava amplamente difundido.

Na Romaria da Lapa, o povo com devoção cantava:

⁵⁰AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. 220

“Senhor Bom Jesus da Lapa, é Santo de caridade,
 Ele dá esmola aos cegos e aos pobres aleijados
 Somos romeiros de longe, a fé é que nos conduz
 Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus”.⁵¹

No Santuário o povo sentia a presença de Jesus compassivo. Os romeiros partiam com sentimento de tristeza e cantavam: “Quando eu saí da Lapa avistei a Santa Cruz. Da Lapa saí chorando com saudades do Bom Jesus”.

E ao Senhor do Bom Fim expressavam:

“Meu Bom Jesus do Calvário vossa cruz é de oliveira
 Vós sois a mais linda flor que nasceu entre as roseiras
 Vossa divina cabeça foi cravada com espinhos
 Pelo amor dos meus pecados sofrestes Senhor do Bom Fim”.⁵²

A propagação do culto ao Bom Jesus de Matozinhos teve seu início em meados do século XVIII, com o português Feliciano Mendes. Os fiéis inicialmente rezavam ao pé de uma cruz, erguida à beira da estrada, num lugar conhecido como Alto do Maranhão, em Congonhas do Campo. Em seguida, construíram uma capela rústica e colocaram a imagem do Bom Jesus. A capela transformou-se em Igreja e, em 1775, foi abençoada pelo Bispo diocesano, tornando-se um local de importantes romarias.⁵³

Como interpretar o conjunto dessa “devoção Cristológica”? O povo contemplava em Jesus a solidariedade de Deus diante de suas dores e fragilidades, dando-lhes dignidade e resistência para não fraquejar, mantendo um sentido de vida apesar de todo sofrimento. Para eles, não bastava simplesmente aceitar o sofrimento porque Jesus também havia sofrido, era preciso fazer deste sofrimento uma experiência de compaixão, por isso, o Senhor Bom Jesus não podia ficar abandonado, era preciso sofrer com Ele, estar com Ele na dor e refazer o caminho do Calvário. Conforme Luiz Carlos Susin, “o segredo deste círculo de compaixão é, sem dúvida, o amor. Por trás da cruz ou da cabeça de Jesus sofredor aparece uma aura com raios

⁵¹AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. 221

⁵²AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. 222

⁵³AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. 219

de glória, anúncio de ressurreição. A glória do amor que redime do mal e santifica o pecador tem este alto preço de sofrimento de quem ama”.⁵⁴

Como a devoção ao Senhor Bom Jesus despertava o sentimento de compaixão. A Igreja Católica desafiava os fiéis a aceitarem pacificamente o sofrimento da vida terrena e, por outro lado, ter uma atitude compassiva para com o sofrimento do outro, ou seja, a solidariedade nos momentos de dor e sofrimento. Segundo Azzi, “para o cristão, a Com-paixão de Cristo teve dois enfoques complementares: aceitação do sofrimento pessoal, unido à paixão de Cristo e solidariedade para com os outros, mediante o compadecimento de seus sofrimentos”.⁵⁵

Nos versos que o povo entoava, transparecia a confiança e a proximidade com o Senhor dos Passos que caminhava com seu povo especialmente os mais sofridos:

“Abre a porta povo que vem Jesus
Ele vem cansado com o peso da cruz.
Ai Senhor dos Passos, vós contaís meus passos
Vós mesmo livrais-me de algum embaraço
Que Jesus é meu e eu sou de Jesus
Jesus vai comigo e eu vou com Jesus”.⁵⁶

A partir de meados do século XVIII foram inúmeras as Igrejas e Capelas dedicadas ao Bom Jesus, muitas consideradas Santuários, atraindo cada ano centenas de milhares de peregrinos, intensificando ainda mais entre as camadas populares o sentimento religioso.

Durante este período, a paixão e morte de Jesus eram consideradas pela Igreja como expiação dos pecados do povo cristão. Nessa perspectiva teológica, a ideia de mundo era vista como lugar de expiação e de exílio no qual o ser humano fora relegado em consequência do pecado original. Essa visão negativa do mundo era típica do final da Alta Idade Média, presente na oração da Salve-Rainha, onde se afirma que estamos “gemendo e chorando neste vale de lágrimas” e Jesus Ressuscitado somente será vislumbrado depois da morte: “e depois deste desterro, mostrai-nos Jesus”. Nesse contexto, a vida cristã era concebida como uma

⁵⁴SUSIN, Luiz Carlos. *Jesus Filho de Deus e Filho de Maria*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 147-148

⁵⁵AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. 221

⁵⁶AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. 221

“fuga do mundo” e as Ordens Religiosas contemplativas eram exaltadas como expressão da perfeição cristã.⁵⁷

As autoridades eclesiásticas do Brasil, colonial, como as da Cristandade medieval, não se opuseram a essa forma de religiosidade popular, desde que cumprissem as obrigações oficiais do culto, depois o espírito poderia ser alimentado através das práticas devocionais populares.⁵⁸

O humanismo renascentista unido à “*devotio moderna*” fez da humanidade de Cristo o centro da piedade. O Cristo glorificado das grandes catedrais da piedade medieval do século XIII, cedeu lugar ao Cristo Homem, à presença de Deus que assumiu a condição humana por amor e por amor sofreu e se ofereceu em sacrifício pela redenção da humanidade.

“Esta centralidade do Cristo-Homem aparece nas obras mais expressivas da arquitetura barroca, como o famoso teto da Igreja do Gesù em Roma, da autoria do Pe. Pozzo ou no forro da atual Sé da Bahia, antiga Igreja do Colégio dos Jesuítas, com o sol brasonando o monograma IHS – Jesus Salvador dos Homens – emblema da Companhia de Jesus”.⁵⁹

O Renascimento é expressão da confiança no humanismo, que não conheceu sofrimento e nem morte. Por isso, ficava limitado a grupos sociais poderosos, famílias ilustres, não chegando aos humildes do povo que serviam nas casas dos poderosos. Nas casas dos pobres, a familiaridade com o sofrimento e a proximidade da morte, a necessidade de voltar o olhar para além e buscar um socorro celeste, eram experiências cotidianas.⁶⁰

Os Católicos iluministas tiveram a intenção de purificar a religiosidade popular e suas manifestações consideradas ignorantes. Entre 1759-1840, no Brasil notava-se uma tentativa de apresentar uma nova imagem de Jesus, articulada:

⁵⁷AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. 222

⁵⁸AZZI, Riolando. A Cristandade colonial: um projeto autoritário. S. Paulo: Paulinas, 1987, p. 215

⁵⁹VAZ LIMA, José Carlos. O Culto ao Coração de Jesus na religiosidade popular. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 161

⁶⁰SUSIN, Luiz Carlos. *Viver, contar, pensar*. Porto Alegre: ESTEF, 2009, p. 16

Com uma Igreja Nacional: caracterizada pelo liberalismo, tentando quebrar a dominação quer religiosa, quer política;

Com a participação política: tentando evitar que a religião continuasse sendo utilizada como instrumento de dominação. Houve uma tentativa de aproximação entre fé católica e libertação do povo;

Com o ideal de liberdade: a luta pela liberdade teve como pressuposto a negação da teologia tradicional que garantia o caráter sagrado do poder monárquico.

Essa tentativa de construir uma imagem libertadora não ultrapassou os limites da intelectualidade e teve nessa época pouco ou quase nenhuma adesão popular.

Na América Latina, com a realidade do povo sofredor, o barroco ainda hoje, triunfa com capacidade de conviver com os contrastes: o fascínio e a penitência, a migração e o retorno ao sagrado, a pobreza e a riqueza, o feio pode se tornar belo. A espiritualidade barroca continua se tornando conforto das feridas, leveza diante da seriedade e das maldades da vida, festa em meio à tragédia humana. Até mesmo o carnaval, “festa dionisíaca e cristã barroca cujo segredo é, metaforicamente, criar inversões e possibilidades oficialmente impossíveis, integrando incongruências, continua sendo uma metáfora séria da sensibilidade, da espiritualidade e do pensamento no Brasil”.⁶¹

Na compreensão de Luiz Carlos Susin,

“mesmo modernizada, a espiritualidade barroca pode ser considerada uma das heranças mais preciosas da história da América Latina, que continua a dar frutos com muita originalidade, apesar das versões oficiais em contrário. Talvez, porém, ao invés de o futuro pertencer ao catolicismo barroco tradicional, pertença a um cristianismo barroco modernizado”.⁶²

Na realidade de empobrecidos e de inúmeros sofrimentos na América Latina, a devoção ao Cristo Sofredor continua a alimentar a fé de muitos católicos, sobretudo nas regiões rurais ou em meio à população pobre que vive nas áreas suburbanas. Neste imenso Continente de empobrecidos a fé vem carregada de uma esperança viva capaz de suportar as cruzes que lhe

⁶¹SUSIN, Luiz Carlos. *Viver, contar, pensar*. Porto Alegre: ESTEF, 2009, p. 126

⁶²SUSIN, Luiz Carlos. *Viver, contar, pensar*. Porto Alegre: ESTEF, 2009, p. 126

são impostas e ainda num gesto solidário ajudar outros a carregarem suas cruzes ou aliviar seu peso.

1.3.2 Chegada do Coração de Jesus

A partir de meados do século XVIII, chegava ao Brasil uma nova forma devocional: a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Esta foi trazida por diversas Congregações Religiosas masculinas e femininas de origem europeia. Tinham o Coração de Jesus como elemento de identidade, ou estava incluído entre as principais devoções. A vinda do Coração de Jesus visava também a colaboração com o Episcopado na Reforma Católica do clero e do povo cristão. Como o objetivo era a divulgação da nova devoção, os Religiosos davam pouca importância e atenção à antiga tradição religiosa vivida pelo povo brasileiro, e com frequência criticavam as atitudes devocionais do povo.⁶³

Os Religiosos e Missionários que chegaram ao Brasil, sobretudo no final do século XIX, trouxeram junto com o Coração de Jesus o Imaculado Coração de Maria. A importância da presença de Nossa Senhora para o povo brasileiro tem ainda hoje, um significado de proximidade, de familiaridade, por isso, que Luiz Carlos Susin afirma: “a cada Cristologia corresponde uma Mariologia”.⁶⁴

O Brasil passava, no final do século XIX por momentos difíceis. Era o tempo da separação da Igreja e Estado, o que dava à Igreja a possibilidade de comandar os rumos de sua caminhada eclesial e, “nisso o Coração de Jesus foi companheiro da romanização, da sacramentalização e da nova figura do clero, independente da política e mais fortemente aliada de Roma”.⁶⁵

Numa época clericalizada, o sacerdote, como ministro da Eucaristia, era considerado e valorizado como “outro Cristo”. Em consequência disso, o sacerdote se dedicava com

⁶³AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n.45, maio-agosto de 1986, p. 223

⁶⁴SUSIN, Luiz Carlos. *Viver, contar, pensar*. Porto Alegre: ESTEF, 2009, p. 21

⁶⁵SUSIN, Luiz Carlos. *Viver, contar, pensar*. Porto Alegre: ESTEF, 2009, p. 22

exclusividade às coisas sagradas: o exercício do seu ministério devia ser realizado prevalentemente no altar, no púlpito e no confessionário. A Igreja procurava afastar os seus ministros de uma presença no meio do mundo, pois a sociedade do século XIX era considerada, inimiga dos seus interesses, veiculando doutrinas desagregadoras da fé e da moral católica.

Com o consentimento da Santa Sé, a devoção ao Coração de Jesus apresentava-se com um caráter de legitimidade e contava com o apoio dos Bispos Reformadores. A Companhia de Jesus, após a expulsão pombalina, em 1759, retornava ao Brasil durante o Segundo Reinado. Dentre os Jesuítas de origem espanhola, alemã e italiana, destacou-se o Pe. Bartolomeu Taddei, do Colégio São Luís de Itú, conhecido como o apóstolo do Coração de Jesus no Brasil. Com Taddei, a devoção ao Coração de Jesus passava a ocupar o lugar do Bom Jesus na tradicional concepção de Igreja conforme a Cristandade.

No Brasil, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus seguiu as mesmas orientações dos países europeus:

”Na devoção de reparação, com confissão e comunhão, cada um era individualmente convocado e fortalecido. O Coração de Jesus ajuda a formar o indivíduo. Por isso as Congregações missionárias, com uma perspectiva geralmente pedagógica, educadora aportaram com o exercício educador da devoção ao Coração de Jesus”.⁶⁶

Desde o princípio, a devoção ao Coração de Jesus mantinha uma vinculação com o culto da Eucaristia, tornando-se “Coração Eucarístico”. Segundo Azzi, no Coração de Jesus e no Coração Eucarístico

“aparecem com nitidez a ideia de Cristo como companheiro do ser humano e sua trajetória sobre a terra, um dos fundamentos da tradicional devoção ao Bom Jesus. Agora, porém, acentua-se que o lugar onde se evidenciam esses vínculos de amizade entre Cristo e o fiel é nos recintos dos templos, junto do altar onde se celebra ritualmente o mistério cristão da Paixão e Morte de Cristo”.⁶⁷

⁶⁶SUSIN, Luiz Carlos. *Viver, contar, pensar*. Porto Alegre: ESTEF, 2009, p. 22

⁶⁷AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n.45, maio/junho de 1986, p. 225

Em Mariana, encontra-se o registro da fervorosa piedade do bispo D. Manuel da Cruz, amigo dos Jesuítas, a quem confiara a direção do seminário por ele fundado. Em meados do século XVIII, D. Manuel introduziu na Catedral uma imagem do Coração de Jesus que foi em seguida retirada pelos cônegos, que não concordaram com a nova devoção. No dia sete de outubro de 1752, D. Manuel presidiu à entronização de uma nova imagem do Coração de Jesus no altar de São José na Catedral, mas os cônegos, em protesto, abandonaram o coro à entrada do prelado.⁶⁸ A imagem de um Jesus modernizado chocava com a imagem do Jesus barroco até então venerada.

No século XIX, a propagação da devoção aconteceu de forma bastante rápida, sobretudo pela ação dos bispos reformadores, como Dom Viçoso, e dos missionários populares, sobretudo os Lazaristas, Jesuítas e posteriormente os Capuchinos no sul do Brasil. Em muitos escritos chegaram a destacar a propagação da devoção ao Sagrado Coração de Jesus como um dos elementos essenciais para o esforço do afervoramento religioso do povo do período imperial.⁶⁹

Os Lazaristas franceses, convocados para fortalecer o movimento de reforma católica muito contribuíram na divulgação da devoção ao Coração de Jesus. Padre João de Santo Antônio, formado na escola dos Lazaristas de Mariana, tornou-se o apóstolo dessa devoção em Minas Gerais, construindo em Vista Alegre, município de Sete Lagoas, um templo ao Coração de Jesus. Progressivamente foram se multiplicando no Brasil altares, capelas e Igrejas dedicadas ao Coração de Jesus ou ao Coração Eucarístico de Jesus.

Para Libânio:

“Essa devoção toca o ponto central da revelação cristã. Está no centro o amor misericordioso de Deus, que se patenteia na expressão simbólica do coração. Expressão que, apesar de pequena incidência sua simbologia bíblica, encontra lá pontos de apoio suficiente para alimentar ao longo de séculos uma devoção ao amor de Deus”.⁷⁰

⁶⁸AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n.45, maio/junho de 1986, p. 225

⁶⁹VAZ LIMA, José Carlos. O Culto ao Coração de Jesus na religiosidade popular. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 168

⁷⁰LIBÂNIO, João Batista. O amor misericordioso do Coração de Cristo e a libertação integral do homem. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 82-83

1.3.3 A devoção reparadora

A devoção reparadora fazia parte da devoção ao Coração de Jesus. Trazia consigo um sentido de “responsabilidade pessoal de cada cristão no desígnio salvífico de Deus, ao mesmo tempo em que se ressaltava a necessidade de reparar com obras espirituais os pecados cometidos pelos hereges e maus cristãos”.⁷¹

O Papa Pio XI escreveu a Encíclica *Miserentíssimus Redemptor* promulgada em oito de maio de 1928, acentuando o aspecto intimamente ligado à consagração: a reparação ao Coração de Jesus, apresentada no sentido de desagravo pelo qual, unidos á obra redentora de Jesus, o ser humano apelava e recorria à misericórdia divina, para o seu próprio bem e de toda a sociedade e, assim, textualmente se manifestou: “Nenhuma força criada era suficiente para expiar os crimes dos homens se o Filho de Deus não tivesse tomado a natureza humana para repará-la”(MR n. 6).

Azzi faz referência, através da revista Mensageiro do Coração de Jesus de 1896, da importância da Comunhão Reparadora:

“Os bispos em suas dioceses, os párcos em suas freguesias, os bons cristãos no meio do mundo recorrem continuamente a este augusto sacramento, como fonte mais abundante de consolações e forças para se enfrentar com os poderosos adversários no nome de Deus.

Também que imenso contraste se nota entre as cidades cujos habitantes cheios da mais profunda fé, chegam-se muitas vezes à mesa eucarística e às localidades onde o povo conserva-se longe do tabernáculo, sem possuir o amor de Jesus, que vive no meio dele como um Deus desconhecido!

Nas primeiras florescem a piedade, desenvolvem-se as virtudes cristãs, multiplicam-se as boas obras e por toda parte nas famílias, da mesma sorte que na sociedade, reina a verdadeira união que edifica e consola.

Nas segundas, medram apenas os mais lamentáveis vícios e nota-se a mais completa esterilidade para o bem, limitando-se toda a vida religiosa a demonstrações exteriores que fazem ruídos, mas não purificam nem elevam o coração”.⁷²

⁷¹AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n. 45, maio/junho, 1986, p. 223

⁷²AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n.45, maio/junho de 1986, p. 227. In: *Mensageiro do Coração de Jesus*. n. 1, junho, 1896, p. 24-25

São Mateus, em seu Evangelho, apresentou Jesus reunindo em seu mandamento, o amor a Deus e ao próximo. O que fazemos aos nossos irmãos mais pequeninos fazemo-lo a Cristo (cf. Mt 25,40). Como não se pode amar a Deus sem amar o próximo, assim também não se pode oferecer uma verdadeira reparação a Deus sem mudar a situação pecaminosa vivida pela humanidade.

São Paulo ao escrever aos Colossenses expressava: “Alegro-me de tudo o que já sofri por vós e procuro compensar na minha carne as deficiências que atribulam a Cristo, em solidariedade com o seu corpo, isto é, a Igreja” (Col 1,24). O apóstolo Paulo fez suas as tribulações de Cristo, oferecendo-lhe em reparação seus próprios sofrimentos, causados pelas limitações e deficiências da comunidade cristã. O motivo que inspirava Paulo à reparação é o amor de Cristo. A vinculação com Ele implicava em gestos de solidariedade do apóstolo com o corpo místico, a Igreja.

Bovenmars afirma que Cristo em seus sofrimentos, expia os pecados de toda humanidade:

“Nas Escrituras, Cristo é o Sumo Sacerdote que se oferece ao Pai, em expiação dos nossos pecados e nós participamos do seu sacerdócio: nós também devemos oferecer-nos em união com ele. Mas essa união com Cristo implica a adoração, o agradecimento e o amor a Cristo, juntamente com a participação em seus sofrimentos. A Sagrada Escritura é o lugar para entrarmos no mistério do sacrifício de Cristo, para sermos redimidos e para participarmos de sua obra redentora”.⁷³

Segundo Bovenmars, para a Igreja, a reparação significava viver com o desejo de converter-se diariamente ao amor do Pai e em seu projeto de amor, sabendo que esta conversão alegre e consola o Coração da Trindade, porque estava correspondendo com a vontade de Deus. Cultivar um espírito de reparação não significava viver um amor triste, sem entusiasmo e energia e menos ainda nutrir contra si sentimentos de autopunição. Significava pelo contrário, conhecimento de que o amor é sempre uma resposta de convertidos.⁷⁴

Significava também assumir o pecado dos irmãos, levando-os a uma solidariedade a toda prova, como foi a solidariedade do Coração de Cristo para com a humanidade pecadora. “Só

⁷³BOVENMARS, John. *Espiritualidade do coração*. In: *A espiritualidade do coração*. São Paulo: Loyola, 1988, p. 121

⁷⁴DUCCI, Francisco. *O coração de Jesus Cristo*. In: *A espiritualidade do coração*. São Paulo: Loyola, 1988, p.151

aquele que ama sabe imergir-se no pecado do mundo inteiro e identificar-se com os pecadores de cujo drama sente-se profundamente responsável”.⁷⁵

Para “reparar” o mundo, segundo o plano de Deus, era preciso escutar o seu Espírito, que cura os corações e inspira a ações novas. A religião autêntica não se baseava somente numa relação exclusiva com Deus, nem tampouco numa relação exclusiva com o ser humano, mas numa sensibilidade e no amor encarnado que aspiram uma comunhão total com Deus e uma comunhão que abraça o mundo.

1.3.4 Cristo Rei do universo

No século XX, segundo Luiz Carlos Susin, a devoção ao Coração de Jesus parecia enfraquecer-se e perder militância, apesar da forte conotação eclesial e missionária. Surgiu uma pequena, mas significativa mudança: O Cristo Redentor e Cristo Rei. Do “vinde a mim os cansados, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 28-29), estendeu-se para o clamor escatológico de “restaurar todas as coisas em Cristo”, pregação esta, que fazia parte da tradição profética e rabínica (cf. Mt 3, 23-24) e, após Pentecostes, Pedro retornou para falar ao povo: Com Cristo começou o tempo que irá culminar na restauração final e que poderá ser apressado com a conversão (cf. At 3, 21). A resposta ao futuro perpassava o espírito da Ação Católica em que o leigo desenvolveu seu apostolado nos ambientes modernos. É o Cristo Rei fazendo cantar e agir como soldados de Cristo e, conclui Susin, é o braço político do doce e íntimo coração de Jesus.⁷⁶

A Igreja, de uma atitude defensiva reacionária, foi assumindo uma postura em busca de reafirmação de sua presença na sociedade, representada simbolicamente pelo reinado de Cristo. O Papa Pio XI, em 1925, elaborou uma nova fórmula de consagração ao Coração de Jesus onde essas novas ideias transparecem claramente:

⁷⁵ DUCI, Francisco. O coração de Jesus Cristo. In: *A espiritualidade do coração*. São Paulo: Loyola, 1988, p.151

⁷⁶ SUSIN, Luiz Carlos. Introdução: “Coração de Jesus” uma obra de síntese com sabor patristico. In: GILLONNAY, B. *O humano em Cristo*. Porto Alegre: EST edições, 1996, p. 13

“Senhor, sede Rei não somente dos fiéis que nunca de vós se afastaram, mas também dos filhos pródigos que vos abandonaram. Sede Rei dos que vivem iludidos no erro, ou separados de Vós pela discórdia; trazei-os ao porto da verdade e à unidade da fé, a fim de que em breve haja um só rebanho e um só pastor”.⁷⁷

A Igreja numa dupla dimensão interpretava o reinado de Cristo: conservadora e progressista. A conservadora associava-se a um fato de relevância histórica que marcara o caminho conservador da devoção na França. Servira para desencadear movimentos de salvação temporal e espiritual, buscando uma nova vitalidade depois do período considerado de decadência moral e espiritual. Com a queda de Napoleão Bonaparte, missões foram organizadas num movimento regenerador, usando o símbolo do Coração de Jesus. Nas Igrejas e Santuários, em praças públicas e nas esquinas, os discursos e as pregações finalizavam com um grito de sabor patriótico-religioso: “Salvai, salvai a França, em nome do Sagrado Coração”.⁷⁸ A simbologia do Sagrado Coração identificava-se com a esperança política da França nas grandes guerras. Nas bandeiras expostas nas Igrejas e Capelas e também nos campos de batalhas estava estampado o emblema do Coração de Jesus como força diante dos inimigos.⁷⁹

A dimensão progressista foi desenvolvida na Alemanha, Itália, Áustria, Bélgica, Inglaterra, com o objetivo de unir-se ao reinado do Sagrado Coração de Jesus como movimento de consciência e ação social. Este movimento criticava a burguesia moderna, os dirigentes da sociedade industrial e capitalista. Aproximava-se dos trabalhadores, estimulando a criação de associações beneficentes, corporativas e sindicais ao lado de obras de educação popular. Nessa dimensão progressista, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus se associava a um sentimento de oposição ao laicismo, ao racionalismo, ao cientificismo, à burguesia capitalista e aos traços desumanos da sociedade moderna.

No pontificado de Pio XI, foi oficializada na Igreja, a festa a Cristo Rei, com o objetivo de “afirmar o primado de Cristo sobre a sociedade humana”. Definia-se uma nova política da Igreja diante da sociedade. Conforme Azzi:

⁷⁷AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*, ano XVIII, n. 45, maio/junho 1986, p. 232

⁷⁸SCHNEIDER, Roque. *A espiritualidade do coração de Jesus: ontem e hoje*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 25

⁷⁹LIBANIO, João Batista. O amor misericordioso do coração de Cristo e a libertação integral do homem. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 94-95

“Ao invés de uma atitude de condenação e anátema típicos do Pontificado de Pio IX, com o *Syllabus*, e de Pio X, com o juramento antimodernista, assinalando uma recusa frontal das novas conquistas modernas e liberais, a instituição eclesiástica se dispunha então a reconquistar sua influência sobre a sociedade”.⁸⁰

Riolando Azzi, em seus escritos, esclareceu que o Papa Pio IX e o governo italiano assinaram o tratado de Latrão como reconhecimento recíproco do Estado do Vaticano e do Estado italiano. O Papa procurava abrir novas perspectivas, através da ação católica, deixando para trás uma concepção eclesiástica tipicamente clerical. É claro que o modelo tridentino de Igreja hierárquica, reforçado pelo Vaticano I permanecia solidamente implantado. O centralismo Romano continuava forte, mas a Igreja estava disposta a ampliar sua presença na vida social, saindo de seus muros e de seus templos.⁸¹

Na Igreja, ainda permanecia o desejo de restaurar a sociedade medieval, mediante a construção de uma nova Cristandade. A devoção a Cristo Rei, como Senhor do universo, refletia a concepção a respeito dos destinos e dos rumos da humanidade. A voz do Papa e dos bispos era considerada como expressão concreta da vontade de Cristo.

O Cristo Ressuscitado e glorioso, era representado na imagem do Cristo Rei e no seu reinado, voltava a aproximar preferencialmente os homens envolvidos nas associações ligadas à ação católica. Segundo Riolando Azzi: “A necessidade de reafirmar a presença de Cristo no mundo trazia, necessariamente, como consequência, uma preocupação maior com as questões de natureza política e social. Daí a necessidade de maior abertura para o laicato católico”.⁸² Os leigos ganharam mais espaços na Igreja, porém, deviam constituir o novo exército de soldados a serviço de Cristo Rei, cujo império na terra estava simbolizado pelo poder espiritual da Igreja.

A teologia da realeza por manter um vínculo profundamente hierárquico e clerical reafirmava a Eucaristia como pólo de irradiação do seu poder divino sobre o mundo. Essa mesma ênfase no mistério eucarístico servia para fortalecer na Igreja o caráter dogmático e

⁸⁰AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*. Ano XVIII – n. 46 – Set/Dez. 1986, p. 344

⁸¹AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*. Ano XVIII – n. 46 – Set/Dez. 1986, p. 343

⁸²AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*. Ano XVIII – n. 46 – Set/Dez. 1986, p. 348

apologético, pois o catolicismo continuava sendo considerado como forma única e exclusiva de vivência da fé cristã. E neste enfoque é que começavam a surgir os Congressos Eucarísticos. O Coração de Jesus tornava-se Coração Eucarístico de Jesus. O primeiro Congresso aconteceu em 1874, em Tours, na França, no princípio eram eventos diocesanos e em 1881 tornaram-se internacionais.

No Brasil, em 1922, aconteceu um Congresso Eucarístico no Rio de Janeiro para comemorar o centenário da Independência. Idealizado por D. Sebastião Leme como forma de mostrar a força social da religião católica. Neste mesmo ano, no alto do Corcovado, foi colocada uma bandeira, local onde posteriormente se ergueria o monumento do Cristo Redentor, expressão da nova presença cristã na sociedade brasileira.⁸³

No Brasil, o significado da festa do Reinado de Cristo foi explicitado:

“Para concluir solenemente o ano jubilar de 1925, o Santo Padre Pio XI instituiu a nova festa de Cristo Rei. Seria esta solenidade uma insistente admoestação para a humanidade inteira reconhecer a Jesus Cristo, filho de Deus, como Rei Universal do mundo. A ele se sujeitam os Reis e os Príncipes, os Magistrados e os Juízes, as artes e as leis (Hino das vésperas). Cristo deve reinar no espírito do homem pela fé, na sua vontade pela obediência às leis de Deus e da Igreja, seu Reino visível, nos corações pelo amor e ainda nos próprios corpos para que sejam santos para Deus”.⁸⁴

E, em 1955, novamente no Rio de Janeiro, foi realizado outro Congresso Eucarístico, na ocasião, o Brasil foi consagrado ao Coração de Jesus pelo presidente da Câmara Nereu Ramos e ministros sob o olhar de Nossa Senhora Aparecida.⁸⁵

Os hinos compostos nesse período revelavam a tônica militar da Igreja. Uma prova é o hino do Apostolado da Oração:

“Levantai-vos soldados de Cristo
Sus correi! Sus voai à vitória.
Desfraldando a bandeira de glória
O pendão de Jesus Redentor.

⁸³AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*. Ano XVIII – n. 46 – Set\Dez. 1986, p. 345

⁸⁴AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*. Ano XVIII – n. 46 – Set\Dez. 1986, p. 344

⁸⁵CARDOSO, Eugênio A. Evolução histórica da Espiritualidade do SCJ nos ensinamentos da Igreja. In: *Um Coração novo para um mundo novo*. São Paulo, Loyola, 1989, p.30

É Jesus, nosso Rei soberano
 Nos convida com santa promessa.
 Seu amor de atraí-nos não cessa
 À conquista de toda virtude”.

Os bispos desejavam não apenas o fortalecimento do poder eclesiástico, mas também a estabilidade do poder político da nação. A harmonia entre os dois poderes permitia o fortalecimento de uma sociedade declarada católica, vencendo as novas ideias socialistas que começavam a aparecer no cenário nacional, relegando definitivamente o passado de cunho laicista que os liberais e positivistas haviam conseguido imprimir à Primeira República.

Na teologia do Cristo Rei, estava subentendida a valorização do magistério eclesiástico, como intérprete verdadeiro das diretrizes divinas para os povos e nações. O reinado de Cristo sobre a terra supunha assim o reconhecimento da autoridade da Santa Sé e o acolhimento de suas orientações religiosas e morais.⁸⁶ Assim compreendida, a Teologia da realeza mantinha um vínculo hierárquico e clerical enquanto reafirmava na Eucaristia o centro de irradiação do seu poder divino sobre o mundo.

A superação do forte clericalismo da doutrina tridentina da Igreja hierárquica foi a nova compreensão do Corpo Místico que abriu espaço para os leigos na Igreja. Não obstante, continuava-se a dar forte destaque para que os cristãos, clérigos e leigos se posicionassem como soldados de Cristo, em ordem unida, sob o comando do Papa, chefe Supremo da Igreja e representante visível de Cristo. Desse modo, paralelamente à devoção a Cristo Rei, desenvolveu-se também a chamada “devoção ao Papa”.⁸⁷ Os leigos deviam atuar no mundo sob o olhar da hierarquia eclesiástica.

Com o envolvimento dos leigos, a grande tarefa dos membros da ação católica era restaurar o reinado de Cristo no lar, na escola, na imprensa, no eleitorado, na legislação do País. O sonho era de restaurar a sociedade cristã medieval, construindo uma nova cristandade.⁸⁸

⁸⁶ AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*. Ano XVIII – n. 46 – Set/Dez. 1986, p.348

⁸⁷ AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*. Ano XVIII – n. 46 – Set/Dez. 1986, p. 349

⁸⁸ FERRARO, Benedito. *Cristologia: Iniciação à Teologia*. Petrópolis: Vozes, 3 ed. 2005, p. 28

Para a Igreja reafirmar a presença de Cristo no mundo trazia uma preocupação com as questões de natureza política e social. Daí a necessidade de abertura para o laicato católico. A partir de então passava a afirmar que “os leigos também são Igreja” e que eles tem uma função a desempenhar dentro da Instituição eclesiástica. Foi na Ação Católica que os leigos atuaram com mais força.

A presença da Igreja na sociedade permitia realizar aspectos sociais e políticos, nos quais os leigos estavam comprometidos. A união entre fé e pátria constituía a tônica dos hinos oficiais dos Congressos Eucarísticos Nacionais. O Congresso Eucarístico da Bahia, texto de D. Aquino Correia:

“Sobre os mares azuis da Bahia
Foi que outrora, raiou toda em luz.
A Hóstia Santa, qual sol alumia
O almo berço da Terra da Cruz.
Ó Jesus, ó Divino Cordeiro,
Hóstia e Sol! Sol de vida e de amor.
Ilumina o Brasil todo inteiro
Do oceano aos sertões sempre em flor”.⁸⁹

Em 1933, em Pernambuco, especificamente no Congresso Eucarístico se afirmava a união do sentimento patriótico e crença católica. No hino escrito por D. Aquino Correia transparecia o compromisso que ser brasileiro era o mesmo que ser cristão e quem não professava a fé católica poderia ser considerado inimigo da Pátria.

“Aos clarins do congresso sagrado
Pernambuco se ergueu varonil,
E o Recife se fez lado a lado
Catedral onde reza o Brasil.
Eia SUS! Ó Leão do Norte
Ruge ao mar o teu grito de fé.
Creio em ti Hóstia Santa até a morte
Quem não crê, brasileiro não é”.⁹⁰

⁸⁹AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*. Ano XVIII – n. 46 – Set\Dez. 1986, p. 350

⁹⁰AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*. Ano XVIII – n. 46 – Set\Dez. 1986, p.350

Em 1936, foi celebrado em Minas Gerais um Congresso Eucarístico, onde o Hino cantado proclamava a realeza de Cristo no mundo e no Brasil, incentivando a fé, sentimentos de fé e amor à pátria: “Tu que és Rei, Tu que aos povos dominas, faze aqui teu trono, ó Jesus”.

Também no quarto Congresso Eucarístico realizado em 1942 em São Paulo, a tônica continuava sendo a realeza de Cristo: “Brasileiros: Levantemos nossos cânticos jucundos. Cristo vive, Cristo reina, Cristo impera em todo o mundo”.⁹¹

A figura de Cristo Rei foi o ponto alto da neocristandade. Apresentado como o Rei da sociedade brasileira tendo como grande sinal a imagem do Cristo do corcovado no Rio de Janeiro inaugurado em 1936, com seu olhar e braços abertos sobre a cidade.

A partir dos anos 50, portanto, quase 60 anos atrás, jovens militantes que pertenciam a Ação Católica passaram a assumir uma atitude mais questionadora e crítica diante da realidade brasileira, passando de uma postura conservadora para uma atitude de maior compromisso e engajamento social. Em consequência disso, o princípio da realeza de Cristo foi progressivamente substituído pela Teologia do Cristo Libertador.

⁹¹AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. *Perspectiva Teológica*. Ano XVIII – n. 46 – Set/Dez. 1986, p. 351

2 PERSPECTIVA BÍBLICA

Ao iniciar este segundo capítulo o foco de atenção será no termo coração. Sob o olhar do simbolismo do coração, é possível afirmar que a devoção ao Coração de Jesus não é uma devoção entre tantas, baseada em conveniências pastorais ou num pietismo passageiro. É acima de tudo, uma espiritualidade centrada no amor. O Coração de Jesus é um símbolo e quer significar toda a pessoa de Jesus de Nazaré. O “Deus rico em misericórdia” (Ef 2,4) adquiriu feições humanas e concretas.

Na perspectiva Bíblica, falar de coração é tocar no projeto de Deus. Em nossos dias, continua desafiador por em prática as atitudes que vem do Coração de Jesus, tanto que o próprio Jesus disse: “Misericórdia é que eu quero e não o sacrifício” (Mt 9, 13). As atitudes manifestadas por Jesus e escritas pelos evangelistas tem muito a revelar para aqueles que se dizem cristãos ou que cultivam uma espiritualidade voltada ao Coração de Jesus.

Outro aspecto a ser aprofundado será o Coração humano-divino de Jesus. Deus se fez Pessoa Humana em Jesus de Nazaré, acreditou que poderia contar com a pessoa humana para a realização de seu Reino. Com essa atitude integrou o ser humano no seu Plano divino. Jesus assumiu a realidade humana e por ser tão divino revelou atitudes que o distinguiu de outros líderes e profetas de sua época.

E, por fim, um olhar sobre o Transpassado. Jesus com o Coração Transpassado resgatou o povo das mãos da morte e deu um sentido novo à história humana. Essa “oferta para a vida” faz da oblação de Cristo um evento pascal, distinto dos demais sacrifícios do Primeiro Testamento.

O Evangelista João apresenta o Transpassado como fonte de vida, para que os transpassados de hoje possam erguer-se do chão, do meio da dor e reavivar a esperança, porque no Coração do Transpassado, está a Misericórdia do Pai.

2.1 A LINGUAGEM SIMBÓLICA DO CORAÇÃO

A palavra “símbolo” pode referir-se exclusivamente a uma imagem simbólica, tal como pode ser utilizada para expressar diversas realidades. Por exemplo, a água para um poeta, tem um significado totalmente diferente que para o químico, que analisa a água a partir de suas propriedades químicas. Para o batismo, a água adquire um significado simbólico, que evoca os acontecimentos da história da salvação. Como imagem, o símbolo nasceu e se desenvolveu através do contato do ser humano com o ambiente, podendo conter uma forte carga afetiva pelo sentido e significado que expressam.

Na Tradição Bíblica, o termo coração por si só não significa amor, porque no interior do ser humano e na sua liberdade pode assumir atitudes de maldades, mortes, fechamento ou recusa do amor. No coração se situa a sede moral do ser humano, lugar das decisões livres, nele a pessoa humana pode dizer sim ou não tanto ao próximo como a Deus. Por isso, o coração não é apenas material, mas simbolicamente o centro no qual o ser humano toma consciência de si mesmo.⁹²

Conforme o dicionário de símbolos, os autores destacaram o sentido da palavra coração em diferentes culturas: para os gregos as atividades intelectuais estão localizadas no coração. Para os hindus, em seu duplo movimento (sístole e diástole), representa a expansão e a concentração do universo. No sufismo, o coração é o órgão da percepção e intuição, conforme a expressão “o olho do coração”. Para os egípcios significa o centro da vida, da inteligência e da vontade. Segundo a fórmula mágica de Osiris, o coração é o deus do ser humano. Na tradição judaica é o símbolo da pessoa interior e a sede da sabedoria, sendo a meditação sinônimo de apelo ao coração. No Corão, representa a contemplação e a vida espiritual, sugere para o muçulmano o que é secreto no ser humano.⁹³

Portanto, o Coração de Jesus por ser muito mais que um símbolo, tornou-se manifestação da infinita misericórdia de Deus. O Coração de Jesus representa o centro originário da realidade humana do Filho de Deus. A palavra coração quer representar não apenas a

⁹²DEPTULA, Jerzy. *O culto ao Coração de Jesus*. São Paulo: Loyola, 1988, p.176

⁹³CHEVALIER, J. GHEERBRANT A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 10 ed. 1996, p 282

realidade de Deus, mas também o coração humano de Jesus e todo o seu amor humano e divino pela humanidade.⁹⁴

2.2 O SENTIDO BÍBLICO DO CORAÇÃO

No sentido bíblico, a palavra “coração”, remete à intimidade da pessoa, ao seu núcleo, à sua totalidade. Falar do Coração de Jesus é falar do Verbo de Deus em sua intimidade-interioridade, em sua totalidade. É falar do amor de Deus que se revelou como ternura, carinho, misericórdia, perdão e fidelidade. É falar de um amor pedagógico e paternal (cf. Jr 31,33-34); maternal (cf. Os 11,1.3-4; 14,5-6; Is 49,14-15) e conjugal, onde Deus é o Esposo e o povo de Israel a esposa: (cf. Os 2; Ct 2,2; 6,2; 8,6).⁹⁵

Na revelação bíblica, Deus falou e agiu na história e por meio dela. O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó é o Deus da libertação das estruturas do poder e da opressão (cf. Ex 1,8-22;13,17-22), do anúncio e da denúncia dos profetas (cf. Is 6,1-13; Jr 1,4-12; Am 3,3-8), é o Deus que se encarnou. A encarnação de Jesus é o amor levado até as últimas consequências, é o esvaziamento de Si mesmo.⁹⁶

Na Bíblia hebraica, a palavra coração aparece 853 vezes, a essas, devendo ser acrescentadas oito citações que são encontradas nas seções aramaicas do livro de Daniel. Do total, 814 vezes o termo se refere ao coração da pessoa humana. Parece não existir nenhuma diferença notável entre “*leb*” (597 vezes) e “*lebab*” (256 vezes). A LXX traduz esse termo 718 vezes por “*kardia*” (grego), o “*cor*” latino.⁹⁷ São palavras anteriores à distinção corpo/alma e, por isso, com um profundo significado, remetendo toda a pessoa enquanto sujeito capaz de amar, sentir, decidir e comungar com a beleza e a vida em sua intensidade.

⁹⁴DEPTULA, Jerzy. *O culto ao Coração de Jesus: segundo a teologia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1988, p. 130

⁹⁵GOMES, Paulo R.. A Espiritualidade libertadora do Sagrado Coração. *Revista Grande Sinal*. Petrópolis, maio-junho, p. 261-268, 1997

⁹⁶GOMES, Paulo R. A Espiritualidade libertadora do Sagrado Coração. *Revista Grande Sinal*. Petrópolis, maio-junho, p; 261-268, 1997

⁹⁷BOVENMARS, John. Espiritualidade do Coração. In. *A espiritualidade do Coração*. São Paulo: Loyola, 1988, p.70

Mais que uma simples expressão, conhecer Jesus segundo o seu Coração é uma verdadeira chave hermenêutica.⁹⁸

No Primeiro Testamento, a infidelidade e a redenção afetaram profundamente o coração humano. A aliança é uma exortação à intimidade com Iahweh, bem como à fidelidade aos seus mandamentos. Israel aos poucos compreendeu que a religião externa não era suficiente (cf. Os 7,14; Jer 29,13). Compreendeu que para encontrar Deus era preciso “buscar a Iahweh com todo o coração e com toda a alma” (Dt 4,29). Aprendeu que devia “fixar o seu coração em Iahweh” (1Sm 7,3) e “amar a Iahweh com todo o coração” (Dt 6,5). Esse mandamento principal, dado em Dt 4, 39, se repete em vários textos: cf. 1 Rs 15, 14; 2 Rs 19, 31; 23, 3; Is 38,3; 2Cr 15,12.15.17; 19,3; 22,9; 34,31.

O Primeiro Testamento aborda também o coração endurecido. Em primeiro lugar o coração do Faraó (cf. Ex 8, 15.32; 9,7.34), depois Israel (cf. Sl 95,8): “Não endureçais o vosso coração como em Meriba” (Sl 95,8). Os Profetas repetem-no em sua época; (cf. Jer 5,23; 18,12 e Ez 2,4; 3,7) referem-se à dureza do coração no contexto da oposição ao chamado à conversão. O que deveriam fazer era “rasgar o seu coração e não as suas vestes” (Jl 2,13) e apresentar-se diante de Deus com “um coração contrito e humilhado” (Sl 51,19), implorando ao Senhor que “cria neles um coração puro” (Sl 51,12). Esse salmo penitencial que mantém um estreito parentesco com a literatura profética, é uma das orações mais importantes para a espiritualidade do coração, porque enfatiza a necessidade da conversão interior e implora um coração puro como uma dádiva divina.

Para o Deuteronômio, a renovação interior é a circuncisão do coração. (cf. Dt 10, 16; Jr 4,4; 9,26; Lv 26,48). Os profetas Jeremias, Ezequiel e Baruc apresentavam a proposta da renovação do coração, ou de “dar um novo coração”. Esses textos falam da interiorização da lei (cf. Jer 31,33) e de um conhecimento mais profundo de Deus (cf. Jr 24, 7), compartilhando com todo o povo (cf. Jr 31,33). Deus lhes dará “um coração e ouvidos que ouçam” (Br 2,31).

Seguindo ainda o sentido do coração para o Primeiro Testamento vamos perceber que no coração de Deus está a fonte mais profunda da vida. Iahweh quer viver no meio de seu povo: “Meus olhos e meu coração estarão aí todos os dias” (1Rs 9,3; 2Cr 7,16). Os olhos para contemplar o que acontece; o coração para amá-los e abençoá-los, porque o coração de

⁹⁸MAÇANEIRO, Marcial. Oração e solidariedade como mística do Coração. *Revista Grande Sinal*. Petrópolis, maio/junho p. 273-274, 1997

Iahweh é o coração de um pastor que guarda o seu rebanho: “Ele os apascentava com o coração de um pastor que guarda o seu rebanho. Ele os apascentava com coração íntegro e conduziu-nos com mão sábia” (Sl 78,72; 77,21). Esse texto recorda Ezequiel 34, que por sua vez, anuncia Cristo, o Bom Pastor; o Homem que foi verdadeiramente “segundo o coração de Deus”, porque foi a encarnação do Coração perfeito de Iahweh.

O Novo Testamento tem a mesma intensidade de sentidos sobre a palavra coração: o coração tem sede e alegria (cf. Jo 16,22; At 2,26; 14,17); temor (cf. Jo 14,1); dor (cf. Jo 16,6; Rm 9,2; 2,Cor 2,4; At 2,37); amor (cf. 2Cor 7,3; 6,11; Fil 1,7); desejo (cf. Rm 10,1; Lc 24, 32); concupiscência (cf. Rm 1,24; Tg 3, 14; Mt 5, 28; 6,21). No coração também se localizam a inteligência, o pensamento (cf. Mc 7,21; Mt 12, 34; Jo 12, 40; At 8,22). No pensar de Pedro Arrupe, “não é possível encontrar nas páginas do Novo Testamento uma palavra que mais rápida e certamente, com mais profundidade e com mais calor humano se aproxima a uma definição de Cristo que seu coração”.⁹⁹

Sendo assim, no coração é que nascem os propósitos, as resoluções (cf. Lc 21,14; 2Cor 9,7; At 11, 23). O coração é a consciência (cf. 1Jo 3, 20ss), é também o interior do ser humano, sua personalidade. No coração está o ponto de inserção da ação de Deus que tem por objeto o íntimo do ser humano: Deus perscruta, prova, examina o coração (cf. Lc 16, 15; Rm 8, 27; 1 Tes 2,4); Deus escreve a sua lei no coração (cf. Rm 2, 15; 2Cor 3, 2; Hb 8, 12); no coração está a fé (cf. Mc 11, 23; At 8, 37; Rm 10, 8-10; Hb 3, 12), ou a dúvida (cf. Lc 24, 38; Mc 11, 23) e a obstinação (cf. Mt 13, 15; Rm 1, 21; 2Cor 3,15).

Para o Novo Testamento, é Deus que abre o coração (cf. Lc 24, 45; At 16,14), Ele resplandece nos corações pelo esplendoroso conhecimento de sua glória (cf. 2Cor 4,6). O batizado tem os olhos do coração iluminados para o conhecimento da esperança e da herança (cf. Ef 1, 18). A paz de Deus conserva os nossos corações e pensamentos em Cristo (cf. Fil 4,7). No coração está derramado o espírito de Deus (cf. Rm 5,5; 2Cor 1,22; Gal 4,6), Cristo nele habita e age pela fé (cf. Ef 4,17). Neste coração purificado e santificado pela fé e pelo Batismo (cf. At 15,9; Hb 10,22), que é puro (cf. Mt 5,5), sem censura e fortificado por Deus (cf. 1 Tes 3,13), crescem as virtudes cristãs da humildade, a exemplo do Senhor (cf. Mt 11,29), a retidão e a obediência (cf. 6, 5; Col 3,22), mas sobretudo, o amor a Deus e ao próximo, atitudes que brotam de um coração sensível com a dor do outro (cf. Mc 12, 30, 33;

⁹⁹ARRUPE, Pedro. *La Iglesia de hoy y del futuro*. Bilbao– Espanã: Ediciones Mensajero, 1982, p. 563

Lc 10, 27; Mt 22, 37).¹⁰⁰ O Novo Testamento constitui-se também a sede das manifestações divinas que continuamente transformam a vida dos cristãos. O Espírito é enviado ao coração (cf. Gl 4,6), e o amor de Deus é derramado nos corações pelo Espírito Santo (cf. Rm 5,5; 2Cor 1, 22).

Jesus se referia a seu Coração quando falou: “Aprende de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29). E ainda: “Assim também fará convosco meu Pai celeste, se cada um não perdoar seu irmão, de todo o coração” (Mt18, 35); “Felizes os limpos de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8); “É do coração que provém os maus pensamentos, os homicídios, os falsos testemunhos, as blasfêmias” (Mt 15,19). O ser humano se define por aquilo que cultiva em seu coração.

Jesus fiel à sua missão, assumiu como projeto de vida a misericórdia. O amor e a vida que vem do coração são impulsos que se projetam para fora, fazendo do próximo uma prioridade. Jesus foi misericordioso e sensível com os necessitados (cf. Mt 9, 36; Lc 7,13; Mc 1,41); compreensivo e atento com os pecadores (cf. Mt 11,19; Lc 15,7; Jo 8,1ss); acolhedor, não excluía ninguém (cf. Mt 15,21ss; Mc 7,24); sincero e verdadeiro (cf. Mt 5,37; Lc 13,32; Mc 10,25; Jo 8,40ss); descreveu a relação entre Deus e o ser humano, não em termos da lei, mas a partir do amor (cf. Mt 22,40 e Jo 13,35; 15,12.17). A essência do cristianismo consiste em viver como Ele, com predileção pelos pobres (cf. Mt 9,36; Mc 6,34; Lc 4,18), com mansidão e paciência (cf. Mt 5,5; Mc 1,56; Lc 23,8); com amor (cf. Jo 13,34; Mt 19,14; Mc 25; Lc 13,34).

2.2.1 Coração símbolo do amor humano e divino de Jesus

Em cada tempo ou contexto histórico a devoção do Coração de Jesus tem sido a memória do amor em Jesus de Nazaré. Daí a razão para um voltar-se ao Coração do Senhor. “O “coração” é o caminho pelo qual se chega ao mistério de Jesus Cristo e também caminho de comunhão e participação na vida e missão da Igreja. Segundo Maçaneiro, trata-se de uma

¹⁰⁰BAUER, Johannes. *Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Loyola, Vol I, 1973, p. 221-222

espiritualidade cristocêntrica e centro-crística”.¹⁰¹ A Cristologia olhada desde o Coração de Jesus valorizou a totalidade de Jesus, sua encarnação, a filiação divina, sua compaixão e misericórdia, a cruz e seu coração transpassado.

A Encíclica *Haurietis Aquas* afirma que:

O coração do nosso Salvador reflete de certo modo a imagem da divina pessoa do Verbo, e, igualmente, das suas duas naturezas: humana e divina; e nele podemos considerar não só um símbolo, mas também como que um compêndio de todo o mistério da nossa redenção. Quando adoramos o coração de Jesus Cristo, nele e por ele adoramos tanto o amor incriado do Verbo divino como seu amor humano e os seus demais afetos e virtudes, já que um e outro amor moveu o nosso Redentor a imolar-se por nós e por toda a Igreja, sua esposa, segundo a sentença do Apóstolo: "Cristo amou a sua Igreja e sacrificou-se por ela para santificá-la, lavando-a no batismo de água com a palavra de vida, a fim de fazê-la comparecer perante si cheia de glória, sem mancha, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e imaculada" (cf. Ef 5,25-27) (HA n. 43).

Na devoção ao Coração de Jesus, o amor é um elemento característico e mais ainda, um elemento fundamental. O caráter do amor simbolizado pelo Coração de Jesus parte do fato da existência das duas naturezas: humana e divina. A dupla natureza em Jesus permite distinguir o amor humano que procede da vontade humana e o amor divino que se identifica com a natureza divina e é comum às três Pessoas divinas.¹⁰²

Para Ranher, somente quem ama pode pronunciar a palavra coração sabendo o que diz e somente quem está unido ao Senhor crucificado compreende o que significa falar do Coração de Jesus e acrescentou: o ser humano acolhe a unidade e a totalidade de seu centro originário, quando compreende realmente que coisa significa a palavra coração.¹⁰³

Conforme a compreensão bíblica, o Coração é símbolo do Cristo na sua totalidade, olhado na sua profundidade interior e, sobretudo, seu amor para com Deus e para com a humanidade. E Boff cita: “O Deus que em e por Jesus se revelou é humano. E o humano que em e por Jesus emergiu é divino”.¹⁰⁴ As comunidades cristãs primitivas descobriram Deus a partir de

¹⁰¹MAÇANEIRO, Marcial. Oração e solidariedade como mística do coração. *Revista Grande Sinal*. Petrópolis, maio/junho p. 269-289, 1997

¹⁰²DEPTULA, Jerzy. *O culto ao Coração de Jesus: segundo a teologia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1988, p. 38

¹⁰³RAHNER, Karl. *Teologia Del Cuore di Cristo*. Roma: Edizione ADP, 1995, p. 33

¹⁰⁴BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 195

um Homem, Jesus de Nazaré. Olhando para Jesus descobriram o mistério do ser humano que evocava o mistério de Deus e a vivência do mistério de Deus evocava o mistério do ser humano.

Sob este aspecto, a simbologia do coração não é um sinal apenas, é um símbolo que expressa o ser humano na sua totalidade original. Coração demonstra algo de corpóreo que, ao mesmo tempo, ultrapassa a própria corporeidade. Somente ao ser humano se pode usar a palavra coração no sentido originário. Referindo-se a Deus, o coração passa a ser usado num sentido figurado.

Segundo Francisco Duci, torna-se importante destacar:

“A profundidade mais misteriosa do Coração de Cristo é justamente esta: naquele coração de homem revela-se e se doa o Coração do próprio Deus. O infinito dentro do finito, o amor divino no amor humano, a vontade de salvação misericordiosa de Deus, no desejo de salvação de Jesus”.¹⁰⁵

Na expressão simbólica o coração sugere falar do amor, de um amor encarnado, um Amor-pessoa. Não é símbolo de uma ideia abstrata, mas de um amor concreto. O Coração em Jesus é o próprio Jesus que ama. Pessoa divina amante, presente sob o símbolo do seu coração, é a mais verdadeira e rica definição de uma devoção. Por isso, o critério de expressão do simbolismo do coração não se encontra nele mesmo, mas na pessoa à qual este pertence e que através dele manifesta seus sentimentos.¹⁰⁶

Conforme Deptula:

“Coração do Homem-Deus representa o amor do Homem-Deus, com todas as características que são próprias do ser concreto do Verbo encarnado. Símbolo do Sujeito amante, ele é necessária e diretamente símbolo de todo o amor humano e de todo o amor divino do Verbo encarnado, porque em Cristo todos os atos, sem

¹⁰⁵ DUCI, Francisco. O Coração de Jesus Cristo. In: *A Espiritualidade do Coração*. São Paulo: Loyola, 1988, p. 142

¹⁰⁶ DEPTULA, Jerzy. *O culto ao Coração de Jesus: segundo a teologia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1988, p.38

exceção, tem como único sujeito, não a natureza (humana ou divina), mas a Pessoa divina do Verbo encarnado, capaz de atos divinos e de atos humanos”.¹⁰⁷

Aprofundar o mistério do coração de Jesus, significa redescobrir que Ele teve compaixão pelos que sofrem (cf. Lc 7,13 e Mc 8,2); que pregou o amor e a misericórdia do Pai (cf Lc 15; Mt 6, 9); que apresentou uma nova relação entre Deus e o ser humano, não com termos a partir da lei, mas com termos de amor (cf. Mt 22,40 e Jo 13,35; 12.17).

Segundo a Encíclica *Haurietis Aquas*:

“O adorável Coração de Jesus Cristo pulsa de amor ao mesmo tempo humano e divino desde que a Virgem Maria pronunciou aquela palavra magnânima: "Fiat", e o Verbo de Deus, como nota o Apóstolo, "ao entrar no mundo disse: Não quiseste sacrifício nem oferenda, mas me apropriaste um corpo; (...). De maneira semelhante palpitava de amor o seu coração, em perfeita harmonia com os afetos da sua vontade humana e com o seu amor divino, quando, na casa de Nazaré, ele mantinha aqueles celestiais colóquios com sua dulcíssima Mãe e com S. José, a quem obedecia e com quem colaborava no fatigante ofício de carpinteiro. Esse mesmo tríplice amor movia o seu coração nas suas contínuas excursões apostólicas, (...) e, finalmente, nos discursos que pronunciava e nas parábolas que propunha, especialmente naquelas que tratam da misericórdia, como a da dracma perdida, a da ovelha desgarrada e a do filho pródigo. Nessas palavras e nessas obras, como diz Gregório Magno, manifestase o próprio Coração de Deus. "Conhece o Coração de Deus nas palavras de Deus, para que com mais ardor suspires pelas coisas eternas" (HA 30).

O Concílio Vaticano II, quando mencionou o Coração de Jesus, falou de seu coração humano: “Amou com um coração humano” (GS 22). Não se tratava de contradizer o Concílio de Calcedônia, no qual afirmava que as duas naturezas de Cristo foram definidas como unidas numa Pessoa. Apresentar Jesus histórico é falar de sua humanidade, é a revelação de Deus. Jesus foi tão humano que mesmo o seu conhecimento, o seu amor e os seus sentimentos aconteceram historicamente, pois a dimensão histórica faz parte da natureza humana (cf. Lc 2, 40. 52).

Em Jesus, a consciência da intimidade com o Pai, orientou todos os seus sentimentos e toda a sua ação, por isso, pode-se dizer que “são incontáveis os caminhos que levam ao Pai. Um deles, altamente privilegiado, passa pelo coração de Jesus, humano e divino, síntese

¹⁰⁷DEPTULA, Jerzy. *O culto ao Coração de Jesus: segundo a teologia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1988, p. 41

perfeita da bondade do Pai em seu amor pela humanidade, e conclui Roque Schneider: A Trindade tem coração: o de Jesus”.¹⁰⁸

Desde todo o sempre o coração humano é um mistério. Mas o coração de Jesus carregou um mistério de uma maneira única, porque seu coração possuía uma profundidade divina. Nele se encontrava o ser profundo do Filho de Deus, a fonte de água viva e Ele mesmo dizia: “se alguém tem sede, venha a mim”(Jo 7,37).

A pessoa de Jesus de Nazaré apresentada no Novo Testamento une o presente e o futuro. Na pessoa de Jesus estão absolutamente reconciliados e em feliz síntese, Deus e o ser humano, a palavra e a perfeita escuta obediente, a revelação, a fé, a história e a interpretação da fé, a terra e o céu, a carne e o espírito.¹⁰⁹

Olhando para a vida de Jesus pode-se perceber que o amor gratuito e dinâmico foi o terreno onde Jesus se encarnou. Sem amor Jesus correria o risco de igualar seu projeto ao projeto dos zelotas, fariseus ou escribas. Podendo confundir a Boa Notícia como forma de legalismo ou perder-se num messianismo fácil ou populista. A partir do amor a Lei assumiu seu devido lugar, protegendo a liberdade, a graça e a opção fundamental pela vida humana. Em Jesus, Deus apareceu não como Deus da Lei ou do Templo, mas como Deus da Aliança e da Vida. Em Jesus, o amor se tornou um projeto e uma prática diária. Maçaneiro destaca: “o amor-ágape como práxis de justiça e misericórdia é o itinerário escolhido e trilhado por Jesus na sua missão de Messias e Profeta (cf. Jo 13-15)”.¹¹⁰

No evangelho de João está escrito: “Aquele que me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). Filipe tinha à sua frente uma Pessoa de carne e osso, que falou aramaico com sotaque de um Galileu, mas era exatamente naquele Homem que deveria ver o rosto do Pai. O que dizia e fazia tinha valor quando manifestado ao mundo o Coração do Pai. Jesus agiu sempre com liberdade: na pregação do Reino aos pobres, nas suas escolhas messiânicas, no esquecimento de si e na doação aos pequenos, na denúncia da hierarquia e na acolhida de toda forma de miséria humana, na familiaridade com os pecadores e na novidade das suas bem-aventuranças, no abandono confiante ao Pai, na palavra e nos milagres, na vida e na morte, Jesus de Nazaré

¹⁰⁸SCHNEIDER, Roque. *A espiritualidade do Coração de Jesus* ontem e hoje. São Paulo: Loyola, 2000, p. 11

¹⁰⁹BINGEMER, Maria Clara. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias Glorioso*. S.Paulo: Paulinas, 2008, p. 15

¹¹⁰MAÇANEIRO, Marcial. Oblação e solidariedade como mística do coração. In: *Revista Grande Sinal*. Petrópolis, maio-junho, p. 269-289, 1997

tinha consciência de revelar-nos o Coração do Pai. A revelação do Coração do Pai, através do Coração do Filho, eis a profundidade interpessoal que domina o Evangelho.¹¹¹

A carta paulina aos Colossenses começa com um hino cristológico: “Ele é a imagem do Deus invisível” (Col 1,15). Para ver o invisível, temos tão-somente o lado humano de Jesus. Assim acreditavam os primeiros cristãos, talvez polemizando com outros que se vangloriavam de ver Deus noutros lugares.¹¹²

Para Maria Clara Bingemer, a humanidade de Jesus está configurada por sua originalidade, radicalidade e coerência. A originalidade se deu no fato de que Jesus não se apropriou nem se assemelhou a nenhum dos modelos existentes na sociedade a que pertencia. Rompeu com esquemas opressores. Essa originalidade teve sua razão de ser no profundo mistério que é o próprio Jesus, em muitas ocasiões Jesus surpreendeu e desconcertou até mesmo os discípulos.

Para essa teóloga, Jesus por ter sido absolutamente original foi também absolutamente radical. Sua radicalidade se manifestava na total doação em favor da vida e da libertação dos pobres e oprimidos pelo sistema estabelecido. Por isso, Jesus ultrapassava leis, escandalizou piedosos observantes da religião convencional, enfrentava autoridades, suportava a perseguição e morreu como um criminoso, fora das portas da cidade. “Neste sentido e desde esse ponto de vista, a radicalidade de Jesus não teve limites. Porque não teve limites seu amor e sua fidelidade. Mas nessa coerência sem limites Jesus não foi um fanático e sim um apaixonado radical pelo bem do ser humano”.¹¹³ Jesus em tudo foi coerente porque se manteve em profunda experiência de Deus, até o ponto de que Deus mesmo se revelasse em Jesus, em sua pessoa, em sua vida e em seus atos.

Em Jesus-Coração pode-se dizer Jesus-Amor. Jesus viveu a partir dos outros; seu Ser foi sucessivamente um-ser-para-os-outros. Com o Grande Outro, Deus, Ele cultivou uma relação de extrema intimidade. Chamava a Deus de Abba, linguagem de confiança e entrega segura de uma criança (cf. Mc 14,36; Lc 23,46; Jo 17, 1.5.11; Rm 8,15; Gal 4,6). Sua afinidade com

¹¹¹DUCI, Francisco. O Coração de Jesus Cristo. In: *A espiritualidade do coração*. São Paulo: Loyola, 1988, p. 142

¹¹²MAGGIONI, Bruno. *Era verdadeiramente homem: Revisitar a figura de Jesus nos Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 9

¹¹³BINGEMER, Maria Clara. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias Glorioso*. S.Paulo: Paulinas, 2008, p. 50

o Pai foi transparente, não pedia nada para si, suplicava libertação da dor e da morte (cf. Mc 14,36; 15,34.37; Jo 11,41-42), mesmo nestas circunstâncias quis realizar não a sua vontade, mas a do Pai (cf. Mc 14,36).

Segundo Leonardo Boff, a vida humana precisa ser uma pró-existência, em favor dos outros e do Grande Outro (Deus). Jesus era absolutamente aberto a todos, não ignorava ninguém, a ponto de expressar, “se alguém vem a mim, não o mandarei embora” (Jo 6, 37).

”Jesus era completamente vazio de si mesmo para poder estar repleto do Outro. O fazer-se vazio significa criar espaço interior para ser plenificado pelo outro. É saindo de si que o ser humano se constrói mais profundamente para si e fica em si; dando que recebe e possui o seu ser. Por essa razão Jesus é o *ecce homo*: porque sua radical humanidade foi conquistada, não pela autárquica afirmação de si mesmo mas sim pela entrega irrestrita de seu ser aos outros e ao Grande Outro: “Eu dou minha vida pelas ovelhas”(cf. Jo 10, 15).¹¹⁴

Rahner enfatiza, que o Verbo eterno de Deus tem um coração humano, se deu na aventura de um coração humano, até deixar-se transpassar pelo pecado do mundo, e sofrer a inutilidade e a impotência de seu amor sobre a cruz, e tornar-se assim o Coração eterno do mundo. Então, o termo coração não é somente uma palavra que o ser humano busca no centro de sua existência, mas uma palavra que não pode mais faltar no louvor eterno de Deus e que significa também o coração do ser humano.¹¹⁵

Para Rahner, o Coração é muito mais que um símbolo, além de ser o centro originário de sua existência humana, é o único centro de mediação, sem o qual é impossível chegar a Deus. Chega-se a Deus somente e sempre através do centro mediador da Humanidade de Cristo. E enfatiza o autor: “é possível ser cristão sem ter ouvido uma palavra humana sobre o Coração de Jesus. Mas não é possível ser cristão sem passar constantemente, no movimento do espírito suscitado pelo Espírito Santo. A Humanidade de Cristo e o seu centro unificador, que chamamos Coração”.¹¹⁶

¹¹⁴BOFF, Leonardo. *Cristologia a partir do Nazareno*. In: VIGIL, J.M.(Org). *Descer da cruz os pobres: Cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 35

¹¹⁵RAHNER, Karl. *Teologia Del Cuore di Cristo*. Roma: Edizione ADP, 1995, p. 45

¹¹⁶RAHNER, Karl. *Teologia Del Cuore di Cristo*. Roma: Edizione ADP, 1995, p. 57

E neste contexto histórico aqui e agora, os cristãos são convocados a professarem a fé em Jesus Cristo a partir da própria fé de Jesus de Nazaré. Para Ferraro, “todos os títulos se enraízam em última instância, na prática e na pessoa de Jesus. Este é o caminho a ser seguido: da prática de Jesus ao ser de Jesus e do ser de Jesus ao ser da Trindade”.¹¹⁷

Portanto, um símbolo deixa-se apreciar em seus dois elementos constitutivos, respectivamente o próprio sinal e a realidade espiritual que ele significa. A realidade significada recobre toda a extensão do Mistério da Misericórdia divina. Não se trata somente do amor humano de Cristo. O Magistério romano decidiu em favor de uma longa tradição: “O mistério do Coração de Jesus era a revelação do amor Misericordioso de toda a Trindade para a humanidade pecadora, amor que se manifestava na obra redentora do Verbo Encarnado”.¹¹⁸

2.2.2 Jesus manso e humilde de Coração

O texto de Mt 11, 24-30, chamado também de hino de júbilo, consiste em três declarações: a) Jesus agradecendo ao Pai porque revelou Sua vontade aos simples e pequeninos e não aos sábios e inteligentes (cf. Mt 11, 25-26); b) declarando que é Filho, único conhecedor do Pai. c) convidando que o sigam todos aqueles que estão cansados e oprimidos (cf. Mt 11, 28-30). Esta terceira afirmação é exclusivamente de Mateus, as outras duas, se encontram e se situam também no Evangelho de Lucas (cf. Lc 10, 21-22).¹¹⁹

Conforme Mateus, Jesus deu aos pobres o verdadeiro valor e reconheceu que entenderam sua mensagem sobre o reino, e agradeceu ao Pai porque revelou o seu projeto e escondeu aos “sábios”, “inteligentes” e “poderosos” (cf. Mt 11, 25-27). Somente os pobres compreenderam que o projeto de Deus julgava as atitudes e opções dos ricos e poderosos, para devolver aos pobres e fracos a vida e a liberdade que lhes foram roubados. Storniolo afirma que “o pobre

¹¹⁷FERRARO, Benedito. *Cristologia: Iniciação à Teologia*. Petrópolis: Vozes, 3 edição, 2005, p. 107

¹¹⁸DEPTULA, Jerzy. *O culto ao Coração de Jesus: segundo a teologia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1988, p. 15

¹¹⁹MAGGIONI, Bruno. *Era verdadeiramente homem: Revisitar a figura de Jesus nos Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 2003 p. 27

pode reconhecer Jesus como o seu libertador, porque a ele Jesus se revelou como mediador do Pai. Os pobres estão cansados de carregar a cruz da miséria e escravidão.”¹²⁰

De acordo com os textos bíblicos pode-se dizer que os pobres e oprimidos são os que mais experimentaram a ação de Deus, porque colocaram em Deus sua confiança. “Não é na multidão que repousa a força do Senhor, nem o seu poder nos homens violentos, antes Deus é Deus dos humildes, auxiliador dos pequenos, assistente dos fracos, protetor dos desprezados, salvador daqueles que estão desesperados” (Jdt 9, 11; Jz 7, 1ss; 2 Sm 24; Crôn 21; Dt 8, 17s; Am 6, 13). A situação de necessidade suscitava a esperança de socorro (cf. Jó 5, 11; Sl 9, 14; 18, 28; 107, 12; 119, 50. 153; Is 2, 10; 66, 2). Sobretudo as mulheres sem filhos insistiam para que Deus olhasse para a sua miséria (humilhação) e as ajudassem a conceber seus filhos (cf. Gn 16, 11; 19, 32; 31, 42; 1Sam 1, 11; Lc 1, 48).¹²¹

Mateus, em seu Evangelho, afirmava que Jesus é a presença de Deus no mundo. “Meu Pai entregou tudo a mim” (Mt 11,27). Sua intensa relação com o Pai só podia ser compreendida por aqueles que estavam abertos ao Seu Espírito. Os doutores e sábios pensavam que o verdadeiro conhecimento era obtido somente pelo estudo da lei. Jesus, ao contrário, mostrou que somente conhece o Pai quem experimenta o seu amor. O fato de Deus “esconder essas coisas” na realidade não procedia Dele, mas das disposições das pessoas em acolher ou não a Jesus e sua proposta. A auto-suficiência dos sábios e inteligentes os impedia de compreender a maneira de agir de Jesus e de seus seguidores.¹²²

O texto de Mt 11, 28-30 encontra-se estruturado segundo o esquema da eleição divina, utilizado no Primeiro Testamento, apresenta o convite a todo o ser humano de se tornar discípulo e discipula de Jesus. Os versículos 28-30 são reveladores do fardo da interpretação da Lei que os líderes do judaísmo estavam impondo sobre o povo. Ao mesmo tempo este texto deixa claro que os pequeninos são portadores da libertação messiânica que Jesus veio

¹²⁰STORNIOLO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 88

¹²¹BAUER, Johannes. *Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Loyola, vol I, 1972, p. 480

¹²²CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Ele está no meio de nós*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 95

trazer. A novidade não virá através da elite dos sábios e entendidos, mas através da comunidade dos pequeninos com os quais Jesus se identificou.¹²³

Jesus com o seu convite direto atualizou sua missão. Ele como fonte de vida será capaz de restabelecer o povo cansado: “Venham para mim todos vocês que estão cansados de carregar o peso do seu fardo” (Mt 11, 28) das instruções e interpretações da Lei feita pelos doutores, fazendo da Palavra um instrumento de dominação, mantendo o povo na opressão a partir do puro e impuro. Jesus convida a todos a se aproximarem Dele. O seu ensino é descanso (cf. Jr 6, 16) do passado opressor (cf. Mt 11,28). Sua mensagem é jugo suave, convida-os a romper com o ensinamento legalista que esmagava e assumir o seu ensinamento que é de dignidade e vida. Ele é o Filho, a Sabedoria que conheceu e revelou o Pai. Ao invés de uma moral sufocante, sem alegria, Jesus propõe o serviço exigente e alegre das bem-aventuranças.¹²⁴

Bruno Maggioni esclarece sobre o sentido do jugo que esmagava o povo, sem dúvida, era o peso da lei e dos mandamentos. Carregar o jugo era uma expressão conhecida. A imagem sugere que o ser humano devia empenhar-se na obediência ao Senhor, como o escravo que se entregava completamente ao trabalho. Jesus podia dizer “meu jugo”, porque o carregou pessoalmente, porém, de forma diferente dos falsos mestres que, ao contrário, impuseram aos outros sem que movessem uma palha sequer: “amarram pesados fardos e impõem-nos aos ombros dos homens, ao passo que eles mesmos se negam a movê-los com o dedo”(Mt 23,4).¹²⁵

No versículo 29 do capítulo 11 de Mateus, Jesus expressa o convite para um longo aprendizado: “Aprendei de mim”. O segundo imperativo tem o mesmo significado do primeiro: “Tomai meu jugo”. O verbo “aprender” (*manthano*), na linguagem evangélica, não significa simplesmente aprender, mas também seguir, tornar-se discípulo no sentido pleno da palavra. Da mesma forma quando utilizada a expressão “porque sou manso e humilde” (v. 29) revela a atitude de confiança, obediência e docilidade de Jesus para com Deus, e para com o

¹²³CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL.. *Ele está no meio de nós*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 96

¹²⁴CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Ele está no meio de nós*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 95-96

¹²⁵MAGGIONI, Bruno. *Era verdadeiramente homem: Revisitar a figura de Jesus nos Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 28

ser humano, uma atitude de acolhimento, de paciência, de prontidão para o perdão, um ser totalmente entregue ao serviço.¹²⁶

Jesus ao apresentar-se como manso e humilde de Coração, se colocava entre os pobres de Iahweh. Apresentava-se a si mesmo como um dos “*anawin*”, fazendo parte do seu grupo, não somente por sua pobreza exterior, mas, sobretudo, pelas disposições de seu coração. Jesus, a sabedoria de Deus, o Filho único do Pai, o glorioso Filho do Homem, era também o pobre de Iahweh, um desses homens humildes e pequenos. Ele apresentava-se como manso e humilde de coração, não orgulhoso, mas completamente submisso a Deus. Por essa razão, Ele podia exortar os pobres, todos os que estivessem fatigados e sobrecarregados, a virem a Ele, porque Ele era um deles.¹²⁷

Jesus é o *Logos* Encarnado que se fez humano. Encarnou-se pobre, numa aldeia pobre, sentiu-se como alguém que nada tem de seu. Era realmente pobre: tudo o que teve foi dádiva do Pai. Desse modo, sentiu-se próximo dos pobres. A solidariedade de Jesus para com os pobres estava arraigada em seu coração. Vemos aqui a conexão com o primeiro “*logion*”: O Reino de Deus é para os pobres, porque o Pai se revelou aos pequeninos.¹²⁸

Mateus utilizou em seu Evangelho três vezes o adjetivo “manso” (*praus*): (cf. 5,5; 11,29; 21,5). Manso era o pobre não-violento, maltratado e oprimido, que confiava em Deus. O terceiro adjetivo tirado de Zc 9,9 faz referência a Jesus que entrou em Jerusalém como um Messias manso e sereno, posição contrária à dos zelotes e à de todos os defensores de um messianismo político. Jesus não era um mestre arrogante, irreversível, autoritário, mas discreto e paciente.¹²⁹

No tempo de Jesus, o “jugo” era também conhecido como um instrumento de trabalho, uma vara transversal, colocada em cima dos ombros, para carregar duas pilhas de tijolos ou dois recipientes de argamassa, suspensos nas suas extremidades. Era tarefa do servente de

¹²⁶MAGGIONI, Bruno. *Era verdadeiramente homem: Revisitar a figura de Jesus nos Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 30

¹²⁷BOVENMARS, John. Espiritualidade do Coração. In: *A espiritualidade do Coração*. São Paulo, Loyola, 1988, p. 98

¹²⁸BOVENMARS, John. Espiritualidade do Coração. In: *A espiritualidade do Coração*. São Paulo, Loyola, 1988, p. 99

¹²⁹MAGGIONI, Bruno. *Era verdadeiramente homem: Revisitar a figura de Jesus nos Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 29

pedreiro levar esse material para o lugar onde o mestre de obras estava executando o projeto de construção. A participação na obra de Cristo era indicada pelo pronome possessivo “meu jugo”, que corresponde à expressão “meu ajudante”.¹³⁰

Qual o sentido de estarem juntos, os dois mandatos: “Tomai o jugo” e “aprendei de mim”? Por acaso, o segundo deveria explicitar o primeiro, no sentido de alguém ter de aprender de Jesus como se deveria carregar o jugo? Evidentemente que não, pois Jesus não carregava um jugo. Tampouco se aplicava o segundo mandato à frase correspondente, “tornai-vos meus ajudantes”, como se eles tivessem de aprender de Jesus o ofício de ajudante, e nem poderiam, porque Jesus apresenta-se como construtor e não ajudante de pedreiro. Além disso, o ajudante não aprendia seu ofício na escola, mas no trabalho e, tampouco, ele se tornava construtor, exercendo a função de ajudante de pedreiro.¹³¹

Conforme Staldemann, no mandato de Jesus as duas atividades mencionadas não estão vinculadas pelo mesmo teor, porque são distintas pelo objetivo específico de cada uma: a primeira “tomai o meu jugo!” diz respeito à colaboração na obra de construção é, portanto, o agir cristão; a segunda, “aprendei de mim!” refere-se à formação do ser humano em diálogo com Cristo e, por conseguinte, trata-se do ser cristão. A distinção entre os dois tipos de atividades, manual e intelectual, não visa dar preferência a uma sobre a outra, ou discriminar os trabalhadores manuais em relação aos intelectuais, pois uns e outros são chamados a exercer ambas as atividades no Reino de Deus. Por isso, o binômio “manso e humilde” qualificava o comportamento de Jesus de não-violento e não-orgulhoso, a fim de suavizar a impressão de autoritarismo causada nos ouvintes pela radicalidade de suas exigências.¹³²

Para o autor Maggioni, o acréscimo “de coração” quer expressar que as disposições de Jesus para com o Pai e para com os irmãos decorrem do seu coração e envolvia toda a sua pessoa. Jesus era manso e humilde não por força de uma necessidade, mas pela liberdade e

¹³⁰STALDEMANN, Luiz. A espiritualidade do Coração de Jesus e seus fundamentos bíblicos. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo, Loyola, 1989, p. 42-43

¹³¹STALDEMANN, L. A espiritualidade do Coração de Jesus e seus fundamentos bíblicos. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo, Loyola, 1989, p. 44

¹³²STALDEMANN, L. A espiritualidade do Coração de Jesus e seus fundamentos bíblicos. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo, Loyola, 1989, p. 44-45

aceitação do projeto de Deus. As atitudes de Jesus eram frutos de um amor profundo e pessoal.¹³³

Para o mundo Bíblico o descanso fazia parte da promessa: “E encontrareis descanso para vossas almas” (Mt 11, 29). Ligar a observância da lei à promessa do repouso é costume na Bíblia. Escreveu Jeremias: “Parai no caminho para observar, informai-vos sobre as veredas de outrora. Qual o caminho do bem? Segui por ele e achareis onde vos restaurar” (Jr 6,16). O Sirácida, falando da sabedoria, dizia: “Inclina teus pés em seus grilhões e teu pescoço em sua argola. Inclina teus ombros para transportá-la, (.....) no fim, encontrarás repouso” (Sir 6,24-28; 51, 26-27). Para os profetas, tratava-se do descanso escatológico. Mas o Sirácida, referia-se à tranquilidade e a paz na vida. Para Jesus era uma nova experiência de Deus. Enquanto os verbos com Mateus estão no futuro (“eu vos darei descanso” e “encontrareis descanso”), o repouso não só era uma realidade escatológica, o prêmio final, mas uma qualidade da vida cristã presente. “O meu jugo é fácil de carregar e meu fardo é leve” diferentemente dos outros mestres, o jugo de Jesus era leve, mas em que sentido? As suas exigências não são menos radicais, pelo contrário, são ainda maiores: “Se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e dos fariseus, de modo algum entrareis no reino dos céus” (Mt 5,20). Não se pode dizer que Jesus tenha vindo para substituir a lei do Primeiro Testamento por outra, Ele mesmo disse: “Não vim ab-rogar, mas cumprir” (Mt 5,17). Ainda assim, Jesus podia dizer que sua lei é suave e leve.¹³⁴

O “repouso” prometido aos colaboradores de Jesus não era no sentido de pausa no trabalho do operário ou o recesso escolar do discípulo. O significado do termo “repouso”, usado no Primeiro Testamento com sentido teológico, para designar o estado salvífico junto a Javé na terra prometida, onde os israelitas desfrutavam da bem-aventurança reservada aos fieis do povo eleito. Na releitura cristã dos textos veterotestamentário referentes ao povo eleito, o termo “repouso” significava o estado salvífico junto a Jesus, reservado aos colaboradores do reino de Deus. A promessa formulada com o verbo no futuro “achareis repouso para vossas almas” acena à salvação presente desde já em estado incoativo e à salvação plena e definitiva a ser concedida aos eleitos na vida eterna no céu. Esse repouso

¹³³ MAGGIONI, B. *Era verdadeiramente homem: revisitar a figura de Jesus nos Evangelhos*. São Pulo, Loyola, 2003, p. 30

¹³⁴ MAGGIONI, Bruno. *Era verdadeiramente homem: revisitar a figura de Jesus nos Evangelhos*. São Pulo, Loyola, 2003, p. 30

atinge a pessoa em todas as dimensões de sua existência, porque a expressão “para vossas almas” significa “para vós mesmos”.¹³⁵

Conforme Pedro Arrupe, o elemento de referência na relação coração de Cristo/coração do ser humano é o amor. Mais que a fé, mais que qualquer outro sentimento, é o amor que define transcendentemente ao ser humano e é também, o que mais se aproxima a uma definição de Deus. Deus é amor. Cristo corresponde ao infinito amor do Pai com um amor e obediência absoluta e, ao mesmo tempo, ama o ser humano até o fim (cf. Jo 13, 1). No coração de Cristo se fundiu o amor do Pai como Verbo e como Homem. No coração do ser humano redimido por Cristo, este amor encontrou uma proporcionada correspondência. Tal é o caso de Paulo: “Ele me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gal 2, 20). Na única pessoa divina de Cristo, as duas naturezas constituem um encontro de amor.¹³⁶

Conforme Arrupe, não é nenhum pietismo arcaico referir a Cristo e seu coração para sintetizar em uma palavra todo o conjunto de valores que encontramos na sua pessoa. Não existe nenhuma outra expressão que melhor sugere “a largura e a longitude, a altura e a profundidade do amor de Cristo, que supere todo conhecimento” (Ef 3, 18). Nem o *logos* de João, nem sabedoria, nem Filho do Homem, nem Messias. Nem sequer as definições que em sentido metafórico Jesus aplicava a si mesmo: Caminho, Verdade, Vida, Luz, Bom Pastor, Pão, etc. O mesmo Jesus, quando distante de toda metáfora descreveu-se em seus mais profundos sentimentos, apelou para a linguagem mais compreensível: “aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 29).¹³⁷

2.2.3 O Coração transpassado do Filho e a Misericórdia do Pai

A contemplação do Coração Transpassado aconteceu aos pés da cruz, no alto do Calvário, onde Jesus foi transpassado pela lança, conforme o relato do Evangelho de João. O autor deu um testemunho: ele estava lá, juntamente com Maria, a Mãe de Jesus. E afirmou: “Eu vi! Eu

¹³⁵STALDEMANN, Luiz. A espiritualidade do Coração de Jesus e seus fundamentos bíblicos. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo, Loyola, 1989, p. 46-47

¹³⁶ARRUPE, Pedro. *La Iglesia de hoy y del futuro*. Bilbao– Espanha: Ediciones Mensajero, 1982, p. 564

¹³⁷ARRUPE, Pedro. *La Iglesia de hoy y del futuro*. Bilbao– Espanha: Ediciones Mensajero, 1982, p. 563

sou testemunha! Eu digo a verdade, para que vocês creiam’! (Jo 19,35), faz referência à profecia de Zacarias: “aconteceu isso para se cumprir a passagem da Escritura que diz: contemplarão aquele que transpassaram!”(Zc 12,10).

O evangelista João viu no lado aberto de Cristo, de onde “jorrou sangue e água” (Jo 19,34), um sinal profético. Assim desde cedo o coração transpassado foi objeto de contemplação, tornando-se sinal do amor e da infinita misericórdia de Deus para com a humanidade. Segundo Deptula, no “sinal sotérico do coração transpassado, os fiéis sob o impulso do Espírito Santo encontrarão a chave das Escrituras e o símbolo central da mensagem cristã, isto é, de todo o mistério da salvação”.¹³⁸

Desde o início do cristianismo, a referência ao Coração de Jesus fez parte da vida das comunidades. São Paulo ao escrever à comunidade de Corinto recordava o êxodo de Israel: “Todos beberam a mesma bebida espiritual, porque bebiam da rocha que os acompanhava e esta rocha era Cristo” (1Cor 10,4).

Libânio menciona os Santos Padres, místicos, e simples devotos que se comprazeram em meditar o Coração de Cristo. Orígenes faz referência aos tesouros de sabedoria e ciência que se encontravam escondidos em Cristo Jesus e que foram perscrutados por João. Libânio mencionou também Santo Agostinho, em que reconheceu que o “soldado romano atravessou o lado de Jesus e dele jorraram o sangue da redenção e a água da regeneração espiritual, abrindo, através da porta da vida, o caminho de acesso ao Pai”.¹³⁹

O Evangelista São João para falar de Jesus na cruz faz menção nesses termos: “Tudo estava consumado e inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Jo 19,30). Segundo Bortolini, o gesto de inclinar a cabeça tem um sentido simbólico. Para a comunidade do Discípulo Amado, Jesus descansou de toda a obra que o Pai lhe encarregara de realizar, devolvendo ao Pai o Espírito que o animou nessa obra. O Espírito voltou ao Pai a fim de tomar posse da comunidade no dia da Ressurreição.¹⁴⁰

¹³⁸DEPTULA, Jerzy. *O culto ao Coração de Jesus: segundo a teologia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1988, p. 192

¹³⁹LIBÂNIO, João Batista. O amor misericordioso do Coração de Cristo e a libertação integral do homem. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 83

¹⁴⁰BORTOLINI, José. *Como ler o Evangelho de João*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 182-183

Continuando o pensamento de Bortolini: no momento da morte de Jesus na cruz, no Templo imolavam cordeiros para a Páscoa dos judeus. Era costume dos Romanos deixarem os cadáveres apodrecerem na cruz, servindo de alerta para os que atuassem contra o sistema opressor. Sendo a preparação para a Páscoa dos judeus, autoridades pediram a Pilatos que quebrassem as pernas dos crucificados, a fim de apressar-lhes a morte. “Os soldados foram e quebraram as pernas de um e depois do outro, que estavam crucificados com Jesus. E se aproximaram de Jesus, vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas, mas o soldado lhe atravessou a lado com a lança, e imediatamente saiu sangue e água” (Jo 19, 32-34).¹⁴¹

No relato da morte de Jesus, João compreendeu que, assim como o vinagre fazia parte do ódio (cf. Jo 19,29s), assim também a lança. A ação do soldado era desnecessária, Jesus já estava morto, mas a hostilidade ainda se fazia presente. Os soldados tinham zombado da realeza de Jesus, maltratado (cf. Jo 19,1-3) e repartido suas vestes entre si (cf. Jo 19,23-24). Agora, a ponta da lança quer destruí-lo definitivamente, a expressão de ódio possibilitou que a expressão do amor produzisse vida.¹⁴²

Conforme Barreto e Mateos, o sangue jorrado simbolizou a condição de morte aceita por Jesus (cf. Jo 18,11), doação total, expressão máxima de seu amor (cf. Jo 1, 14; 13, 1). Jesus não reteve a vida para si, mas a entregou até a “última gota”. A água que saiu do lado aberto simbolizou o Espírito (cf. Jo 7,36-38), princípio da vida, com sua morte Jesus trouxe novamente a vida. Sangue e água são o amor demonstrado e amor comunicado. E o autor acrescentou: “do seu lado flui o amor, que é ao mesmo tempo e inseparavelmente seu e do Pai”.¹⁴³

Na cruz, Jesus é o novo Templo de onde brotam rios de água do Espírito (cf. Jo 7, 38; Ez 47, 1.12) e todo aquele que recebe “a água que eu lhe darei, vai se tornar dentro dele uma fonte de água que jorra para a vida eterna” (Jo 4, 14). Assim se cumpriu o que anunciou no prólogo “de sua plenitude todos nós recebemos um amor que corresponde ao seu amor” (Jo 1, 16).

¹⁴¹BORTOLINI, José. *Como ler o Evangelho de João*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 183

¹⁴²BARRETO, J e MATEOS, J. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 795

¹⁴³BARRETO, J e MATEOS, J. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 795

Segundo Maçaneiro: ‘O lado aberto e o coração transpassado sintetizam toda a kênosis que Jesus viveu ao longo de sua história, da Encarnação à cruz. É, por isso, *martyrion*: uma oblação que testemunha o amor divino de maneira iniludível’.¹⁴⁴

E diz ainda:

“Com a oferta do Coração a Aliança está selada. Escrita em “sangue e água” (Jo 5-6). Nova e definitiva: “tudo está consumado”(Jo 19, 30). O Santo dos Santos do Templo não tem mais sentido. Ao romper-se o Coração de Jesus, rasgam-se as cortinas que ocultavam a Deus: “então o véu do Santuário rasgou-se de alto abaixo” (Mt 27, 51). Não há mais muros, nem véus. Agora o simples e desqualificado, os que antes viviam excluídos da Casa de Deus, podem entrar na intimidade do Senhor e experimentar a sua ternura! Podem ingressar no Coração do Pai através do Coração aberto do Filho. A abertura do coração é a entrega, feita para uso público, daquilo que se tem de mais íntimo e pessoal. Uma vez transpassado (cf. Is 53, 5), este coração acolhe todos os que se achegam. É acesso para o coração da Trindade. Todos podem entrar e ali permanecer, para experimentar a bondade do Pai e as alegrias do Consolador.¹⁴⁵

São Paulo ao escrever aos Filipenses mencionou que Jesus se fez obediente e obediente até a morte de cruz (cf. Fl 2, 8). Seu coração Transpassado tornou-se o símbolo evidente de que o amor de Deus pelo ser humano se manifestou no ato supremo da doação pela salvação do mundo, tornando-se ainda mais compreensível o amor de Deus pelo ser humano, como um amor de condescendência, de perdão, de misericórdia, capaz de entregar a própria vida. É um amor por um aliado mais fraco, mais pobre e até infiel e pecador.¹⁴⁶

Conforme João Paulo II na Encíclica *Dives in Misericordia*,

“A Cruz é o modo mais profundo de a divindade se debruçar sobre a humanidade e sobre tudo aquilo que o ser humano – especialmente nos momentos difíceis e dolorosos – considera o seu próprio destino infeliz. Com efeito, a Cruz de Cristo faz-nos compreender as mais profundas raízes do mal que mergulham no pecado e na morte, e também ela se torna um sinal escatológico. Será somente na realização escatológica e na definitiva renovação do mundo que o amor vencerá, em todos os eleitos, os germes mais profundos do mal, produzindo como fruto plenamente maduro o Reino da vida, da santidade e da imortalidade gloriosa. O fato de Cristo “ter ressuscitado ao terceiro dia” constitui o sinal que indica o remate da missão

¹⁴⁴MAÇANEIRO, Marcial. Oblação e solidariedade como mística do coração. *Revista Grande Sinal*. Petrópolis, maio-junho, p. 269- 289, 1997

¹⁴⁵MAÇANEIRO, Marcial. Oblação e solidariedade como mística do coração. *Revista Grande Sinal*. Petrópolis, maio-junho, p. 269-289, 1997

¹⁴⁶SEHNEM, Francisco. A misericórdia do Coração de Cristo nos sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia. In: *Um Coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 129-130

messiânica, sinal que coroa toda a revelação do amor misericordioso no mundo, submetido ao mal. Tal fato constitui, ao mesmo tempo, o sinal que preanuncia “um novo céu e uma nova terra”, quando Deus “enxugará todas as lágrimas dos seus olhos; e não haverá mais morte, nem pranto, nem gemidos, nem dor, porque as coisas antigas terão passado”(Ap 21, 4)” (DM n. 8).

O grito aramaico de Jesus na cruz, de dimensões messiânicas, recolheu da história todos os demais gritos: era um brado, em eco com o clamor dos escravos (cf. Ex 3, 7), com a súplica dos exilados (cf. Sl 136), com os rogos dos enfermos e fracos (cf. Sl 85; Mc 2, 17), com a dor dos leprosos (cf. Mc 1, 40-45) e paráliticos (cf. Lc 5, 18), com a súplica dos famintos (cf. Lc 6, 21ss) e viúvas (cf. Lc 7, 11-17) e de tantos pobres e excluídos.

Para Marcial Maçaneiro:

“o Transpassado, ferido e morto, é um registro doloroso do Crucificado. Há um único protagonista (Jesus), em um drama de dois atos: primeiro a humilhação, a dor e o grito (crucificação); depois, o silêncio, a morte e o Lado Aberto (Transpassamento). Em sentido sequencial, o Transpassado é uma memória do crucificado. No momento do segundo ato ainda recordamos e sentimos os ecos do primeiro. Toda contemplação autêntica do Transpassado será uma “contemplação histórica”, capaz de ainda ouvir os gritos daqueles que morrem entre os que gritam. E, ali, ouvir também os gritos de milhares de transpassados, que seguem clamando com voz rouca e emudecida, reclamando a ausência de Deus, a ausência da dignidade, de esperança e de pão. Gritos escandalosos de muitos que, como Jesus, gemem às vésperas da morte, tantas vezes prematura, executadas na cruz da violência, da má alimentação, do descaso, da insana miséria”.¹⁴⁷

Para o Evangelista João, Jesus será sempre a partir da cruz “o Transpassado”, mesmo Ressuscitado. E reconhecê-lo como Transpassado, será uma experiência determinante para a fé e a missão dos discípulos. É o que ocorreu com Tomé: não estando na comunidade, ao retornar, negou-se a acreditar no testemunho dos demais e acabou necessitando fazer pessoalmente a mesma experiência. “Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!” Respondeu-lhe Tomé: “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo. 20, 27-28).¹⁴⁸ Jesus se revelou a Tomé dentro da comunidade.

¹⁴⁷MAÇANEIRO, Marcial. Oração e solidariedade como mística do Coração. In: *Revista Grande Sinal*. Petrópolis, maio-junho, p; 269-289, 199

¹⁴⁸FABRIS, R. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 1992, p.286

Todas as gerações acreditarão em Jesus vivo e ressuscitado através do testemunho da comunidade cristã.

Olhar Jesus sob o aspecto do Coração significa ver na sua Paixão e Morte o maior testemunho do amor pela humanidade: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos “(Jo 15,13). O coração transpassado de Jesus torna-se fonte da graça salvífica. “O coração humano do Redentor pode ser considerado como maravilhosa síntese de toda sua presença e de sua obra”.¹⁴⁹

Diante do Coração Transpassado do Filho e a Misericórdia do Pai, a devoção ao Coração de Jesus não se fundamenta em aspectos periféricos da fé cristã, mas toca o ponto central da Revelação que é o amor misericordioso de Deus. Conforme a Encíclica *Dives in Misericordia*: “De fato, a aproximação de Cristo no mistério de seu Coração permite-nos deter-nos neste ponto da revelação do amor misericordiosos do Pai, que constitui, em certo sentido, o núcleo central e, ao mesmo tempo, o mais acessível no plano humano, da missão messiânica do Filho do Homem” (DM n. 80); sob este aspecto, o Cristianismo tem muito a aprender e, sobretudo a revelar sobre a Misericórdia do Pai.

Para o cristianismo, toda a vida de Jesus foi manifestação do seu amor às pessoas e o momento culminante desta manifestação foi certamente no Calvário. O coração transpassado tornou-se um sinal de amor e da infinita misericórdia. Jesus crucificado e o coração aberto tornaram-se o grande sinal de toda a ação salvífica de Deus para aqueles que ‘elevarão o olhar para ele’. Contemplando Jesus transpassado chega-se à contemplação do Mistério na sua fonte: o amor que o coração simboliza.¹⁵⁰

Jesus foi morto e transpassado por causa de seu coração solidário e por ter em si o germe da vida (cf. Jo 14, 6), não podia permanecer na morte – Ressuscita também por causa dos excluídos e pequenos. Em Jesus de Nazaré, Deus Pai falou mais alto e mais forte que a injustiça humana e, definitivamente, triunfou sobre a violência humana ressuscitando o Filho morto.

¹⁴⁹DEPTULA, Jerzy. *O culto ao Coração de Jesus*: segundo a teologia contemporânea. São Paulo: Loyola, 1988, p. 62-63

¹⁵⁰DEPTULA, Jerzy. *O culto ao Coração de Jesus*: segundo a teologia contemporânea. São Paulo: Loyola, 1988, p. 192

Por fim, a Ressurreição de Jesus mostrou que Deus não está ausente, distante e nem surdo aos gritos do Filho. Não é um Deus calado, insensível e indiferente, que assiste à dor dos transpassados sem nada declarar. Ao contrário, a Ressurreição constitui a resposta em alta voz de um Deus que toma partido pela vida. É a reação do Pai diante da exclusão, dos tribunais injustos e da morte. Com o Ressuscitado fica definitivamente claro que Deus é o Deus da vida.¹⁵¹

¹⁵¹FABRIS, R. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 1992, p.. 287

3 ELEMENTOS PARA UMA TEOLOGIA ATUALIZADA DO CORAÇÃO DE JESUS

Para que uma Teologia do Coração de Jesus responda aos sinais dos tempos não bastam “hábitos de piedade” ou uma linguagem místico-contemplativa, litúrgica ou devocional por mais expressivos que possam ser. É a partir de uma autêntica misericórdia que surge um novo modo de perceber e de deixar-se tocar pelos mais graves problemas e desafios do mundo contemporâneo. Daí deriva uma atenção profética daquelas realidades onde o amor e a dignidade humana são negados.

Para compreender a Teologia do Coração é preciso olhá-la na perspectiva da libertação e a partir do Coração de Cristo como expressar a sensibilidade ao povo sofredor e ao mesmo tempo ser solidário com este povo oprimido que continuamente sofre e morre na busca por mais dignidade. A compaixão de Jesus não permaneceu somente no nível do afeto, desceu à prática, tornou-se carne na história, vestiu-se de acontecimento.

Luiz Carlos Susin utilizando o pensamento de Lévinas traduziu do hebraico a palavra “*rakhamim*” (misericórdia), que provém de “*rekhem*”, (útero), designando o gemido do ventre materno, a relação do útero e do corpo ao outro. Deus tem em si este gemido materno, a misericórdia, e é a partir de dentro que se dá a conhecer como libertador de um povo que se torna seu povo, gerando e libertando no mesmo gesto de misericórdia. “É maternalmente que se pode sofrer para além do sofrimento próprio, para além da doença e da dor que me reduzem ao meu próprio corpo”.¹⁵²

3.1 “TENHO COMPAIXÃO DESSE POVO”: OS “TRANSPASSADOS DE HOJE”

Em nossos dias, Deus continua com seu Filho se revelando na cruz das vítimas, na dor dos crucificados de todos os tempos e no sofrimento dos excluídos da religião e da sociedade. A morte de Jesus foi o selo final, coerente com sua vida. Quem, durante a vida se colocar ao lado dos oprimidos e contra os opressores, pagará com a própria vida o preço dessa opção, assim como foi com Jesus.

¹⁵² SUSIN, Luiz Carlos. O homem messiânico: *Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre\Petrópolis: EST\Voices, 1984, p. 352

Jesus crucificado será sempre Jesus com o coração transpassado. Por isso que, ao mencionar os transpassados de hoje, o texto fará referência aos “povos crucificados” que Jon Sobrino faz referência em seus escritos, referindo-se a uma América Latina sofrida. Hoje em nosso mundo milhões de pessoas estão “crucificadas” – “transpassadas” pela fome e que sobrevivem nas mais diversas formas de desumanidade. Abordarei a situação da fome, da saúde e a realidade dos migrantes a nível mundial e por vezes com acenos para a América Latina. Essas realidades clamam por Misericórdia, por isso, a razão de estarem mencionadas no texto.

Jon Sobrino, em seus escritos, ao falar de Terceiro Mundo estará se referindo ao sul do Mundo (esta linguagem adotarei no texto) e para ele, não resta dúvida de que não há somente cruces individuais, mas coletivas, e povos inteiros, por isso, “povo crucificado” e na ótica do transpassado há povos inteiros “transpassados”.¹⁵³

A “cruz” para Sobrino não significa somente a pobreza, mas também a morte e morte é o que experimentam os povos do sul do Mundo sofrendo de mil maneiras. É a morte lenta, por causa da pobreza, é morte rápida e violenta por causa das repressões e guerras, é morte indireta, quando os pobres são privados até de suas culturas para serem subjugados, enfraquecidos em sua identidade, tornando-os indefesos. E continua Sobrino, “morrer crucificado não significa simplesmente morrer, mas ser morto pelos poderes que se apossam de continentes em conivência com os poderes locais”.¹⁵⁴ A seguir dados que denunciam a realidade de sofrimento existente em nosso mundo e, que clamam por misericórdia.

Segundo dados publicados pela Revista Concilium, em média, hoje 850 milhões de seres humanos passam fome e a cada cinco segundos morre uma criança de fome. Desde março de 2003, foram mortos 1,2 milhões de civis, fruto da invasão do Iraque pelos Estados Unidos.¹⁵⁵ Duas amostras de males físicos. E conforme Jon Sobrino, “erradicar a fome é possível e por

¹⁵³ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. A história de Jesus de Nazaré. São Paulo: Vozes, 1994, p. 366

¹⁵⁴ SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. A história de Jesus de Nazaré. São Paulo: Vozes, 1994, p. 367

¹⁵⁵SOBRINO, Jon. Humanizar uma civilização enferma. Concilium, *Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis: n. 329, p. 70—80, jan. 2009

isso, uma criança que hoje morre de fome, morre assassinada. É um mal moral. E a justificação da invasão do Iraque é mentira, planejada e mantida. De novo, um mal moral”.¹⁵⁶

O mundo está marcado por tantas mortes, injustiças e mentiras. E Sobrino afirma que, através dos meios de comunicação de forma especial, há o encobrimento de tais males, e se propaga a insensibilidade e o descaso pelas vítimas da fome e guerras; tudo contribuindo para um ambiente que desumaniza o coração do ser humano.¹⁵⁷

De acordo com estudos realizados pela ONU (Organização das Nações Unidas) e apresentado em junho de 2007 e publicada na Internet,¹⁵⁸ o número de pessoas que vivem com menos de um dólar por dia nos 49 países mais pobres do mundo – principalmente no Continente Africano – mais do que duplicou nos últimos 30 anos, chegando a 307 milhões, o que equivale a 65% da população desses países. As estimativas alertam que este número poderá chegar a 420 milhões em 2015. Reconhece a ONU que a “globalização” que diminuiu as barreiras internacionais para o comércio e o investimento está a agravar a armadilha da pobreza internacional. Os números mais alarmantes estão no continente africano. Vejamos alguns dados:

Conforme a ONU nos países da Etiópia, Eritreia, Somália, Sudão, Quênia, Uganda e Djibuti a fome mata milhões de africanos. Entre as principais causas de tanta morte está a seca, as guerras e a permanente instabilidade política e religiosa na região. Em Zâmbia, cerca de quatro milhões (de uma população de dez milhões) foi afetada pela seca, que destruiu parte de suas colheitas. A situação tornou-se rapidamente catastrófica. Todo o continente africano parece ter mergulhado no abismo.

Na África austral, existem dez milhões de mulheres, homens e crianças em situações extremas do flagelo da fome. Malawi, Zimbábue, Lesoto e Suazilândia são alguns dos países mais afetados. Malawi enfrenta a seca e a pior fome nos últimos 50 anos. Segundo o governo, 70% da população de 11 milhões passam fome. Em Moçambique e Angola, a situação é reconhecidamente trágica.

¹⁵⁶SOBRINO, Jon. Humanizar uma civilização enferma. *Concilium, Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis: n. 329, p. 70—80, jan. 2009

¹⁵⁷SOBRINO, Jon. Humanizar uma civilização enferma. *Concilium, Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis: n. 329, p. 70—80, jan. 2009

¹⁵⁸ http://www.clientes.pluricanal.net/pls16260/pobreza_no_mundo2.htm>

Na América do Sul registrou-se uma redução de pessoas subnutridas, passando de 42 milhões para 33 milhões, segundo levantamento feito pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO). Apesar da estratégia usada na agricultura para combater a situação do empobrecimento, nos últimos dez anos o crescimento do setor agrícola no Continente foi fraco, alcançando em média 2,7% no ano de 2000. Um dos fatores que impediram o crescimento deveu-se à concorrência dos países mais desenvolvidos, cuja agricultura é fortemente subsidiada pelos respectivos Estados.

Embora tenha reduzido o número de pessoas em situações de risco por causa da fome, ainda restam 211 milhões de latinoamericanos e caribenhos que vivem abaixo da linha da pobreza. Os efeitos da globalização fomentaram contínuas crises econômicas.

Na Ásia, a situação do Afegansitão é particularmente dramática, onde cinco a dez milhões de pessoas estão ameaçadas pela fome, mas também é muito grave na Coreia do Norte, Mongólia, Armênia, Geórgia e Tajiquistão. No Médio Oriente as projeções do Banco Mundial são também pouco animadoras para esta região, pois a situação é dramática na Palestina e no Iraque. A previsão é que o número de pobres irá disparar, estimulando o crescimento de conflitos sociais. A intervenção dos EUA no Iraque em abril de 2003, para além das vítimas que já havia produzido, agravaram-se ainda mais esta tragédia.

Outro fator pesquisado pela ONU e que merece destaque no cenário da pobreza mundial é a questão da água. A água contaminada mata mais de 6.000 pessoas todos os dias, sendo a maioria delas crianças, onde a pobreza extrema domina. Mais de um bilhão de pessoas não tem acesso à infra-estrutura de saneamento. É esta a grande contradição do século atual, onde se desperdiça tanta água e em outras realidades falta (assim como os alimentos).

Outra questão preocupante é a saúde. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) a pobreza é entendida como um fenómeno complexo e multidimensional que depende não só de rendimentos, mas também de variáveis como o acesso limitado a serviços básicos. Os grupos mais vulneráveis e pobres são os que tem a saúde precária, apresentam as maiores taxas de doenças e de mortalidade prematura ou materno-infantil. São mais de 800 milhões de pessoas sofrendo a subalimentação. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), as desigualdades não ocorrem apenas nos níveis de saúde e de nutrição, mas também no acesso aos serviços de saúde.

Segundo o site pesquisado, a evolução crescente dos meios tecnológicos, a capacidade de produção e a necessidade do ser humano de, cada vez mais, industrializar o mundo, o meio ambiente tem sofrido, de forma dramática desde a Revolução Industrial, graves atentados contra a vida do planeta.

Quando se pensa nos efeitos das mudanças climáticas vem logo à mente imagens de secas, tempestades ou o aumento do nível do mar. Portanto, é de prever que as comunidades costeiras e os agricultores sejam os grandes prejudicados com o fenômeno e de certa forma todos serão atingidos pelas mudanças climáticas.

Pesquisadores examinaram a influência econômica a partir dos efeitos climáticos adversos, como ondas de calor, secas ou chuvas pesadas, tornados e outros, que causarão interferência no custo de alimentos, em 16 nações em desenvolvimento e concluíram que o aumento do preço da comida levará milhões de pessoas para abaixo da linha da pobreza. Bangladesh, México e Zâmbia mostraram a maior porcentagem da população indo para abaixo da linha da pobreza por causa das mudanças climáticas.¹⁵⁹

Outro ponto que merece destaque são os migrantes.¹⁶⁰ O mundo nunca teve tanta gente morando fora do país de origem. A ONU, a partir de dados pesquisados, avalia que existem atualmente 160 milhões de migrantes, pessoas vivendo fora de seu país pelas mais variadas razões (da mudança temporária por exigência do trabalho à tentativa de uma vida melhor no exterior fugindo de guerras).

As migrações são hoje um fenômeno de dimensão global, com implicações cada vez mais importantes nos domínios políticos, econômicos, sociais, culturais e religiosos. Fatores como a distribuição desigual na riqueza, guerra, desemprego, fome e degradação ambiental forçam todos os dias milhares de pessoas a abandonar o seu país de origem em busca de um futuro melhor para si e suas famílias. Este fenômeno não é novo, mas tem crescido drasticamente em todo o mundo, dos quais cinco milhões são portugueses. O número de migrantes em situação irregular é difícil de estimar com precisão.

Uma tendência recente que coloca novos desafios é a feminização dos movimentos migratórios. Embora a migração tenha um efeito positivo de criar oportunidade de

¹⁵⁹ http://www.clientes.pluricanal.net/pls16260/pobreza_no_mundo2.htm

¹⁶⁰ <http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/migrantes/migrantes.shtml>

subsistência e emancipação das mulheres, deixa-as também particularmente vulneráveis a abusos e exploração para fins laborais ou sexuais.¹⁶¹

Embora havendo recursos para superar os graves martírios da fome, das doenças e dos diversos sofrimentos, Sobrino faz uma análise da realidade mundial e se manifesta dessa forma:

“o mundo não gera vida, alimentação, saúde, educação para todos e o modo de tentar superar a fome e a pobreza não leva em conta muitas vezes a dignidade das pessoas, como ocorre nos novos gigantes do capitalismo. Encobre-se a verdade, em mãos de multinacionais, (...). A injustiça internacional impera com naturalidade e são violados sem pudor os direitos dos povos. A corrupção passeia por muitos âmbitos de poder. (...). A democracia ocidental é exaltada fundamentalisticamente e seus pecados são perdoados com extrema facilidade (...), pois a salvação vem do capitalismo, com todas as metamorfoses exigidas pelo mercado”.¹⁶²

Esta forma de “organização” mundial provoca nos seres humanos atitudes que reforçam a inclinação à falsidade, a mentira e ao egoísmo. Para Sobrino, uma globalização contra a verdade, não humaniza. Mentir e encobrir nega a própria realidade. Nesta perspectiva, “a África não existe”, foi excluída da realidade pela contra-globalização do silêncio. Provocam também desagregação e antagonismo. Da mesma forma Cuba não pode abrir-se a outros povos, está bloqueada pela contra-globalização da mentira. A mentira e o encobrimento em nada ajudam à universalização do humano.¹⁶³

E na compreensão de Boff, a forma como a sociedade atual está organizada faz do pobre um ser ainda mais distante, também geograficamente excluído. Foi afastado e eliminado do centro. A ele restou a periferia, a favela, lugares de verdadeiros amontoados humanos. “Tudo foi arquitetado para que ele não possa sequer olhar para os que contam na sociedade”.¹⁶⁴ Diante deste cenário, parece crescer ainda mais sentimentos e atitudes de indiferença, levando as pessoas a cultivarem atitudes de verdadeira inumanidade, reforçando o egocentrismo, a

¹⁶¹ http://www.acidi.gov.pt/docs/press_releases/comunicado_18_dezembro.pdf

¹⁶²SOBRINO, Jon. Redenção da globalização: As vítimas. *Concilium, Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: n. 293, p.114—124, maio, 2001

¹⁶³SOBRINO, Jon. Redenção da globalização: As vítimas. *Concilium, Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: n. 293, p.114—124, maio, 2001

¹⁶⁴BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o Novo Milênio*. São Paulo: Paulus, 5 ed. 2003, p. 161

insensibilidade, a frieza e distanciando-se cada vez mais da realidade dos povos empobrecidos. Olhando para esta realidade faz-se necessário questionar-se, se somos ou não humanos e, para os que creem, se a fé professada é ou não é cristã.

Para Dávalos a Igreja latinoamericana, nunca se entendeu como um grupo seletivo de miseráveis ou uma espécie de “corte dos milagres” que despreze os ricos. Mas, sim, proclama bem alto:

“Deus não quer a miséria para ninguém neste mundo! Deus quer que todos os seus filhos e filhas tenham vida abundante: diante do número escandaloso de miseráveis da opulência lacerante, nossa fé exige de nós, cristãos, por mandato evangélico e tradição apostólica, que façamos uma opção pelos pobres e, nisso consiste a eclesiologia da chamada “Igreja dos pobres”, que nunca se viu longe de seus pastores, pois deles surgiu”.¹⁶⁵

E afirma ainda, a Igreja dos pobres deseja que a sociedade seja percebida com os olhos dos pobres e nos solidarizemos com eles. Não significa luta de classes, mas de tornar histórico o que disse Santo Agostinho: “Na caridade o pobre é rico, sem caridade todo rico é pobre”.¹⁶⁶

E nesse pensar, a Igreja inserida neste mundo dos empobrecidos, para Clodovis Boff, a grande questão é saber conviver e relacionar-se com o “outro” que diverge em pensamentos e posturas: o sofrido, o excluído, o perdido e até mesmo o inimigo. A misericórdia é uma das formas mais radicais de viver o amor cristão, para os que estão caídos, fora, longe ou contra.¹⁶⁷

Para Benedito Ferraro, o sul do Mundo é um cenário gritante de empobrecidos. Estes são considerados pelo sistema capitalista gente que “incomoda”. Como não estão a serviço do lucro, não passam de peças descartáveis e, na compreensão do mercado, precisam ser afastados do centro e até eliminados. Esta eliminação vai acontecendo de forma gradativa: privando do atendimento à saúde, à educação, chance de emprego, alimentação e praticamente

¹⁶⁵ DÁVALOS, G. Luis Arturo. A Apostolicidade da opção pelos pobres. In: VIGIL, J.M. (org.) *Descer da cruz os pobres*. Cristologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 163

¹⁶⁶ DÁVALOS, G. Luis Arturo. A Apostolicidade da opção pelos pobres. In: VIGIL, J.M.(org.) *Descer da cruz os pobres*. Cristologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 163

¹⁶⁷ BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o Novo Milênio*. São Paulo: Paulus, 5 ed. 2003, p. 25

todos os direitos lhe são negados. Quando não se reconhece os direitos humanos, não há reconhecimento da dignidade humana.¹⁶⁸

Conscientes desta realidade os Bispos da América Latina por ocasião da Conferência em Puebla assim se manifestaram:

“Comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forjadas e sem proteção (DP n. 29).

Na ótica cristã, Comblin afirma que a cruz na qual está o próprio Deus é a forma mais clara de dizer que Deus ama as vítimas deste mundo, está junto, é capaz de sofrer, morrer como eles para ressuscitá-los. E a partir daí, é preciso reformular o mistério de Deus. Sempre foi dito que Deus é o “Deus maior”, a partir da cruz é preciso acrescentar que é também o “Deus menor”.¹⁶⁹ Se faz menor para elevar os menores à grandeza de Deus.

Segundo Luiz Carlos Susin, o pobre na tradição bíblica e cristã é o aliado de Deus, que quer a sua vida e age em favor de sua libertação. No modo de ser de Jesus há uma clara decisão em favor deste pobre, do envergonhado, do oprimido. As primeiras comunidades cristãs continuaram fazendo esta experiência: Deus elegeu os humildes e os que “não são” e, nesse escândalo e nessa loucura, revelou quem Ele é e como pretende salvar (cf. 1Cor 1). Então, por que os pobres, que não tem poder, podem ser “perigosos”? Por que acabam por ser perseguidos e eventualmente martirizados e, com eles, também seus profetas?¹⁷⁰

A solidariedade com estes “povos transpassados”, sugerida por Caravias envolve a necessidade de revolucionar o que o sistema opressor considera bom. Para o sistema, os que assumem a causa dos pobres são considerados gente subversiva, inimigas da ‘justiça e da ordem’, malditas pela religião e abandonadas por Deus. O que o sistema chama de bom e justo, na realidade é injusto, discriminador e mau. Aquele que compreendeu o projeto de Jesus

¹⁶⁸ FERRARO, Benedito. *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*. São Paulo: paulinas, 1993, p. 13

¹⁶⁹ COMBLIN, José. *O Caminho*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 23-24

¹⁷⁰ SUSIN, Luiz Carlos. O privilégio e o perigo do “lugar teológico” dos pobres na Igreja. In: VIGIL, J. M. (Org.) *Descer da cruz os pobres: Cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 323

de Nazaré é capaz de sofrer por causa de uma justiça maior, sofre em razão de outra ordem: a justiça e a ordem de Deus. Todo aquele que abraça a causa de Jesus na sua radicalidade, sofre também como ‘maldito’ quando na realidade está sendo abençoado. Morre ‘abandonado’ quando na verdade foi acolhido por Deus. Deste modo Deus confunde a sabedoria e a justiça deste mundo.¹⁷¹

Sobrino faz referência à realidade de muitos religiosos, padres, lideranças, catequistas que ao se colocarem ao lado dos pobres foram calados e outros tantos assassinados, por defenderem uma proposta de vida a partir de Cristo libertador. E este fato martirial generalizado é prova de que existe verdadeiramente uma nova imagem de Cristo e uma imagem mais de acordo com o Cristo que é Jesus de Nazaré.¹⁷² O valor da solidariedade provoca uma dimensão de compromisso capaz de derramar o sangue para que outras vidas possam viver.

Diante da realidade de pobreza da América Latina, os Bispos reunidos em Santo Domingo, por ocasião da IV Conferência Geral, perceberam que se fazia necessário ampliar a lista dos rostos sofridos declarados em Puebla (DP n.31-39) e assim se manifestaram a respeito desta realidade, o desafio é:

“Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25, 31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial. Na fé encontramos os rostos desfigurados pela fome, consequência das injustiças sociais; os rostos desiludidos pelos políticos que prometem, mas não cumprem; os rostos humilhados por causa de sua própria cultura, que não é respeitada, quando não desprezada; os rostos aterrorizados pela violência diária e indiscriminada; os rostos angustiados dos menores abandonados que caminham por nossas ruas e dormem sob as pontes; os rostos sofridos das mulheres humilhadas e desprezadas; os rostos cansados dos migrantes que não encontram digna acolhida; os rostos envelhecidos pelo tempo e pelo trabalho dos que não tem o mínimo para sobreviver dignamente. O amor misericordioso é também voltar-se para os que se encontram em carência espiritual, moral, social e cultural (DSD n. 178).

Conforme a Encíclica *Dives in Misericordia* a prática da misericórdia, é um processo contínuo de aprendizado. Aprender a ver Deus desde este mundo de vítimas e aprender a ver este mundo a partir de Deus e recuperar a vida sofrida, ameaçada a sucumbir de tanta dor e

¹⁷¹ CARAVIAS, José. *O Deus de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 126-127

¹⁷² SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*. A história de Jesus de Nazaré. São Paulo: Vozes, 199, p. 27-28

miséria. Colocar em prática a misericórdia é dar sentido à vida. O amor não é feito de palavras, mas de ações. “É preciso que o rosto genuíno da misericórdia seja sempre descoberto de maneira nova. Apesar dos multiformes preconceitos, a misericórdia apresenta-se como algo particularmente necessário nos nossos tempos” (DM n. 6).

Para que a Misericórdia seja concretizada, segundo Sobrino, ela precisa fundamentar-se em quatro passos: a) deve estar inserida na história e perceber quem é o ferido no caminho, reconhecer os necessitados. Reagir com misericórdia significa empenhar-se completamente em “descê-los da cruz”. Significa também, trabalhar pela justiça, pois esse é o nome do amor para com as maiorias injustamente oprimidas e pôr-se a serviço da justiça. b) Uma misericórdia que se torna justiça é automaticamente perseguida pelos poderosos, e, por isso, a misericórdia tem de ser mantida com convicções capazes de ultrapassar as ameaças. c) A misericórdia deve ser anteposta a qualquer coisa. Pela misericórdia é preciso arriscar, não só a vida pessoal, mas se preciso for também a Instituição Eclesial; d) O exercício da misericórdia dá a medida da libertação, tão proclamada como ideal do ser humano no mundo ocidental. Jesus, ao transgredir as leis e curar num dia de sábado, expressava sua liberdade a partir da misericórdia, e não inversamente.¹⁷³

E diz ainda: “O sofrimento alheio interiorizado é, portanto, o princípio da reação misericordiosa; por sua vez, a misericórdia se transforma em princípio configurador de toda a ação de Deus”.¹⁷⁴ E Libânio salienta: na vida do povo, o Deus que se revelou escondeu-se por detrás do sofrimento. No meio de suas cruzes, o povo experimenta a Deus, como aquele que está, a quem chama, em cujos braços se lança, numa atitude de resignação e de luta. A experiência do sofrimento, unida a anseios de libertação, faz-se via de conhecimento de Deus.¹⁷⁵ A reação fundamental perante este mundo de vítimas é o exercício consequente da misericórdia. Esta opção de Deus pelos pobres é loucura para os pagãos, escândalo para os judeus. Ela se manifestou sobremaneira no Messias crucificado (cf. 1 Cor 1,23). E conclui: “Os direitos dos pobres são os direitos de Deus”.¹⁷⁶

¹⁷³ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis:Vozes, 1994, p. 26-27

¹⁷⁴ SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis:Vozes, 1994, p. 33

¹⁷⁵ LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. S. Paulo: Loyola, 1992, p. 452

¹⁷⁶ LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. S. Paulo: Loyola, 1992, p. 455

Olhando novamente para América Latina, na V Conferência dos Bispos em Aparecida, como Igreja foi reassumida a opção pelos pobres e excluídos e assim os Bispos se manifestaram:

“Comprometemo-nos a trabalhar para que a nossa Igreja Latino-americana e Caribenha continue sendo, com maior afinco, companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio. Hoje queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres feita nas Conferências anteriores. Que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais. A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos” (DA n. 396).

Para Gutierrez, faz parte de um coração sensível preocupar-se em saber onde o pobre dormirá, com que vai se alimentar, que medicamento vai usar para se curar.... Viver na radicalidade do seguimento de Jesus de Nazaré ajuda a perceber que a unidade da vida cristã não se constrói com formulações de noções, de conceitos, de idéias, mas num pôr-se a caminho para atuar o amor de Deus e o amor ao próximo num gesto simultâneo. Um itinerário arriscado, mas pleno de esperança, capaz de “sentir com” Deus e com o outro. Sentir é muito mais que simplesmente pensar.¹⁷⁷

É a partir das vítimas que se percebe a ausência da vida, do pão, de liberdade, da saúde, da educação, da dignidade... de Deus. Quem tem fome, percebe a ausência de pão e seu valor. A experiência é a chave de compreensão da totalidade. O lugar da vítima é o lugar da verdade, pois revela a maldade do mundo, o monstro que o devora. Para Benedito Ferraro, o grande desafio hoje é assumir que a opção pelos pobres esteja articulada com o clamor dos pobres. Atender o pobre em suas necessidades é escutar a Deus, desprezá-lo é negar o próprio Deus (cf. Ex 3, 7-10; Mt 25, 40). E diz ainda, a opção pelos pobres significa, em última instância, “uma opção por Deus, pois na causa do pobre joga-se a causa de Deus, porque a vida humana concreta e real é a mediação fundamental da presença e da revelação de Deus”.¹⁷⁸

Sobrino destaca também que, entre os povos do sul do Mundo, há gestos verdadeiros de compromisso com a vida ameaçada. Diante do “ferido no caminho”, a sensibilidade de muitos foi tocada e agem movidos pela misericórdia. A quantidade de vidas doadas e martirizadas

¹⁷⁷ GUTIERREZ, Gustavo. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 182

¹⁷⁸ FERRARO, Benedito. *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*. São Paulo: Paulinas, 1993, pg. 16

nestes últimos anos na América Latina e no mundo é impressionante. Por isso é possível crer que o amor é capaz de transformar realidades porque é real. “O amor é uma oferta de humanização”.¹⁷⁹

Para que haja um mundo a partir do Coração de Deus, segundo Boff, implica em denunciar situações que geram ódio, divisões das mais diversas formas, ateísmo em termos de estruturas, valores, práticas e ideologias. Isso implica anunciar e realizar uma práxis comprometida: amor, solidariedade, justiça, na família, na escola, no sistema econômico, nas relações políticas, em todos os setores da sociedade. Esse engajamento tem suas consequências: crises, confrontos, sofrimentos, cruces, martírio. Aceitar a cruz que vem desta luta é carregar a cruz como Jesus a carregou no sentido de suportar e sofrer por causa da vida que levamos e acreditamos.¹⁸⁰

Na Encíclica *Deus caritas est*, Bento XVI enfatiza que a Igreja, como seguidora de Jesus de Nazaré e de sua proposta libertadora e salvadora, está comprometida com os mais necessitados. Jesus demonstrou a grandeza desse compromisso ao assumir a condição humana e assumiu desde o seu nascimento a causa pelos mais pequenos e se fez solidário com eles. Deus se fez humano para que o povo sofredor tenha mais vida e participe da Boa Nova do Reino. Humanidade e divindade se encontram. Somente quem é profundamente humano é capaz de ser profundamente divino. “Amor a Deus e amor ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus”.¹⁸¹

Sem dúvida, continua sendo um grande desafio para todo cristão batizado, por em prática as atitudes do Coração de Jesus, que são de profunda misericórdia e compaixão para com todos. Os pobres gerados pela globalização enfrentam uma infinidade de situações que os fazem sofrer. E por fim, um pensamento de Jon Sobrino: “Globalizar humanamente não é simplesmente fazer com que “todos entrem”, (façam parte) o que seria pouco, mas que “todos sejam”, cada um o que é, com a alegria de apoiar-se mutuamente”.¹⁸²

¹⁷⁹SOBRINO, Jon. *O princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 130

¹⁸⁰BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo, paixão do mundo: o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 159

¹⁸¹BENTO XVI. Carta Encíclica *Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulinas, 2006, n. 15

¹⁸²SOBRINO, Jon. Redenção da globalização: As vítimas. *Concilium, Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis, n. 293, p.114—124, maio, 2001

3.2 O PRINCÍPIO MISERICÓRDIA E O CÍRCULO DA COMPAIXÃO

A prática da Misericórdia, segundo Boff, inspira-se num Deus que se debruçou, desde a criação do mundo, sobre as condições humanas, e sentiu a dor de seu povo e a carregou sobre si e, conseqüentemente, decidiu intervir com ação libertadora. Deus ouviu o grito de seu povo escravo no Egito e sentiu a dor da opressão. Movido por dentro, iniciou o caminho da libertação. “Se clamar por mim, eu o ouvirei, porque sou compassivo” (Ex 22, 26). E conclui: “O fiel sabe que se ele clamar por vida, justiça e liberdade, Deus estará escutando e apoiando tudo o que vier a ser feito em função de gerar mais liberdade, justiça e vida”.¹⁸³

O Deus bíblico para Boff é um Deus atento ao clamor dos oprimidos e é também um Deus que quer a justiça e não suporta a maldade. Não são as longas orações nem as liturgias solenes que lhe agradam. Mas, sim, atos de justiça e gestos de solidariedade para com os fracos e caídos na estrada da vida (cf. Am 5, 21-27; Is 58; Jr 7; Zc 7). Um Deus que promete um futuro de vida e de reconciliação de todos os povos e de integração de toda a criação.¹⁸⁴

Para Jung Mo Sung, o clamor dos pobres a Deus é um acontecimento histórico que sintetiza toda uma realidade de sofrimento e dor. Clamor é mais que um simples grito. O segredo do clamor não está no som, pois mesmo os “sem voz” clamam aos céus. Clamor é um grito de desespero dos desesperançados, mas é ao mesmo tempo um grito que nasce do mais profundo do ser, que brota do profundo de seu interior na “esperança contra toda esperança” de ser atendido, de ser ouvido. Clamor mostra a tenacidade do oprimido na sua luta pela sobrevivência e pela dignidade humana.¹⁸⁵

O clamor pressupõe uma relação social e um sistema social que o gerou, levando o oprimido a clamar. Pressupõe atitudes de injustiça contra os mais fracos. “Isso significa que

¹⁸³BOFF, Leonardo. *O caminhar da Igreja com os oprimidos*. São Paulo: Vozes, 1988, p. 197

¹⁸⁴BOFF, Leonardo. *O caminhar da Igreja com os oprimidos*. São Paulo: Vozes, 1988, p. 197

¹⁸⁵MO SUNG, Jung. *Deus numa economia sem coração: pobreza e neoliberalismo: um desafio à evangelização*. São Paulo: Paulus, 3 ed. 1992, p. 20

no outro pólo do clamor está a satisfação do “rico/forte-opressor” que se beneficia da injustiça”.¹⁸⁶

Por ser um Deus atento ao clamor de seu povo, Moltmann, afirma que Deus sofre, não da mesma maneira que a criatura humana. Se Deus fosse impassível diante do outro que sofre, seria incapaz de amar. Porque Deus ama está exposto ao sofrimento, porém, este mesmo amor não lhe permitirá sucumbir na dor. Deus não sofre por carência de ser, sofre por efeito de seu amor que é o desdobramento de seu ser.¹⁸⁷

A partir do Pai, Jesus se tornou o portador do amor misericordioso e do perdão de Deus a todas as pessoas e em todos os lugares. O amor misericordioso do Pai é o centro da missão de Jesus e mostrou com a vida que Deus é ternura e solidariedade para com todos. Jesus fez de sua ação uma re-ação diante do sofrimento a tal ponto de mover o coração. Jesus tem consciência de sua missão e, por isso, pronunciou as palavras: “eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Na compreensão de Jon Sobrino, a pobreza para Jesus não faz parte do plano original de Deus. Com a pobreza a criação de Deus se manifestou como viciada e aniquilada. A vida que Jesus trouxe vai além do fato primário de simplesmente sobreviver, mas inclui este fato como algo essencial. É o que dizia D. Oscar Romero: “É preciso defender o mínimo que é o máximo dom de Deus: a vida”.¹⁸⁸

A missão de Jesus esteve pautada na solidariedade, Ele se colocou junto dos mais necessitados movido por seu amor libertador. Sua preocupação não estava em resolver simplesmente o problema biológico criado por uma enfermidade e, sim, recuperar a dignidade das pessoas conhecedoras da dor, da condenação moral, da solidão, do desprezo e da marginalidade. Jesus não foi um curador de enfermidades e, sim, um reabilitador de homens e mulheres destruídos.

¹⁸⁶MO SUNG, Jung. *Deus numa economia sem coração: pobreza e neoliberalismo: um desafio à evangelização*. São Paulo: Paulus, 3 ed. 1992, p. 20

¹⁸⁷MOLTMANN, Jungem. *Trinidad y Reino de Dios: La doctrina sobre Dios*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2 edición, 1986, p. 38

¹⁸⁸SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador*. A história de Jesus de Nazaré. São Paulo: Vozes, 1994, p. 131

Conforme Moltmann, a criação do mundo não é senão uma história de amor entre Deus e o outro. Por isso, o amor de Deus ao Filho implica potencialmente a encarnação deste. A encarnação do Filho de Deus não é uma resposta ao pecado e sim o cumprimento do desejo eterno de Deus de possuir em cada ser humano um “Deus por graça”, um “outro” que participe da vida divina e corresponda ao amor divino.¹⁸⁹

Segundo Comblin, no pensamento bíblico, “o outro” era considerado o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro. O que era comum a essas quatro figuras era o fato de que não são e nem tem nada (o ser e o ter estão ameaçados). O outro vem de fora, chega sem ser convidado, não é esperado nem desejado. Apresenta-se como hóspede, porque impõe a sua presença. O outro é alguém que olha com um olhar interrogante, que denuncia, acusa, pede, suplica, julga. Ele não tem poder nenhum a não ser o poder de olhar e esse olhar questiona e desequilibra.¹⁹⁰

No texto de Marcos, Jesus sempre colocou a vida humana acima de todas as leis e preceitos. Na sua misericórdia rompeu com as leis do sábado para salvar uma vida (cf. Mc 1, 21; 3,2). Não se preocupou tampouco em transgredir normas prescritas para evitar o contato com os leprosos (cf. Mc 1, 40-45). Agiu com o coração inteiramente gratuito. Aproximou-se e deu preferência aos doentes e pecadores mais do que aos sadios e justos (cf. Mc 2, 17). Jesus acolheu, escutou, compreendeu a solidão e a desvalorização imposta e nos pobres infundiu a fé, alento, esperança, dignidade, ajudou a crer de novo na vida, na saúde, no perdão. Na pessoa que crê, tudo pode ser reconstruído e libertado (cf. Mc 10, 52; Mt 9, 22).

Na missão realizada por Jesus se revelou, de maneira definitiva, o amor de Iahweh. “Nisto se manifestou o amor de Deus entre nós: Deus enviou o seu Filho unigênito ao mundo para que vivamos por ele” (1Jo 4,9). O caráter definitivo do amor de Deus pela humanidade se revelou no próprio fato da Encarnação (cf. Hb 1,1). Revelou-se ainda mais claramente no modo pelo qual Jesus viveu e morreu: “Não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós ...” (Rm 8,32) e diz ainda: Jesus veio não como juiz, mas como salvador (cf. Jo 3,17; 12,47). Ele é o Cordeiro que tira o pecado do mundo (cf. Jo 1,29), capaz de derramar o sangue “para o perdão dos pecados” (Mt 26,28). O amor é redentor, porque o amor é solícito.

¹⁸⁹MOLTMANN, Jungem. *Trinidad y Reino de Dios: La doctrina sobre Dios*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2 edición, 1986, p.61

¹⁹⁰COMBLIN, José. *O Caminho*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 149

Ao retomar a parábola do Bom Samaritano, Sobrino tem presente que a motivação principal para a ação diante do caído, não foi porque existia um mandamento a ser cumprido ou uma recompensa a ser recebida. O lugar da missão é o ferido no caminho, é o outro esmagado à beira da estrada, é aquele que sofre injustamente, é ser capaz de ver e de re-agir movido pela misericórdia. Assume em seu ser o sofrimento alheio, de tal modo que esse sofrimento se torna parte dele e se converte em princípio interno. Elevar a princípio esta misericórdia pode parecer um mínimo, mas, segundo Jesus, sem ela não há humanidade nem divindade e, como todos os mínimos, é um verdadeiro máximo, não existe nada anterior à misericórdia para motivá-la, nem existe nada mais além dela para relativizá-la ou recusá-la.¹⁹¹

Seguindo o pensamento de Sobrino, a misericórdia de Jesus estava na origem de sua atividade e foi o que configura toda a sua vida, sua missão e seu destino. Nos relatos evangélicos a palavra “misericórdia”, aparece algumas vezes de modo explícito e em outras ocasiões não, mas, independente disso, o sofrimento dos pobres, fracos, privados da dignidade sempre aparece como pano de fundo na atuação de Jesus e, diante deles se lhe comove o coração. E são essas entranhas comovidas que configurou tudo o que ele foi: seu saber, seu esperar, seu agir e seu celebrar. Assim, sua esperança era a dos pobres que não tem esperança e aos quais anuncia o Reino de Deus. Sua práxis sempre foi a favor dos pequenos e dos oprimidos. Sua alegria era júbilo pessoal quando os pequenos entendem, e sua celebração era sentar-se á mesa com os marginalizados. Sua experiência com Deus era a de um Deus defensor dos pequenos e misericordioso com os pobres. E Sobrino conclui: “para Jesus, a misericórdia está na origem do divino e do humano. Deus se rege, e os humanos devem reger-se segundo esse princípio e, a esse princípio está sujeito todo o resto”.¹⁹²

Em Jesus de Nazaré o ser humano não só recebe e experimenta continuamente a misericórdia de Deus, mas é convocado a “ter misericórdia” para com os demais. “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”(cf. Mt 5,7). A Igreja vê nestas palavras escritas por Mateus um apelo à prática da misericórdia. “O ser humano alcança o amor misericordioso de Deus e sua misericórdia, na medida em que ele próprio se transforma interiormente, segundo o espírito de tal amor para com o próximo”(DM n 14).

¹⁹¹SOBRINO, Jon. *O princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35

¹⁹²SOBRINO, Jon. *O princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 38

São Paulo ao escrever à comunidade de Corinto recomendava: “ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse o amor, eu não seria nada” (1 Cor 13,2). Segundo Comblin “o próximo é a presença do Pai e não temos outro meio de amar o Pai. Amar o Pai não se faz por meio de palavras, por gestos de devoção ou outros atos simbólicos. O amor ao Pai se realiza por meio de atos concretos de amor ao próximo.”¹⁹³ E diz ainda: Amar torna-se uma opção de vida e, por isso, deriva de uma conversão que constitui a orientação definitiva da vida. E conclui: “O cristianismo tem seu centro no amor. Todo o resto tem utilidade à medida que caminha para o amor”.¹⁹⁴

Ao escrever a Encíclica *Dives in Misericordia*, o Papa João Paulo II deixou claro da importância da Misericórdia na vida da Igreja:

“A mensagem messiânica sobre a misericórdia conserva sempre uma particular dimensão divino-humana. Cristo, enquanto é o cumprimento das profecias messiânicas, ao tornar-se encarnação do amor que se manifesta com particular intensidade em relação aos que sofrem, aos infelizes e aos pecadores, torna presente e, desse modo, revela mais plenamente o Pai, que é Deus “rico em misericórdia”. Ao mesmo tempo, tornando-se para os homens modelo do amor misericordioso para com os outros, Cristo proclama com as obras, mais ainda do que com palavras, aquele apelo à misericórdia, que é uma das componentes essenciais do ethos do Evangelho. Neste caso não se trata somente de cumprir um mandamento ou uma exigência de natureza ética, mas também de satisfazer a uma condição de capital importância, a fim de Deus poder revelar na sua misericórdia para com o homem: “Os misericordiosos.... alcançarão misericórdia” (DM n. 3).

Para os Bispos reunidos por ocasião da Conferência em Santo Domingo chamaram atenção de toda a Igreja da América Latina e Caribe que o Reino que Jesus veio anunciar não tolera a marginalização, o conformismo e a alienação de quem quer que seja. Os marginalizados são os primeiros no Coração de Jesus. A Conferência de Santo Domingo desafia que “descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (cf. Mt 25,31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial” (SD n. 178).

¹⁹³COMBLIN, José. *O caminho*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 225

¹⁹⁴COMBLIN, José. *O Caminho*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 140-141

Para Jon Sobrino, a Igreja de hoje está inserida na realidade de povos empobrecidos e precisa reproduzir ainda mais em sua missão o jeito e a opção pela vida como fez Jesus. Parecer-se com Jesus é

“encarnar-se e chegar a ser carne real na história real. Significa levar acabo uma missão, anunciar a boa notícia do Reino de Deus e denunciar a espantosa realidade do anti-reino. Significa carregar o pecado do mundo, sem ficar somente olhando-o de fora que continua mostrando sua maior força no fato de causar morte a milhões de seres humanos. Significa, finalmente, ressuscitar, tendo e dando aos outros vida, esperança e alegria”.¹⁹⁵

Continuando com o pensamento de Jon Sobrino, nesse mundo, as forças da antimisericórdia chegam a tolerar sentimentos de misericórdia, apreciam práticas assistencialistas ou consideradas “obras de misericórdia”, mas não suportam uma Igreja configurada pelo “princípio misericórdia”, o qual a leve a denunciar os responsáveis que produzem vítimas, a desmascarar a mentira com que cobrem a opressão e a encorajar as vítimas a se libertarem. Em outras palavras: os causadores de um mundo antimisericordioso preferem que feridas sejam curadas, mas não que o ferido seja verdadeiramente curado nem que lute para que ele não torne a cair em suas mãos.¹⁹⁶ E Sobrino afirma que na América Latina existe uma Igreja que pratica “obras de misericórdia”, mas não assumiu ser orientada pelo “princípio misericórdia”. E existe outra Igreja configurada por este princípio.¹⁹⁷ Quando a misericórdia é elevada a princípio, as forças contrárias reagem e querem destruir até quem a pratica.

O princípio misericórdia é o princípio fundamental da atuação de Deus na história humana, como foi de Jesus, e deveria ser também de toda a Igreja. Segundo a Encíclica *Dives in Misericordia*; “a misericórdia torna-se, assim, um elemento indispensável para dar forma às relações mútuas entre homens e mulheres, num espírito do mais profundo respeito por aquilo que é humano e pela fraternidade recíproca” (DM n.14).

¹⁹⁵SOBRINO, Jon. *O princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 31

¹⁹⁶SOBRINO, Jon. *O princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 42

¹⁹⁷SOBRINO, Jon. *O princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 42

Para Sobrino colocar no centro do “globo” o sofrimento das vítimas leva à verdade e à universalização. Isto nada tem a ver com sacrificalismo, mas com a exigência-convite a responder humanamente diante das vítimas com misericórdia e justiça. E isso possui um dinamismo englobante e includente de tudo e de todos aqueles para os quais o humano se decide no mais profundo das entranhas, na misericórdia.¹⁹⁸

Diante da realidade do empobrecido, Jung Mo Sung lança um grande desafio:

“Quem não ouve o clamor dos pobres é incapaz de experimentar e compreender Iahweh, estando imerso na idolatria. É incapaz de ver a humanidade negada nos pobres ou em outros marginalizados. Não ouve porque não os considera dignos de serem ouvidos. Não quer “perder” tempo com eles. Só consegue ver com os olhos da sociedade: os pobres e marginalizados não são “nada”. Ou pior, são “gentinha” que enfeia e atrapalha o bom andamento da sociedade”.¹⁹⁹

Olhando novamente para Jesus, sua compaixão o levou a escolher e a construir o grupo dos Doze justamente com o objetivo de continuar a cuidar das multidões oprimidas e abandonadas. “Chamou os doze discípulos e deu-lhes autoridade de expulsar os espíritos imundos e de curar toda a sorte de males e enfermidades” (Mt 10,1). Dando continuidade a esta missão iniciada por Jesus e continuada pelos discípulos e depois pela Igreja, Clodovis Boff faz um apelo:

“A Igreja não pode ficar só na profecia. Precisa passar para a ação. Não compete a ela sozinha transformar o sistema. A Igreja deverá assumir com coragem seu caráter quenótico, de fraqueza institucional. Deverá aprender que sua força é de caráter radicalmente evangélico e místico. Mas se não tem força para transformar sozinha o sistema, a Igreja pode aliviar o caminho para tantos, através de alguns sinais antecipadores que ela pode oferecer, sinais que vão a contra-corrente do presente e que se põem no sentido do futuro”.²⁰⁰

Para a Igreja constitui hoje um apelo de fidelidade ao projeto de Jesus de Nazaré, o alívio dos sofrimentos e da pobreza que a maioria do povo vive. Todo aquele que se diz seguidor de

¹⁹⁸SOBRINO, Jon. Redenção da globalização: As vítimas. *Concilium, Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis: n. 293, p.114—124, maio 2001

¹⁹⁹MO SUNG, Jung. *Deus numa economia sem coração: Pobreza e neoliberalismo: um desafio à evangelização*. São Paulo: Paulus, 3.ed. 1992, p. 24

²⁰⁰BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o novo milênio*. São Paulo: Paulus, 5 ed. 2003, p. 33

Jesus de Nazaré necessariamente precisa assumir uma atitude de samaritano, capaz de socorrer o necessitado, movido por uma compaixão-misericordiosa.

Para Sobrino, toda misericórdia humaniza, a que surge a partir da defesa das vítimas, é especial. É um “amor” que para defender as vítimas é capaz de entregar a própria vida. No contexto da opção pelos pobres, Puebla insiste na gratuidade do amor de Deus: “independentemente de sua situação pessoal e moral” (DP. n. 1142). E afirma algo ainda mais primordial: “Deus os defende e os ama”. Defender é amar assumindo riscos diante dos vitimados. Essa é a misericórdia dos mártires, e isso humaniza, gera esperança.²⁰¹

Para Jon Sobrino:

“O que fazemos pelos pobres e vítimas humaniza, mas nada humaniza mais uma sociedade enferma do que deixar-se curar pelas vítimas e agradecer-lhes por isto. É a salvação que provém do “povo transpassado”. Pelo que são, fazem com que abramos os olhos para nossa própria verdade, que tão zelosamente queremos ocultar. Às vezes inclusive nos perdoam e nos acolhem. E geram a esperança de que viver como família humana é possível”.²⁰²

Uma vida cristã assumida desde o Coração de Jesus torna-se um compromisso de vida, pela vida. Significa assumir um compromisso do discipulado da misericórdia. Compromisso permanente na história do cristianismo. Uma espiritualidade que testemunhe na história de cada dia o amor de Deus porque “Deus é amor” (1Jo 4, 8). É a partir deste amor revelado e manifestado que o mundo vai reconhecer o ser cristão: “nisto reconhecerão todos que vós sois meus discípulos” (Jo 13, 34-35).

Conforme Arrupe, a razão de amar o próximo é uma razão teologal que o vincula intimamente com Deus. Não são dois amores paralelos, nem o amor ao próximo é um amor de subordinação. É um único amor, como é único o amor trinitário.²⁰³

Na compreensão de Jung Mo Sung, somente quem tem fé em Deus Pai-Mãe, o Deus de Jesus, é capaz de perceber que aqueles que são tratados como se não existissem são filhos de

²⁰¹SOBRINO, Jon. Humanizar uma civilização enferma. Concilium, *Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis, n. 329, p.70—80, jan. 2001

²⁰²SOBRINO, Jon. Humanizar uma civilização enferma. Concilium: *Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis, n. 329, p.70—80, jan. 2001

²⁰³ARRUPE, Pedro. *La Iglesia de hoy y del futuro*. Bilbao—Espanã: Ediciones Mensajero, 1982, p 568

Deus e seres humanos. E diz ainda, somente quem tem fé é capaz de ouvir o clamor e dar-lhe atenção. Dessa forma, estarão testemunhando a fé professada no Deus de Jesus de Nazaré.²⁰⁴ E concluo com uma frase de Susin: “A misericórdia é o modo materno da sensibilidade”.²⁰⁵

3.3 A MISERICÓRDIA E A IRA DO CORAÇÃO DE JESUS

A *Ira* e a *Misericórdia* de Deus caminham lado a lado na mesma direção salvífica. Segundo Mackenze, a atribuição da ira de Deus representa uma parte essencial na concepção bíblica enquanto ser dotado de forte personalidade. O Deus da Bíblia é um Deus vivo, ativo, não permanecendo indiferente ao cumprimento da aliança estabelecida com seu povo. Assim, sua ira nada mais é do que uma das características de sua personalidade descrita na Bíblia, devendo ser compreendida no contexto de suas motivações e dos outros traços pessoais a ele atribuídos.²⁰⁶

Conforme Bauer, a ira de Deus de repente se descarregava sobre o pecador (cf. Ex 19,12; Nm 11,33; 12,9; 17,6-11; 25 9-11; 2Sm 6,7), mas repetidas vezes é atestada a generosidade de Deus (cf. Ex 34, 6s; Nm 14, 18; Ne 1, 8s; Is 48, 9; Sl 103, 8). Deus avisava, antes de reagir (cf. Am 4, 6-11; Is 9, 11; Jer 4,4); Ele dava tempo para a conversão (cf. Jn 4, 2). Sobre a duração da ira divina, Jeremias anunciava: “Não guardo rancor para sempre” (Jer 3, 12). No exílio, Iahweh, transbordando raiva, escondeu por pouco tempo o rosto de seu povo, mas teve compaixão com bondade eterna (cf. Is 54, 8-10).²⁰⁷

E continua o autor, assim como a ira se encontra na imagem de Deus, também está presente na de Jesus. Quem a descreve com mais insistência é Marcos. Lucas em seus escritos suavizou os traços passionais na imagem de Jesus. A ira e o zangar-se raramente eram atribuídos explicitamente a Jesus, mas nas manifestações de sua ira. Jesus não suportava e

²⁰⁴MO SUNG, Jung. *Deus numa economia sem coração: Pobreza e neoliberalismo: um desafio à evangelização*. São Paulo: Paulus, 3. Ed. 1992, p. 24

²⁰⁵SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre\Petrópolis: EST\Voices, 1984, p. 353

²⁰⁶MACKENZE, John. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 2 edição, 1984, p. 445-446

²⁰⁷BAUER, Johannes. *Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 196.

irritava-se com os poderes antidivinos e suas tramas. Respondeu duramente a Satanás que o tentou (cf. Mt 4, 10), e a Pedro que, não entendendo o seu sofrimento, não teve pensamento de Deus, mas pensamentos humanos (cf. Mt 16, 23). Ficou indignado com os fariseus e o procedimento diabólico dos homens (cf. Mt 23; Jo 8, 44). A ira de Jesus nasceu do amor desprezado (cf. Lc 15, 28; Mt 18, 34). Encolerizou-se quando a honra de seu Pai foi ofendida (purificação do templo, cf. Mt 21, 12; Jo 2, 14-17). Palavras de ira ameaçadora, ele as dirigiu aos impenitentes (cf. Mt 11, 20-24; Mc 11, 14; Lc 13, 7). Nessa ira já se manifestava a ira de Jesus como Juiz Escatológico (Mt 25,41).²⁰⁸

Lytta Basset, biblista e psicanalista, utilizou o termo cólera ao falar sobre a ira divina. A ira em Jesus tem feições particulares e está associada à compaixão que caracteriza Jesus, o “Príncipe da Paz”. A ira é considerada então, como um motor capaz de transformar uma energia potencialmente devastadora numa violência de vida que acompanha todo processo de nascimento; a ira autêntica se contrapõe às palavras mentirosas de uma paz indiferente; nessa ira, mesmo que explosiva, podemos discernir uma ânsia desesperada pela justiça.²⁰⁹

Conforme a autora, essa ira é um contra-poder, um potencial de transformação social que emerge do simples fato de pensar de outro modo e de manifestar isso; é um verdadeiro fator de mudança pessoal, que mobiliza forças insuspeitáveis em vista dum outro modo possível de vida. Tal ira é acompanhada pela bênção divina, pela chama do Espírito. A dualidade, o conflito fazem parte da realidade humana, e a hostilidade alheia é um risco inevitável presente em nossas relações. Posicionar-se ante esse conflito é algo que faz parte da bênção divina.²¹⁰

A ira é um impulso a agir, mas não obrigatoriamente de um modo vingativo e/ou destrutivo. Cf. Mt 5,38s: não o olho por olho, mas dar a outra face. Tal atitude revela que o ser humano pode reagir [a uma agressão] de outro modo que não o impulso agressivo espontâneo, sem que isso signifique renunciar a sua dignidade ou permanecer passivamente submisso ante uma situação humilhante. O próprio Jesus não seguiu ao pé da letra essa orientação, mas simbolicamente (cf. Jo 18,22s). Trata-se de evitar a espiral da violência. O que Jesus diz claramente é que o mal que constitui uma violência suscita uma reação de outra parte, uma tomada de posição (cf. Mt 5,37: que o sim seja sim, e o não seja não); não-

²⁰⁸BAUER, Johannes. *Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 197

²⁰⁹BASSET, Lytta. *Sainte colére* (Jacob, Job, Jésus). Paris: Bayard\Genève: Labor et fides, 2002, p. 13-15

²¹⁰BASSET, Lytta. *Sainte colére* (Jacob, Job, Jésus). Paris: Bayard\Genève: Labor et fides, 2002, p. 16

violência, então, não equivale a renunciar ou distorcer a palavra da verdade nem significa esconder o que está sendo feito de mau. Segundo Lytta Basset: “Trata-se de distanciar-se do comportamento violento chamando-o pelo seu verdadeiro nome”;²¹¹ trata-se de recusar o comportamento violento do outro, não o fazendo também seu próprio; é necessário educar-nos para vencermos a tendência a uma reação espontânea violentamente destrutiva, para uma reação de ira indignada sim, mas capaz de vencer o mal com o bem, capaz do verdadeiro perdão. A outra face que apresentamos não é, assim, o outro lado do rosto, mas mais propriamente o outro lado, não a violência destrutiva, mas o seu outro, isto é, uma atitude diferente, aquela duma pessoa desarmada, que não quer fazer mal à outra pessoa nem destruí-la, como fazem os violentos. Ou seja, não responder com força bruta, mas oferecendo a verdade duma face descoberta.²¹²

A bondade do Pai é na pregação de Jesus, a essência de Deus. Será este Deus, um bom Pai, para vir com o poder de Rei. Portanto, a atitude adequada perante o tribunal de Deus é a confiança. Em particular, todos os atributos emocionais da ira de Deus passam em segundo plano na pregação de Jesus.²¹³

O próprio Jesus disse: “não julgueis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada” (Mt 10,34; Lc 12,51s). É preciso superar uma visão “adocicada” do Cristo (“o doce Coração de Jesus”), porque a vida humana não se reduz à harmonia, mas é sempre ambivalente e comporta o conflito. Essa é a condição para seguirmos a Cristo na verdade daquilo que nós de fato somos. Jesus nos alerta a “não temer”, pois, na fé, podemos afirmar que a verdade divina a seu tempo se manifesta (cf. Mt 10,26s). Porém, a verdade incomoda a quem a está negando e não quer que ela se revele. Daí o conflito e a espada que corta até o mais profundo do interior humano, lá onde decidimos existencialmente ou pelo seguimento a Cristo, ou pelo caminho oposto ao d’Ele. É por isso que Aquele que é o caminho, a verdade e a vida provoca sempre conflitos e dissensões até nas famílias e comunidades aparentemente mais unidas; a irrupção da verdade destrói a harmonia social fundada na mentira das

²¹¹BASSET, Lytta. *Sainte colére* (Jacob, Job, Jésus). Paris: Bayard\Genève: Labor et fides, 2002, p. 75

²¹²BASSET, Lytta. *Sainte colére* (Jacob, Job, Jésus). Paris: Bayard\Genève: Labor et fides, 2002,p. 74-76

²¹³MIGGELBRINK, Ralf. *L’ira di Dio: Il significato di uma provocante tradizione bíblica*. Brescia: Editrice Queriniana, 2005, p. 100

unanimidades violentas. A falsa “verdade” da violência é assim desmascarada pela espada do Evangelho.²¹⁴

O próprio Cristo vem em nossa ajuda, dando-nos a capacidade de fazer esse discernimento, convidando-nos a “acolher o tempo de conflito e de crise não como uma calamidade, mas como o tempo doloroso dum nascimento”.²¹⁵

Esse processo é pascal, pois implica na “cruz” e “morte” que conduzem a uma vida nova, regida pelo amor; nesse sentido é que podemos entender a ruptura radical, mesmo com os familiares e amigos, em favor da primazia dada ao Cristo; é também por amor a essas pessoas que rompemos com elas para que o amor de Cristo se manifeste também a elas; não ficamos presos a ninguém e desejamos que toda pessoa possa viver a mesma liberdade do amor fundado em Deus (cf. Mt 10,37s; Lc 14,26); a espada do Evangelho nos leva a fazer escolhas, muitas vezes dolorosas, mas sempre radicadas no horizonte da solidariedade com nossos irmãos e irmãs. Por amor, aceitamos até perder o outro, para o bem dessa pessoa e por respeitá-la em seu ser livre (cf. Lc 15,11-32); a espada da vida é, assim, muito diferente da espada da guerra que destrói definitivamente as relações, que nega existência ao outro.

O Evangelho afirma que quem se encolerizar contra seu irmão e irmã será julgado (cf. Mt 5,22). Isso não quer dizer que nossa cólera deva ser reprimida, mas que deve ser assumida para ser purificada de tudo que não é santa cólera ou cólera de vida. Na origem de toda cólera santificada há o desejo de não fechar o outro na sua inconsciência, mas ajudá-lo a caminhar, inflamado pelo fogo divino [rumo a uma situação mais humana]. E citando Albert Camus: “a revolta não passa de um estranho amor. Ela é o movimento mesmo da vida e não podemos negá-la sem renunciar a viver [...] Ela é amor e fecundidade ou não é nada”.²¹⁶

Deus não quer impor medo, mas quer a vida para seus filhos e filhas (cf. 1 Jo 4,18). Lançar fora o medo remete mais uma vez à violência de vida, necessária para o cumprimento pleno do amor. Não se trata de castigo, mas de um desbaste que Deus provoca em nós, para que nos desembaracemos de tudo o que nos impede de cumprir plenamente o amor. Amor e cólera não são incompatíveis e o processo humano de santificação que leva ao perfeito amor

²¹⁴BASSET, Lytta. *Sainte colére* (Jacob, Job, Jésus). Paris: Bayard\Genève: Labor et fides, 2002, p. 240-242

²¹⁵BASSET, Lytta. *Sainte colére* (Jacob, Job, Jésus). Paris: Bayard\Genève: Labor et fides, 2002, p. 243

²¹⁶BASSET, Lytta. *Sainte colére* (Jacob, Job, Jésus). Paris: Bayard\Genève: Labor et fides, 2002, p. 287

passa pela cólera (cf. Mt 18,8). O caminho humano é pedregoso e o mais profundo paradoxo do Evangelho talvez seja que não avançamos em direção ao perfeito amor a não ser, como Jacó, mancando (cf. Gn 32,25.26.31.32s).²¹⁷

Conforme Moltmann, Deus ao decidir se comunicar descobre sua própria essência; do contrário, sua decisão não seria uma auto-comunicação do bem que é Ele mesmo. Mediante sua decisão descobre seu ser interior, lugar de sua bondade e seu próprio ser. Deus não se comunica a outros seres obrigado por força, nem por capricho, mas sim pelo impulso interior de seu amor eterno.²¹⁸

Portanto, a participação na ira de Deus pode ser experimentada somente na participação do amor apaixonado de Deus, com o qual ele quer tornar possível e sustentar a vida de cada ser humano e pelo qual não tolera e não suporta que um sequer possa se perder.²¹⁹

²¹⁷BASSET, Lytta. *Sainte colére* (Jacob, Job, Jésus). Paris: Bayard\Genève: Labor et fides, 2002, p. 342-346

²¹⁸MOLTMANN, Jungem. *Trinidad y Reino de Deus. La doctrina sobre Dios*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2 edicion, 1986, p. 73

²¹⁹MIGGELBRINK, Ralf. *L'ira di Dio: Il significato di una provocante tradizione bíblica*. Brescia: Editrice Queriniana, 2005, p. 197

CONCLUSÃO

O percurso de pesquisa até aqui mostrou que a Teologia do Coração de Jesus alimentou a fé de muitos cristãos em seus séculos de história. Ele é a plena revelação do mistério de Deus que se inclinou sobre a humanidade.

Um olhar histórico marcou os passos do primeiro capítulo. A devoção ao Coração de Jesus, por ser uma devoção diferente de todas as outras existentes, marcou a vida da Igreja e do mundo. De origem francesa, propagou-se pelo mundo inteiro, buscando responder aos clamores da época e muitas foram as lutas que se travaram a partir dessa “nova” devoção.

No período do Brasil colonial, o Senhor Bom Jesus era cultuado pelo povo brasileiro, onde aproximavam seus sofrimentos aos sofrimentos de Jesus. Com a chegada dos missionários europeus aos poucos foram “substituindo” essa devoção popular, por uma devoção mais “controlada” pela Igreja, pois trazia consigo a necessidade de reparação dos pecados cometidos e a confissão e comunhão frequentes, cada um era responsável para cumprir bem as ordens recebidas. E concluiu-se este primeiro capítulo com o reinado de Cristo.

Um olhar Bíblico marcou o segundo capítulo, possibilitando a aproximação do significado simbólico do Coração. A partir de Seu coração, Jesus se colocou junto aos mais sofridos, porque acreditava serem estes os mais necessitados de sua presença. Jesus viveu uma prática humano-libertadora, valorizando as pessoas, recuperando a dignidade, devolvendo-lhes a vida e Ele mesmo deu sua vida como obra máxima de seu ser e de seu agir, porque no núcleo de seu Coração estava o amor.

O amor humano e divino de Jesus continuam sendo uma resposta e uma proposta para este tempo. Em nossos dias, há um desejo em conhecer sempre mais o Jesus da história. A pergunta de Jesus: “E vós, quem dizeis que eu sou”? continua a interpelar os “devotos do Sagrado Coração”, a penetrar profundamente no mistério humano e divino de Jesus e para responder a essa pergunta é preciso escutar de novo o convite do Senhor: “Vinde a mim(...) porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 28).

O terceiro capítulo desafiou a um novo olhar teológico do Coração de Jesus. O Coração transpassado de Jesus nos remete ao coração do mundo, ali estão os transpassados da história, que por sua vez apontam para o crucificado. Se a devoção perder a vinculação com a história, correrá o sério risco de tornar-se alienada e alienante.

A grande questão está na prática da compaixão e da misericórdia. Viver hoje, a misericórdia, é viver segundo a opção fundamental do ser cristão. As pessoas sofridas clamam não só por compaixão, mas por misericórdia. Sentir a dor do outro é o primeiro passo para uma ação solidária, mas o segundo é a concretização da prática misericordiosa. A solidariedade implica numa atitude humanitária continuada e compromissada, coerente com o seguimento de Jesus de Nazaré.

A Teologia do Coração como revelação da encarnação de Deus no mundo, quer recuperar a dignidade do ser humano como obra prima de Deus. Frente ao sofrimento no mundo, a solidariedade, a compaixão e a misericórdia traduzidas em ação tornam-se gesto de caridade que revelam o amor de Deus para com o ser humano.

Não é possível permitir que vidas humanas desfaleçam por falta de atitudes solidárias e misericordiosas. A solidariedade, a caridade, a partilha, a compaixão, a sensibilidade que faz das pessoas serem mais humanas, são formas que possibilitariam a construção de uma sociedade não mais baseada na lei do mais forte, do mercado, do lucro, mas a partir da dignidade e da grandeza do ser humano por revelar o Coração de Deus.

REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

ARRUPE, Pedro. *La Iglesia de hoy y del futuro*. Bilbao– Espanã: Ediciones Mensajero, 1982.

AZZI, Riolando. Do bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador: Um aspecto da evoluçã da Teologia e da Espiritualidade Católica no Brasil. *Revista Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, ano 18, n.45, p.215-233.

_____. Do Bom Jesus Sofredor ao Cristo Libertador: Um aspecto da evoluçã da Teologia e da Espiritualidade Católica no Brasil. *Revista Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, ano 18, n.46, set-dez de 1986, p.343-358.

_____. *A Cristandade colonial: um projeto autoritário*. S. Paulo: Paulinas, 1987.

_____. *O altar unido ao trono*. São Paulo: Paulinas, 1992.

BAUER, Johannes. *Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Loyola, vol I, 1972.

_____. *Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo, Loyola, 2000.

BARRETO, J e MATEOS, J. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989.

BASSET, Lytta. *Sainte colère* (Jacob, Job, Jésus). Paris: Bayard / Genève: Labor et fides, 2002.

BENTO XVI. *Carta Encíclica*. Deus Caritas Est. São Paulo: Paulinas, 2006.

BIBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, rev. São Paulo: Paulinas, 1985.

BINGEMER, Maria Clara. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias glorioso*. São Paulo: Paulinas, 2008.

BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo – paixão do mundo: o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *O caminhar da Igreja com os oprimidos*. São Paulo: Vozes, 1988.

BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o Novo Milênio*. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

BORTOLINI, José. *Como ler o Evangelho de João*. São Paulo: Paulus, 1994.

BOVENMARS, John. Espiritualidade do Coração. In. *A Espiritualidade do Coração*. São Paulo: Loyola, 1988.

CARAVIAS, José. *O Deus de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1987.

CARDOSO, Eugenio A. Evolução histórica da Espiritualidade do Sagrado Coração nos ensinamentos da Igreja. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989.

CECHINATO, Luiz. *Os 20 séculos de caminhada da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHEVALIER, Jean in GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 10. Ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1996.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Ele está no meio de nós*. São Paulo: Paulinas, 1998.

COMBY, J. Para ler a História da Igreja II. *Do século XV ao século XX*. São Paulo: Loyola, 1994.

COMBLIN, J. *O Caminho*. São Paulo: Paulus, 2004.

DÁVALOS, G. Luis Arturo. A Apostolicidade da opção pelos pobres. In: VIGIL, José Maria (Org.) *Descer da cruz os pobres*: Cristologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2007.

DEPTULA, Jerzy. *O culto ao Coração de Jesus*. São Paulo: Loyola, 1988.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2007.

DOCUMENTO DE PUEBLA. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979.

DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO: IV Conferência do Episcopado latinoamericano. *Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã*. “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre” (Hb 13, 8). Petrópolis: Vozes, 3 ed. 1993.

DUCCI, Francisco. O Coração de Jesus Cristo. In: *A Espiritualidade do Coração*. São Paulo: Loyola, 1988.

FABRIS, R. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 1992.

FERRARO, Benedito. *Cristologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*. São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. *Cristologia*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOMES, Paulo R. A Espiritualidade libertadora do Sagrado Coração. In: *Revista Grande Sinal*. Petrópolis: Vozes, maio-junho, 1997.

GUTIERREZ, G. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 1990.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica*. Dives in Misericordia: 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

LIBÂNIO, JB. O amor misericordioso do Coração de Cristo e a libertação integral do homem. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. S. Paulo: Loyola, 1992.

MACKENZE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 2 edição, 1984.

MAGGIONI, Bruno. *Era verdadeiramente homem: Revisitar a figura de Jesus nos Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 2003.

MAÇANEIRO, Marcial. Oração e solidariedade como mística do coração. *Revista Grande Sinal*. Petrópolis: Vozes, maio\junho 1997.

MIGGELBRINK, Ralf. *L'ira di Dio: Il significato di una provocante tradizione biblica*. Brescia: Editrice Queriniana, 2005.

MOLTMANN, Jungem. *Trinidad y Reino de Dios: La doctrina sobre Dios*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2 edicion, 1986.

MO SUNG, Jung. *Deus numa economia sem coração: pobreza e neoliberalismo: um desafio à evangelização*. São Paulo: Paulus, 3 ed. 1992.

PIO XI. *Carta Encíclica*. Miserentissimus Redemptor: La expiación que todos deben al Sagrado Corazón de Jesús. Roma, 1928. Disponível em:

http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicas/documents/lhf_p_xi_enc_08051928_miserentissimus-redemptor_en.html>. Acesso: 20 nov. 2009.

PIO XII. *Carta Encíclica*. Haurietis Aquas: Rio de Janeiro: Mensageiro do Coração de Jesus, 1956.

RAHNER, Karl. *Teologia Del Cuore di Cristo*. Roma: Edizione ADP, 1995.

SCHNEIDER, Roque. *A Espiritualidade do Coração de Jesus: Ontem e hoje*. S. Paulo: Loyola, 2000.

STALDEMANN, Luiz. A espiritualidade do Coração de Jesus e seus fundamentos bíblicos. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo, Loyola, 1989

STORNILO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Mateus*. São Paulo: paulinas, 1990.

SEGALA, Aldino. A Igreja Católica no Rio Grande do Sul: da separação do Estado às vésperas do Vaticano II. In: BERNARDI, José (org) *História e missão da Igreja no RS*. Porto Alegre: EST edições, 2007.

SEHNEM, Francisco. A misericórdia de Cristo nos sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia. In: *Um Coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. A história de Jesus de Nazaré. São Paulo: Vozes, 1994.

_____. Epílogo. In: VIGIL, José Maria (org.) *Descer da cruz os pobres. Cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. Humanizar uma civilização enferma. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*. n. 329 – 2009\1. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. Redenção da globalização: As vítimas. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*. n. 293 – 2005\1. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *O princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SUSIN, Luis Carlos. *Jesus Filho de Deus e Filho de Maria: Ensaio de Cristologia narrativa*. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. *Viver, contar, pensar*. Porto Alegre: ESTEF, 2009.

_____. Introdução: “Coração de Jesus” uma obra de síntese com sabor patrístico. In: GILLONNAY, B. *O humano em Cristo*. Porto Alegre: EST Edições, 1996.

_____. O privilégio e o perigo do “lugar teológico” dos pobres na Igreja. In: VIGIL, José Maria (Org.). *Descer da cruz os pobres: Cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. O homem messiânico. *Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre\Petrópolis: EST\Vozes, 1984.

VAZ LIMA, José Carlos. O Culto ao Coração de Jesus na religiosidade popular. In: *Um coração novo para um mundo novo*. São Paulo: Loyola, 1989.

http://www.acidi.gov.pt/docs/press_releases/comunicado_18_dezembro.pdf>
Acesso em 16/10/2009

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/migrantes/migrantes.shtml>> Acesso em 08/11/2009

http://www.clientes.pluricanal.net/pls16260/pobreza_no_mundo2.htm>
Acesso em 16/10/2009